UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM EDUCAÇÃO NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

O ESTAR-JUNTO NA VIDA COTIDIANA NO PARQUE ALVORADA – JORGE BACKES: TÁTICAS E ASTÚCIAS.

MANOEL DO CARMO DA MOTTA FILHO

Francisco Beltrão – PR

2015

MANOEL DO CARMO DA MOTTA FILHO

O ESTAR-JUNTO NA VIDA COTIDIANA NO PARQUE ALVORADA – JORGE BACKES: TÁTICAS E ASTÚCIAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação – nível de Mestrado – Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos Marques.

Francisco Beltrão – PR

2015

Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão

Motta Filho, Manoel do Carmo da
M921e O estar-junto na vida cotidiana no Parque Alvorada – Jorge Backes: táticas e astúcias. / Manoel do Carmo da Motta Filho. – Francisco Beltrão, 2015.
156 f.

Orientadora: Profª Drª Sônia Maria dos Santos Marques.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2015.

1. Educação não-formal. 2. Lazer. I. Marques, Sônia Maria dos Santos. II. Título.
CDD 20 ed. – 306.4812

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

FOLHA DE APROVAÇÃO

MANOEL DO CARMO DA MOTTA FILHO

Título do Trabalho: O ESTAR-JUNTO NA VIDA COTIDIANA NO PARQUE ALVORADA – JORGE BACKES: TÁTICAS E ASTÚCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Nível de Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestre em Educação ao autor.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Deonir Luís Kurek
UNIOESTE – Campus de Cascavel

Profª. Drª. Vanessa Furtado Fontana
UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão

Profª. Drª. Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria/RS

Profª. Drª. Sônia Maria dos Santos Marques
Orientadora – PPGEFB/UNIOESTE – Francisco Beltrão

Francisco Beltrão, 13 de outubro de 2015

A minha família, pela importância não reduzível em palavras.

Aos professores de meu trajeto, sem suas oportunidades e energias não haveria mérito.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de expressar em palavras o que já sinto sob uma razão sensível. A tentativa de coletar um fragmento da imensidão irrepresentável que cada um ocupa em minha memória e que, cada um a sua maneira, contribuiu com apoio, incentivo, esclarecimentos e suportes (afetivos, psicológicos, intelectuais e burocráticos) que viabilizaram todas as etapas desse processo.

À minha família: meu pai Manoel, minha mãe Vera e meu irmão Gabriel, pelo apoio, incentivo, atenção, prontidão nos momentos de necessidades, estrutura e compreensão dos instantes de horas os quais não me fiz presente e os inúmeros momentos de instabilidade emocional.

A Sueza, companheira e aliada que me faz sentir e querer a cada dia a perda de um eu diluído em um nós. Agradeço pelo apoio, por caminhar junto nas conquistas e desafios, pela compreensão e paciência, pelos diálogos e análises de cada dia, pelo amor que construímos.

Ao Célio Roberto Eyng, professor e amigo, pelas discussões epistemológicas, sugestões, contribuição, apoio e participação fundamental em meu processo de formação profissional e pessoal.

A minha brilhante orientadora, Sônia Maria dos Santos Marques, pelas indicações no percurso acadêmico, pela prontidão e pré-disposição, pela paciência nas longas e primorosas orientações com discussões e análises teórico-metodológicas que alicerçam minha formação, pelo que é pessoal e profissionalmente a qual tenho como referência.

A Zelinda Corrêa, pela prontidão e empenho na competente viabilização de cada etapa de meu percurso pelo programa de Mestrado.

Ao professor André Castanha, pelo esforço e belíssimo trabalho que dedica a coordenação e alunos do Programa de Pós-Graduação *Strictu sensu* em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Francisco Beltrão.

Aos professores das disciplinas do programa de Mestrado, pelas sugestões, pelo esforço e contribuições durante todo o percurso.

A todos os colegas de turma, pelas conversas inquietantes, pelas sugestões, pelas alegrias e tensões que resultaram em crescimento e amadurecimento pessoal e intelectual frente as adversidades da vida.

Aos colegas do colegiado do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Francisco Beltrão, que contribuíram em todo o processo por meio de troca de experiências, sugestões de autores e procedimentos, e nos momentos em que precisei conciliar diferentes compromissos.

Agradeço a todos os amigos e familiares que aqui não foram nomeados, mas que de forma direta ou indiretamente contribuíram e compartilharam as alegrias e tristezas dessa vida que retira sua vitalidade do adverso.

MOTTA FILHO, Manoel. **O estar-junto na vida cotidiana no Parque Alvorada – Jorge Backes:** táticas e astúcias. 2015. 156 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, 2015.

RESUMO: Na vida cotidiana podemos identificar o borbulhar das interações dos sujeitos nos espaços que frequentam. A forma com que atuam, assumem papéis e desenvolvem suas atividades é influenciada pelo contexto do qual fazem parte e no qual se compõem as práticas cotidianas que constituem a vida ordinária dos sujeitos. Convém lembrar que essa circunstância nem sempre é percebida conscientemente por eles, pois, inclui uma rede de acontecimentos anódinos que integram o vivido e experimentado nos espaços. Foi a partir dessa percepção que constituímos a investigação para a dissertação de mestrado: **"**O estar-junto na vida cotidiana no Parque Alvorada – Jorge Backes: táticas e astúcias". Para dar suporte à investigação elaboramos as seguintes questões de pesquisa: quais as invenções cotidianas dos sujeitos com e nos espaços do Parque? Qual a ética da estética presente nas maneiras de fazer dos sujeitos em relação às normas de utilização do Parque e aquelas que caracterizam um elo com o Outro? Qual o princípio educativo das táticas, astúcias, invenções cotidianas e interações no cotidiano dos sujeitos? A pesquisa teve como objetivo: conhecer as práticas de utilização do Parque no cotidiano dos sujeitos, com atenção aos elementos que caracterizam um processo educativo menor nas interações estabelecidas pelos sujeitos naquele lugar. Apoiados em pressupostos etnográficos, realizamos as incursões em campo, pautadas na observação e anotações em um Caderno de Notas e um Diário de Campo, com registro fotográfico, juntamente com a busca por documentos que nos auxiliassem na compreensão do *lócus* da pesquisa. Na análise do material estabelecemos esforço para coligar as práticas e vivências cotidianas com o trabalho realizado pelo pintor Georges Seurat a respeito dos hábitos de utilização dos frequentadores da ilha da Grande Jatte do século XIX em Paris, juntamente com autores que oferecem aporte teórico-metodológico da investigação, tais como, Michel de Certeau (1994); Michel Maffesoli (1998; 2001; 2004; 2005; 2007; 2009; 2010); Marc Augé (2012), Georges Balandier (1999) e Silvio Gallo (2002). Dessa forma, na pesquisa, apresentamos as características das práticas de utilização dos sujeitos que reinventam os espaços, os transformam em lugares qualificados e significativos: interagem na construção de elementos que compartilham e que os (re)ligam a um grupo no qual constroem sua subjetividade, ao mesmo tempo em que subjetivam outros por meio de um processo de educação menor, no qual os sujeitos operam a desterritorialização das prescrições dos espaços e placas que acaba por instituir novas maneiras de fazer e amplia o repertório de táticas e astúcias à serem acionadas em novas conexões.

Palavras-Chave: Estar-junto nas práticas de utilização. Educação menor. Invenções cotidianas – Parque Alvorada - Jorge Backes.

.

MOTTA FILHO, Manoel. **The being-together in quotidian life in Parque Alvorada – Jorge Backes:** tactics and gimmics. 2015. 156 f. Dissertation (Master)-Post-Graduation Program in Education. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, 2015.

ABSTRACT: In quotidian life we can identify the bubbling of interactions from guys in spaces they frequent. The way they act, take on roles and develop their activities is influenced by the context on which they take part in and in which compose daily practices that constitute the ordinary life of them. It should be remembered this situation is not always consciously remembered by them, because this includes a line of anodyne events that integrate the lived and experienced in the spaces. From this point of view we constituted the investigation for master's thesis: "The being-together in quotidian life in Parque Alvorada – Jorge Backes: tactics and gimmicks". For supporting the investigation we elaborated the following questions of research: Which quotidian inventions of the guys with and in the space of the Park? Which the ethic of esthetics present in the manners of doing of the guys in relation to the rules of utilization of the Park and those that characterize one link to another? Which the educational principle of tactics, gimmicks, quotidian inventions and interactions between in quotidian of the guys? The research had as its aim: recognize the pratices of utilization of the Park in the guys's quotidian, with attention to the elements that characterize a lower educational process in established interactions by guys on that place. Supported in ethnographic assumptions, we performed the incursions in field, guided by observation and notes in a writing pad and a field diary, with photographic register, together with the research for documents that helped us in the understanding of locus of research. In material analysis we established effort to gather practices and quotidian experiences with the work done by the painter Georges Seurat in respect of the habits of utilization by the users from Great Island of Jatte on XIX century in Paris, together with authors who offer technical and methodological support of investigation, such as, Michel de Certeau (1994); Michel Maffesoli (1998; 2001; 2004; 2005; 2007; 2009; 2010); Marc Augé (2012),Georges Balandier and Silvio Gallo (2002). In this way, in research, we showed the characteristics of the utilization practices of the guys which reinvented the spaces, turned them in qualified and significant places: interact in the construction of elements they share and (re)link them to a group which they build their subjectivity, at the same time they subjective other through a smaller education process, which the guys operate deterritorialization from prescription of spaces and plates that ends by establishing new ways of doing and expands the repertory of tactics and gimmicks to be added in new connections.

Key-words: Being-together in utilization practices. Lower education. Quotidian inventions – Parque Alvorada - Jorge Backes.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná 25
Mapa 2: Bairro Alvorada na entrada da cidade com o Parque Alvorada - Jorge Backes.....27
Mapa 3: Bairro Alvorada na entrada da cidade com o Parque Alvorada - Jorge Backes.....28
Mapa 4: Ilha da Grande *Jatte*, no rio Sena, em Paris. 52

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Entrada 1 do Parque Alvorada - Jorge Backes no portal da cidade. 29
Fotografia 2: Pista que corta o Parque com vista da segunda parte que possui o lago 30
Fotografia 3: Aparelhos de exercícios vistos da lateral da pista. 32
Fotografia 4: Segundo duto de canalização do córrego Jaquini com acesso para o Parque no fundo das casas. 34
Fotografia 5: Terceiro duto de canalização do córrego Jaquini com vista para a lateral direita do Parque. 34
Fotografia 6: Placa referente ao complexo esportivo do Parque Alvorada 46
Fotografia 7: Projeção textual e imagética do *playground* em relação à sua construção real .. 47
Fotografia 8: "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)". 53
Fotografia 9: Inundação do Parque Alvorada - Jorge Backes 58
Fotografia 10: Lugar construído para prática da pesca 60
Fotografia 11: Trilha em área de preservação com acessos ao rio. 60
Fotografia 12: Cancha de bocha vista da rua que atravessa o Parque 62
Fotografia 13: Elemento prescritivo do "não lugar" 63
Fotografia 14: Ilha da Grande Jatte contemporânea. 64
Fotografia 15: *Playground* com corrente do balanço enrolada. 71
Fotografia 16: Estação de São Lazaro – Claude Monet. 75
Fotografia 17: "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)". 75
Fotografia 18: Campeonato de *skate* na quadra de basquete. 81
Fotografia 19: Campeonato de *skate* na quadra de basquete. 82
Fotografia 20: Elástico do *slackline* preso nas árvores. 83
Fotografia 21: Rede de *badminton* com volantes (*birdie)* no chão 83
Fotografia 22 e 23: Árvores personificadas pelos frequentadores do Parque. 90
Fotografia 24 e 25: Árvores personificadas pelos frequentadores do Parque. 90
Fotografia 26 e 27: Placas e muro personificados pelos frequentadores do Parque. 91
Fotografia 28: Imagem da obra com sinalização às embalagens de produtos consumidos. 92
Fotografia 29: Recorte da versão final da obra de Seurat que evidencia a cocota (*Cocotte).* .. 94
Fotografia 30: Aparelho de ginástica. 101
Fotografia 31: Imagem dos fundos do Parque. Parte de trás do restaurante. 108
Fotografia 32: Vista da praça construída atrás do restaurante. 113

Fotografia 33, 34 e 35: Lata de alumínio preparada para o consumo do *crack*.....116
Fotografia 36: Coerência e códigos estéticos para o estar-junto presente nas maneiras de se vestir. 122
Fotografia 37 e 38: Estudos realizados por Seurat referentes à imagem da enfermeira.....123
Fotografia 39: Placa da entrada na segunda parte do Parque. 135
Fotografia 40: Placa em frente aos aparelhos de exercícios. 135
Fotografia 41 e 42: Área de preservação retirada. 137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1

CAMINHOS METODOLÓGICOS E PRESUPOSTOS DE ANÁLISE 18

1.1 Caminhos metodológicos 18

1.2 O campo de pesquisa: Parque Alvorada - Jorge Backes 24

1.3 O processo analógico como pressuposto de análise. 48

CAPÍTULO 2

TÁTICAS E INVENÇÕES NO COTIDIANO DOS SUJEITOS 57

2.1 Invenções e ressignificações dos lugares 57

2.2 Táticas, astúcias e novas práticas 65

2.3 A virtualização e ressignificação dos lugares 77

2.4 As figuras do *hic et nunc* 86

CAPÍTULO 3

AS MANEIRAS DE FAZER QUE (RE)LIGAM OS SUJEITOS 99

3.1 As astúcias que (re) ligam: o estar-junto nas práticas compartilhadas 99

3.2 Novos circuitos 106

3.3 Das práticas às sombras 110

CAPÍTULO 4

UMA EDUCAÇÃO MENOR NAS TÁTICAS E ASTÚCIAS DOS SUJEITOS 129

CONSIDERAÇÕES FINAIS 145

REFERÊNCIAS 153

a) Obras 153

b) Artigos e capítulos de livros 154

c) Mapas e Fotografias 156

INTRODUÇÃO

Os primeiros passos em direção ao tema que norteou a elaboração da pesquisa foram dados há aproximadamente dois anos antes do ingresso no programa de Mestrado em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Naquele período, havíamos concluído a graduação em Artes Visuais e cursávamos a graduação em Pedagogia, quando participamos de diversas discussões, análises e estudo de autores vinculados às temáticas da Educação, do cotidiano, bem como, fundamentos da Arte e Educação Estética.

O contato e estudo da temática do cotidiano proporcionou a aproximação com o universo artístico por meio da sensibilização com o meio ambiente, quanto às produções culturais contidas no cotidiano dos sujeitos, bem como, em relação aos elementos estéticos presentes na paisagem. Esse processo ampliou nosso olhar para as questões culturais, estéticas e educacionais que se inter-relacionam na cotidianidade, sobretudo no Parque Alvorada - Jorge Backes, no qual desenvolvemos a pesquisa.

Por morarmos no mesmo bairro de sua localização, o Parque esteve inserido em nosso cotidiano como cenário de corridas, contato com a natureza, repouso e caminhadas ao longo de um período originário da infância. À medida que os estudos avançavam sobre as temáticas relacionadas à cultura, Educação e Arte, nosso olhar para o Parque também se modificava com a percepção de elementos que anteriormente nos passavam despercebidos. Eis que, a partir dos estudos realizados e o crescente interesse pelo Parque, impulsionados pela fertilidade frente à riqueza das construções cotidianas dos sujeitos, os pontos do projeto dessa pesquisa se estabeleceram.

O ingresso no programa de Mestrado proporcionou o aprofundamento nas questões que já vínhamos estudando, tanto as que se referiam ao processo de pesquisa quanto às relativas ao método e metodologias que permitiram desenvolver a investigação. Naquele momento, foi necessário nos debruçarmos sobre as questões epistemológicas que nortearam o desenvolvimento da pesquisa, bem como lapidar questões pensadas inicialmente no projeto.

A cada momento de discussão e familiaridade com novos autores repensávamos e aprimorávamos nosso enfoque de pesquisa, por meio do contato com novas metodologias, conceitos e instrumentos para qualificar as incursões em campo. Diante desse processo pudemos estabelecer as dimensões de nosso problema, expresso por meio de questionamentos como: quais as práticas de utilização no Parque Alvorada - Jorge Backes presentes no

cotidiano dos sujeitos? Quais as invenções cotidianas dos sujeitos, suas maneiras de fazer (CERTEAU, 1994) com e nos espaços do Parque? Qual a ética da estética presente nas maneiras de fazer dos sujeitos em relação às normas de utilização do Parque, bem como as formas que caracterizam um elo com o Outro e o lugar? Qual o princípio educativo das táticas, astúcias, invenções da vida diária e interações no cotidiano dos sujeitos?

As questões nos surgiram a partir do objetivo de conhecer as práticas de utilização no cotidiano dos sujeitos no Parque, com atenção aos elementos que caracterizam um processo educativo menor (GALLO, 2002), nas interações estabelecidas pelos sujeitos naquele lugar. Como parte de nossa intenção, estabelecemos diálogo com o trabalho realizado pelo pintor impressionista do século XIX, Georges Seurat, uma vez que, entre suas produções artísticas está a obra "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte – 1884/1886", a qual se apresenta como resultado do estudo realizado pelo pintor sobre os hábitos burgueses dos parisienses no século XIX. Dessa forma, ocupamo-nos nessa pesquisa em descrever as éticas e estéticas das invenções cotidianas, das maneiras de fazer (CERTEAU, 1994), assim como do estar-junto dos sujeitos num diálogo com as práticas percebidas na obra e no processo de construção, realizado por Seurat.

Por nossa formação em curso de graduação e o trabalho com a disciplina de Arte em instituições de ensino superior e da educação básica, estabelecemos diálogo com os elementos compositivos da imagem para o desenvolvimento de análises a partir de conexões estabelecidas pelos alunos. Dentre os elementos compositivos encontramos o Ponto, que resulta e dialoga com outros aspectos da imagem, sendo necessário um estudo de suas possibilidades como forma de nutrir e ampliar o olhar para a relação com as linguagens da Arte.

Esse fora um dos fatores que nos aproximou da obra de Georges Seurat, uma vez que dialogávamos com a forma como elaborou a obra e com a técnica que chamou de pontilhismo. A superfície do quadro de Seurat está coberta por inúmeras pinceladas em Ponto, unidas a traços extremamente curtos na horizontal, vertical e diagonal, característica que ressaltamos durante as aulas de Arte em diferentes níveis de ensino.

Ao nos relacionar com a forma como compôs esta obra, também nos conectamos com sua técnica e as características que seguia para o desenvolvimento da pintura. Esses aspectos de sua técnica se aproximam do movimento da Arte do século XIX chamado de Impressionismo. Durante as análises dos objetivos da pintura impressionista, expressos na

técnica de Seurat, percebemos semelhanças com a forma com que procurávamos olhar para Parque, estimulando o *insight* para perceber as práticas dos sujeitos como pontos que, em um movimento de relação, interação e influência, compunham o contexto de um período e de determinado local.

Seurat desenvolveu o trabalho com o qual fizemos analogia em uma ilha com o nome de "Grande Jatte" as margens do rio Sena em Paris. A ilha continua presente no cotidiano dos moradores da cidade, embora tenha passado por mudanças relacionadas ao tempo presente e as práticas de uso dos frequentadores. Esse elemento caracteriza uma semelhança entre o espaço no qual Seurat realizou seu trabalho e o nosso, uma vez que ambos contêm os hábitos e práticas dos sujeitos que expressam cada um a sua maneira, elementos de uma época. Com isso, as incursões ao estudo dos trabalhos e contexto do pintor, bem como o diálogo com colegas da área de arte, estimularam para que continuássemos o empreendimento investigativo.

Estabelecido o complexo problemático que postula sua atualização (LEVY, 1996) procuramos no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pesquisas relacionadas a nossa temática. Encontramos pesquisas vinculadas ao tema do cotidiano, lazer, turismo e urbanismo em parques. As áreas de maior concentração foram Educação Física e Educação Ambiental. Por isso, os enfoques tratam, em grande parte, de questões relacionadas à conservação e impactos ambientais, o uso do espaço público, com ênfase nas atividades de lazer e questões de infraestrutura dos parques urbanos.

Entre as dissertações relacionadas à Educação Ambiental destacamos a de Ivanir Ortega, do programa de Pós-Graduação em Geografia desta mesma Universidade (2012), realizada no Parque Alvorada - Jorge Backes, mesmo local no qual realizamos nossa pesquisa e que contribuiu para as incursões em campo com o trabalho de conhecimento do local. Na pesquisa realizada no site da CAPES não foram encontradas teses nem dissertações com discussões que relacionam a obra de Georges Seurat. Contudo, os trabalhos localizados sobre a vida e produção artística desse pintor consistem em livros e artigos.

Com a busca realizada para verificação de pesquisas próximas a esta temática, percebemos a importância deste trabalho com as práticas de utilização dos sujeitos no Parque, sobretudo, com relação à educação. Interessa-nos a busca pelo vivido, as interações estabelecidas cotidianamente, as características do consumo do tempo presente, os acordos estabelecidos entre os sujeitos, elementos compartilhados, produtores de vitalidade. Para

tanto, é necessário uma nova postura do pesquisador que, como sugere Certeau (1994, p. 73-74, grifo do autor) "não é mais a posição de profissionais, supostamente cultos entre selvagens, mas aquela que consiste em ser um estrangeiro *na própria casa*, um "selvagem" no meio da cultura ordinária".

Vemos aqui a contribuição do olhar para a "cultura ordinária" e o universo micro cultural dos sujeitos que reinventam seu cotidiano, ao mesmo tempo em que são reinventados por ele. Buscamos o sujeito coletivo, que compartilha e incorpora sistemas de significações e, possui assim, uma identidade múltipla formada na interação social, constantemente reorganizada, reavaliada e reconfigurada. A esse respeito, Cardoso (1999, p. 80) expõe que "o sujeito não produz o seu próprio significado, as estruturas da significação lhe são sempre proporcionadas de fora como algo já dado. A ilusão de um eu 'pontual' (quando, na realidade, se trata de uma "rede de significações" mais do que um ponto fixo)". O autor prossegue, dizendo que tal ideia "vem de que, no imaginário, o sujeito constrói e organiza o mundo centrado em si mesmo, apesar de sua realidade existencial ser radicalmente descentrada" (CARDOSO, 1999, p. 80).

Essa compreensão diferencia-se da perspectiva individualista proveniente do sujeito do Iluminismo, para o qual se acreditava possuir uma identidade unificada, centrada em si mesmo, com ênfase na razão; um sujeito cartesiano pautado na palavra de ordem proferida por Descartes (1596 – 1650): "Penso, logo existo". O sujeito pensado a partir dessa perspectiva individualista é aquele que possui uma identidade estável e única desde seu nascimento, uma essência do eu representada por sua identidade (HALL, 2011).

Com o aumento da complexidade frente à organização econômica e social surgiram questões que colocaram em crise a subjetividade de um sujeito que age e domina sua existência, consciente de suas relações e ações. Surge então o sujeito sociológico, mediante a influência de descobertas na biologia, que postulava o diálogo com questões da natureza, e o desenvolvimento da sociologia e psicologia que abriam uma nova demanda para as questões referentes à constituição cerebral.

Nessa perspectiva, o sujeito constitui sua identidade por meio da interação com o meio e as condições que lhe são dadas. Para essa concepção, o sujeito não nasce com uma identidade essencial definida, mas a constrói durante sua existência no dialogo com o outro, e a medida que sofre as influências da estrutura social. Entretanto, apesar de construída na interação social e reconstruída no diálogo com sua cultura, há uma essência que mantém a unidade individual da identidade do sujeito (HALL, 2011).

Somente a partir da segunda metade do século XX essas concepções de sujeito começam a ganhar novas formas. Surge uma concepção de identidade fragmentada em detrimento a unidade e estabilidade do sujeito do Iluminismo e sociológico. Sua identidade não é mais fixa, nem mesmo única, varia uma vez que o sujeito pode se identificar com diferentes elementos de sua cultura. Assim entendida, a identidade do sujeito Pós-Moderno, argumenta Stuart Hall (2011, p. 13), "torna-se uma "celebração móvel" [...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente".

Essa nova compreensão evidencia a morte como sujeito unificado em sua identidade e significações, e, ao mesmo tempo, a morte do homem como objeto reificado, no sentido de que não é mais concebido como um sujeito somente determinado. As interações cotidianas contribuem para que ele se constitua no coletivo e, por meio de construções compartilhadas, emerjam elementos que cimentem, ainda que de forma efêmera, as relações entre os grupos.

É em busca dos sujeitos múltiplos, constituintes e constituídos pelo coletivo que seguimos no processo de escrita desta pesquisa, uma vez que buscamos torná-la palco do diálogo presente no cotidiano dos sujeitos e, por conseguinte, deixar que os elementos percebidos no Parque falem, expressem-se os tornando audíveis, com o evidenciar das conexões que estabelecem as colaborações e produções. Próximo ao que evidencia Deleuze (1995, p. 11), "como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante [...] Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados".

CAPÍTULO 1

CAMINHOS METODOLÓGICOS E PRESUPOSTOS DE ANÁLISE

1.1 Caminhos metodológicos

O campo no qual desenvolvemos a pesquisa foi inaugurado em dezembro de 2004, inicialmente, com o nome de Parque Temático e Ambiental Marrecas. Somente em 28 de novembro de 2005, um dos vereadores da Câmara Municipal de Francisco Beltrão propôs a mudança a fim de homenagear um dos pioneiros da comunidade, conforme justificativa constante na proposição nº 054/2005:

> O Senhor Jorge Backes, catarinense de Bom Retiro junto com sua esposa Vergolina Rosa, chegaram a então Vila Marrecas, hoje Francisco Beltrão, em 01 de novembro de 1947.
>
> Aqui chegando se estabeleceram aonde hoje é o Bairro Alvorada ocupando justamente a área do parque, propriedade esta que nos dias de hoje ainda residem muitos de seus familiares.
>
> Seu Jorge Backes e Vergolina tiveram 13 filhos, sendo que 09 destes são beltronenses, nascidos no Bairro Alvorada.
>
> Além de pioneiro e fundador desta comunidade, Jorge Backes foi um dos muitos moradores da comunidade que lutaram pela criação da Escola Reinaldo Sass, anteriormente denominada grupo Escolar Alvorada, participou ativamente na campanha de compra e construção da primeira igreja, bem como do Conselho Pastoral, e festeiro nas promoções da comunidade.
>
> Isto posto, Senhor Prefeito, entendo ser justa e oportuna esta homenagem, pois na condição de Vereador representante naquele Bairro junto a Câmara Municipal e conhecedor da luta e sacrifício deste pioneiro Jorge Backes e de sua família por mais de 50 anos, ajudando a construir a nossa cidade e o nosso Município é que proponho a presente matéria.
>
> Diante do exposto, e certo do acolhimento da mesma subscrevo atenciosamente (FRANCISCO BELTRÃO, 24 de maio de 2005).

Como podemos ver, o Parque recebeu seu nome em homenagem a um dos moradores da área no qual foi construído. Com participação expressiva, entre os elementos citados na justificativa, estão a criação do Colégio Reinaldo Sass, localizado no mesmo bairro, assim como a Igreja, ambas as construções presentes no bairro, atualmente. Justificada a proposição,

o prefeito deferiu o pedido alterando a denominação de Parque Temático e Ambiental Marrecas para Parque Alvorada – Jorge Backes.

Como visto anteriormente, um dos motivos para a escolha do Parque como campo para realização da pesquisa ocorreu pelo fato de se inserir de forma expressiva em nosso cotidiano, uma vez que, como moradores do bairro, o frequentávamos para a realização de atividades físicas. Um segundo elemento que contribuiu para a escolha desse Parque foi a riqueza de elementos, bem como o interesse pelo cotidiano, uma vez que as interações entre os sujeitos, percebidas mesmo durante os estudos iniciais já referidos, mostravam sua expressão como espaço de criação e reinvenção no qual os sujeitos compartilham e se constroem na alteridade.

Por fim, um último elemento que contribuiu para a escolha do Parque Alvorada – Jorge Backes foi os dados obtidos por meio da pesquisa realizada por Ione Modanese (2010), sob a perspectiva da Educação Ambiental em outro parque em Francisco Beltrão, denominado Parque de Exposições Jaime Canet Junior. Durante o processo inicial que suscitou a problemática de pesquisa, analisamos a possibilidade de realização da investigação em outros parques da cidade, entretanto, a complexidade das ações exigidas e o tempo disponível para realização do Mestrado reforçou a ideia de concentrar a pesquisa no Parque Alvorada - Jorge Backes.

Na dissertação de Mestrado supracitada, a autora percebe a ênfase às relações comerciais no parque Jaime Canet Junior, que ocorrem por meio de feiras realizadas a cada dois anos. Entretanto, fora desse período, o fluxo de pessoas que frequentam o parque, sobretudo, nos dias de semana diminui consideravelmente (MODANESE, 2010) sendo menor do que no Parque Alvorada - Jorge Backes, fator que poderia reduzir a intensidade das conexões e interações cotidianas entre os sujeitos, devido ao fato de, a área daquele parque, ser consideravelmente maior.

Com o avanço dos estudos e o aprimoramento das questões do projeto de pesquisa foi preciso nos inserir no campo empírico. A aproximação com o campo pressupõe o contanto com elementos que vão além do registro de dados, ou coleta de materiais necessários ao esclarecimento do problema inicial. Nesse contexto, foi necessário relacionar os elementos conceituais, instrumentais, epistemológicos, assim como fatores relacionados a estereótipos do olhar, pensar sobre as socialidades e tentativas de generalizações. Tal situação foi vivida

repleta de inseguranças, ansiedades, entre outros fatores que intervêm na interação com o Outro.

Ao mesmo tempo em que vivíamos a insegurança de nos perdermos no labirinto do campo de pesquisa, nos questionávamos sobre a capacidade de utilizar o que Balandier (1999, p. 34) chamou de "coroa luminosa" capaz de nos dar um sinal intuitivo na percepção de indícios que guiassem e excedessem as armadilhas que o encantamento e a ansiedade podem produzir no processo investigativo. Da mesma forma, experimentávamos o fascínio e atração ao tema possibilitado pelas discussões, ampliação das leituras e aprofundamento teórico.

Sentíamos que era preciso um último momento de reflexão, um breve período de concentração para que pudéssemos repensar nossas tradições de pensamentos, nos afastar dos vícios da forma de olhar para o conjunto social, de estar e compartilhar o espaço com o Outro e de pensar sobre as questões que nos são postas no cotidiano numa tentativa de ultrapassar o "fascínio pelas generalizações de primeira vista" (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 4).

Diante disso, ao lidar com essas questões e para orientar o primeiro contato com o campo de pesquisa, elaboramos um esquema metodológico piloto com base nos pressupostos etnográficos que nos oferecessem informações a fim de que pudéssemos avaliar a proposta de encaminhamento da coleta de dados. Para essa incursão procuramos dividir as observações em duas etapas.[1] A primeira consistiu em observar os elementos fronteiriços com os quais o Parque faz divisa, atento às suas características, formas e inserção nas atividades dos sujeitos. Nessa mesma etapa também mapeamos os roteiros internos e os pontos de ligação entre as áreas, a fim de conhecer a estrutura do Parque, os objetos presentes em seus espaços, os aparelhos e o ambiente oferecidos à população.

Nessa perspectiva, o intuito era perceber como o Parque foi planejado, bem como os elementos que o constituem, independente das plantas de planejamento de sua construção obtidas junto à Prefeitura Municipal. Em tal fase verificamos as normas para utilização expressas nas placas, as características, estado de conservação de suas construções e a distribuição dos objetos e aparelhos em seu espaço.

Na segunda etapa do esquema metodológico inicial, foi prevista a observação das práticas de esporte e lazer, entre outros. A atenção voltou-se para a forma como os frequentadores desenvolvem suas práticas, quem as desenvolve, com as suas características,

[1] Considerando o cronograma para realização da pesquisa, bem como o fluxo maior de pessoas, optamos por realizar as incursões em campo durante o período de verão, obtendo dados de outros períodos por meio de documentos e publicações em meio impresso e eletrônico de atividades realizadas no Parque.

tanto nas ações quanto entre os sujeitos que desenvolvem tais ações. Buscamos, então, selecionar os trajetos, ambientes e espaços, tanto aqueles utilizados quanto os não explorados pelos sujeitos.

Essa etapa caracterizou o contato direto com as práticas desenvolvidas pelos sujeitos, suas táticas e astúcias na utilização do Parque a fim de que obtivéssemos elementos indicadores das interações estabelecidas entre os sujeitos, os itinerários, trajetos e horários de utilização, as práticas compartilhadas e percebidas por meio do que Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert (2008, p. 2) apontaram como sendo o "olhar atento ao contexto e a tudo o que acontece no espaço observado".

Nesse interim, nos inserimos no cotidiano dos sujeitos, vivendo as experiências, o compartilhar das situações, com a postura de registrar o que víamos, o que nos acontecia e o que ouvíamos, uma vez que, de acordo com Rocha e Eckert (2008, p. 4), "observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos".

Iniciamos as observações e percebemos que a organização desse esquema de coleta de dados nos auxiliava, uma vez que, tínhamos claro o objetivo da incursão em campo para cada dia. Entretanto, foi ao iniciarmos a segunda etapa da coleta de dados que nos deparamos com os primeiros dilemas. Quando chegamos ao Parque com o objetivo de iniciarmos essa etapa percebemos que havia muito a ser observado, pois, a realidade é dinâmica e não podemos pará-la para realizarmos nossos estudos. As ações, práticas, características, sons, cheiros, acontecimento, cores, mudanças climáticas fervilhavam a uma velocidade infinitamente superior à percepção dos sentidos do pesquisador, sobretudo, no que diz respeito ao registro dos acontecimentos. A quantidade de informações e elementos nos fez ter a sensação de ofuscamento, de excesso de luz presente na realidade cotidiana que não nos permitia ver.

Retornamos com a informação oferecida pelo esquema inicial de coleta de dados a respeito da insuficiência de nossa abordagem para essa segunda etapa. Buscamos, então, reestruturá-la. No intuito de refinar as observações, subdividimos em duas partes essa segunda etapa, estabelecendo um primeiro momento, no qual nos concentraríamos nas interações ocorridas fora da pista de asfalto, em seguida, nos deteríamos na observação das práticas na pista de asfalto que circunda o Parque, denominada, no projeto de infraestrutura do município, "ciclovia e pista de caminhada".

Dessa forma, as observações tiveram maior objetividade e na medida em que caminhávamos podíamos perceber "espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experiência em sua itinerância" (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 1), por meio de um modo de se movimentar não tão rápido quanto o frequentador que pratica seus exercícios, nem tão distraído e aleatório quanto aquele que passeia descontraído, por entre os sujeitos. Buscávamos manter uma constante com momentos de pausa para apreender o contexto e perceber os eventos que delineavam nosso trajeto.

Para a realização da pesquisa procuramos documentos e registros sobre a proposição da denominação do Parque, planta referente ao seu planejamento arquitetônico, bem como material iconográfico sobre eventos realizados no Parque. No campo de pesquisa, nos valemos do registro no Caderno de Notas que posteriormente, era convertido em Diário de Campo, uma vez que, durante as observações sentimos a necessidade de um instrumento que nos oferecesse rapidez nas anotações, bem como maior agilidade a fim de não depreendermos demasiada atenção ao registro em detrimento à observação das expressões que aconteciam no Parque.

A fotografia e o vídeo também constituíram instrumentos fundamentais para a concretização dos dados percebidos. Sua inserção na pesquisa contribuiu para a construção da narrativa, não como reforço do processo de mostração, mas como técnica que conta a teatralização da sociabilidade. A intensão era oportunizar, por meio da expressão fotográfica, um modo de ver e falar com muitos, num diálogo polifônico.

Já percebemos essa contribuição nas palavras de Susan Sontag (2008, p. 137) quando afirma que "todas as fronteiras, todas as ideias unificadoras têm de ser enganosas, demagógicas; na melhor hipótese, temporárias; a longo prazo, quase sempre falsas". A fotografia pode contribui na desconstrução dessas fronteiras, pois, "traz o detalhe, o cheiro, a cor, o som, aciona com o trabalho da memória que acaba, muitas vezes, precisando fatos, datas, até então esquecidos" (OLIVERIA; FABRICIO; OLIVEIRA, 2004, p. 67), viabiliza um movimento de diálogo com a memória do leitor que contribui e colabora para enriquecer os elementos percebidos.

Vemos com Susan Sontag (2008, p. 137) que a "fotografia é, antes de tudo, um modo de ver. Não é a visão em si mesma". É, ao mesmo tempo, expressão de percepções do pesquisador, da experiência que teve no determinado momento e que, não fala sobre, mas deixa falar e comunicar. Neste sentido, a fotografia não congela, nem captura a realidade a

fim de oferecer uma realidade definitiva, mas opera por suposições, nutre a interpretação, constrói uma história.

Nesse contexto, é possível asseverar que a fotografia constrói uma história pelas intuições do pesquisador que, não congela as suposições, mas abre espaço para um modo de ver e contar a vida cotidiana. É nesse sentido que, em muitos momentos, a fotografia foi o único meio de registro para posterior conversão em Diário de Campo, quando a realidade movente não se deixava reduzir a palavras, quando sua conversão amortizavam-lhe as cores.

A forma como inserimos a fotografia no trabalho se relaciona com as escolhas metodológicas. Ao longo de todo o trabalho, as fotografias estão sem contorno por compreendermos a impossibilidade de apreensão da realidade sob uma perspectiva generalista ou definitiva, de forma a homogeneizar as singularidades das invenções cotidianas dos sujeitos que se constroem no coletivo. A escolha justifica-se por entendermos que há no Parque, individuações sem sujeito, nas quais todo o valor é coletivo (GALLO, 2002; DELEUZE; GUATARRI, 1977).

O uso da fotografia na dissertação aproxima-se do movimento da arte Impressionista, para o qual o contorno, ou a linha na produção pictórica representa uma abstração da realidade. Dessa forma, o uso da linha vai de encontro às intensões do movimento que consistem em captar os elementos da realidade sob a influência dos aspectos que os circundam.

Diante do exposto, estruturamos essa fase da pesquisa em quatro capítulos. Nesse primeiro capítulo apresentamos os caminhos metodológicos e o espaço do Parque com suas fronteiras e divisas, seus ambientes, os aparelhos e atividades que oferece, assim como suas normas de utilização. Valemo-nos das contribuições de Marc Augé (2012) para definir o Parque como um "não lugar", por apresentar características de um espaço de passagem. Posteriormente, apresentamos a obra de Georges Seurat, "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte" e sua contribuição necessária para a potencialização de nossa percepção dos elementos do cotidiano dos sujeitos no Parque.

No segundo capítulo, nos aproximamos das práticas de utilização dos frequentadores do Parque, em busca de suas invenções cotidianas, suas maneiras de fazer, suas táticas e astúcias, juntamente com o processo de "virtualização" (LEVY, 1996), por meio do qual os sujeitos aprendem e se constroem em busca da atualização e ressignificação das práticas e

lugares do Parque. Assim, ocupamo-nos em compreender as características das interações estabelecidas cotidianamente.

O terceiro capítulo apresenta as maneiras de fazer e elementos que caracterizam o estar-junto antropológico (MAFFESOLI, 2005). Expõe os elementos que cimentam as relações entre os sujeitos estabelecendo um elo construído por meio da proeminência estética[2]. Nesse capítulo também apresentamos as práticas que possuem uma ética que diverge, em certos elementos, da forma de ser e estar, dominante no Parque.

No quarto capítulo mostramos os princípios educativos presentes nas táticas, astúcias e características da interação dos sujeitos apresentados até o momento. A configuração ocorre sob a égide de um novo princípio de educação: a possibilidade de uma maneira de olhar para a construção dos sujeitos na alteridade.

1.2 O campo de pesquisa: Parque Alvorada - Jorge Backes

Na efervescência cotidiana movimentamo-nos em meio a combinações de ações, hábitos, significados, representações, crenças e sentidos que temperam o viver e que se coligam ao contexto social. Os espaços de atuação e convívio cotidiano dos sujeitos fazem transparecer essa ebulição, nos quais se relacionam e produzem esse caldo de energia e vitalidade humanas.

A fragmentação do presente caracteriza nossos tempos labirínticos ao expor a impossibilidade de conhecê-lo em sua totalidade. É nessa pluralidade cotidiana que podemos inserir o espaço de realização desta pesquisa, o Parque Alvorada - Jorge Backes, por ser palco da teatralização de sujeitos que, como evidencia Rocha e Eckert (2008, p. 7), "tem sua forma própria de pertencer e de viver, construindo realidades culturais próprias".

Francisco Beltrão, município onde o Parque está localizado, tem aproximadamente 731,731 Km², no Sudoeste do Paraná. Com uma população estimada de 84.437[3] mil habitantes, conserva suas características de cidade interiorana. As casas, quase sempre sem

[2] A esta questão corroboramos com Maffesoli (2005, p. 188) ao entender as relações estéticas entre os sujeitos como "o fato de experimentar emoções, sentimentos, **paixões comuns**, nos mais diversos domínios da vida social [...] o conjunto da vida cotidiana [que] torna-se uma parte nada desconsiderável do imaginário contemporâneo" [...] a interação constante, a <<co-presença>> [...] para retomar uma antiga expressão, outra vez na moda, um *carpe diem* renovado".

[3] Fonte da informação, IBGE 2013. Disponível em: <http://franciscobeltrao.pr.gov.br/departamentos/turismo/a-secretaria/economia-tecnologia/perfil-do-municipio/>. Último acesso em: 10/05/2015.

muros altos, permitem a vista da rua, acompanhada pelo chimarrão[4] matinal, assim como as conversas descontraídas do fim de tarde, enquanto as crianças brincam nas ruas dos bairros. Ainda é possível perceber a diferença entre um dia de chuva e um dia ensolarado, períodos da semana e final de semana pela simples troca de intensidade em seus sons que conferem nova tonalidade a encenação cotidiana.

Mapa 1: Localização de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná

Fonte: franciscobeltrao.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Localizacao_de_Francisco_Beltrao_no_Parana.pdf

Entre seus vinte e nove bairros, o Alvorada está localizado em uma das principais entradas da cidade, cortado pela Avenida Porto Alegre que conduz diretamente ao centro da cidade. As ruas laterais da Avenida que compõem o bairro possuem árvores que formam túneis de sombra na via pública. As padarias, mercados, farmácias, clube com piscinas e

[4] Prática cultural realizada inicialmente pelos índios Caingangues e Guaranis, no século XII, quando sugavam água quente em uma cabaça com folhas moídas de erva-mate, por meio de um pedaço de taquara macho. Posteriormente, essa tradição foi incorporada nas práticas dos habitantes do Sul do Brasil, os quais substituíram o pedaço de taquara por uma haste de metal chamada "bomba".

quadras de esporte, serraria, fábricas e pequenos comércios movimentam o revitalizar diário nas interações entre os moradores e visitantes.

A calmaria presente é afrontada pelo ruído das ferramentas nas construções, passos apressados que se deslocam ao nosso lado, caminhões, ônibus, carros, uma cidade intensa, produtora da contração do espaço-tempo. Ao cair à noite, as casas de baile dos bairros de divisa também ecoam seus graves sonoros a qualquer dia da semana e mostram a alternância entre o excesso e a ordem, aquilo que Maffesoli (2001, p. 45) vai chamar de "o instante vivido em toda sua concretude, instante que é preciso consumir, consumir rapidamente, com excesso quando se conhece toda a sua precariedade".

Em meio a essa alternância que revitaliza o bairro encontram-se as atividades dos sujeitos que interagem no Parque Alvorada - Jorge Backes, moradores do bairro ou não. Incluímo-nos a esses sujeitos e, por ser morador e frequentador desse bairro e Parque, respectivamente, procuramos, em nossas saídas exploratórias, manter o olhar atento ao contexto como forma de potencializar os sentidos e perceber tudo o que víamos e sentíamos.

> Iniciamos as observações nesta tarde de segunda – feira, 26 de janeiro de 2015, às 15:00 horas. Partimos da frente de minha casa que está localizada no mesmo bairro do Parque. Sinto ansiedade para mergulhar nos espaços do Parque e conhece-lo mais a fundo, pois embora frequentando-o algumas vezes no mês, sempre percorri os mesmos espaços, nunca tendo tempo, ou a intenção de conhecer os diferentes 'cantos' e aparelhos que ele dispõe (DIÁRIO DE CAMPO, 26/01/2015).

Como observamos no Diário de Campo, esse movimento possibilitou a atenção às características do Parque, às obviedades que, na rotina diária não eram percebidas ou estranhadas. Entre os aspectos observados encontramos elementos novos e outros já familiares, mas que agora foram vistos com novo olhar voltado para seus espaços, objetos, trajetos, ambientes usados e não usados e até mesmo criados pelos frequentadores por meio de sua dinâmica de uso.

Construído na entrada da cidade, notamos de um dos seus lados, a rodovia estadual (PR 483), com tráfego intenso de carros e caminhões que passam pelo trevo de acesso à Avenida Porto Alegre que, por sua vez, passa pelo portal de entrada do qual podemos ver grande parte do Parque. Dessa forma, para dar a conhecer o percurso que leva ao Parque Alvorada - Jorge Backes, a seguir, apresentamos um mapa. Nas imagens abaixo, a rodovia

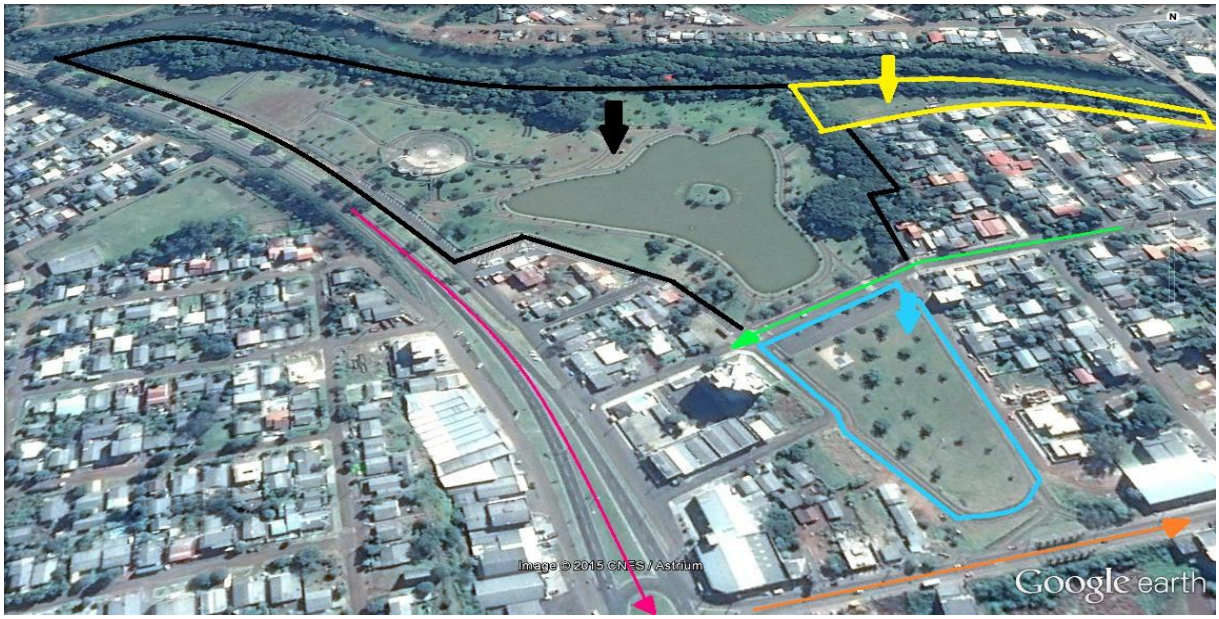
está sinalizada com o trajeto da flecha de cor rosa que segue até o trevo de acesso à cidade. Já a Avenida Porto Alegre está demarcada com o trajeto da flecha de cor laranja, em sentido ao centro da cidade e o portal de entrada na cidade, indicado com a flecha de cor vermelha.

Nas imagens também vemos a rua que atravessa o Parque, indicada pelo trajeto da flecha verde, que obedece ao sentido centro rodovia. Para questões de localização, separamos no mapa, a área do Parque em três divisões: a que está representada pela cor azul esverdeada, chamaremos de primeira parte do Parque; a área destacada em preto denominaremos de segunda parte do Parque e o espaço destacado em amarelo, que termina no início de uma ponte municipal e também dá acesso ao Parque, chamaremos de lateral direita do Parque.

Mapa 2: Bairro Alvorada na entrada da cidade com o Parque Alvorada - Jorge Backes.

Fonte: Google Erth. **Elaboração:** Manoel da Motta Filho/2015.

Mapa 3: Bairro Alvorada na entrada da cidade com o Parque Alvorada - Jorge Backes.



Fonte: Google Erth. **Elaboração:** Manoel da Motta Filho/2015.

Iniciamos assim, a caminhada em direção ao Parque, descemos a rua, não muito movimentada, em direção à esquina. Acreditamos que o baixo movimento dessa rua seja devido ao fato de ser uma rua secundária de acesso à avenida. Chegamos à avenida de entrada na cidade que passa em uma das laterais de acesso ao Parque e nela podemos perceber o movimento pulsante da cidade.

Seguimos pela calçada dessa avenida e percebemos que não há muitas pessoas, acreditando que o calor e o sol de verão contribuíram para isso. Chegamos assim, até o Portal de entrada na cidade que está posicionado entre duas pistas de descida até o gramado do Parque, uma, antes do portal e outra, depois.

Fotografia 1: Entrada 1 do Parque Alvorada - Jorge Backes no portal da cidade.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Descemos para o Parque por essa entrada ao que chamaremos de primeira parte do Parque. Ao seguirmos na pista de asfalto[5], por essa primeira parte, percebemos a nossa esquerda, um gramado aparado e uma área arborizada que produz sombra, o que torna o lugar aprazível ao convívio social. Seguindo o percurso, encontramos uma quadra de basquetebol com um piso liso de cimento e apenas uma cesta de basquete, feita de arcos de ferro e correntes. Na parte de trás da cesta, tem uma tela para que a bola não escape durante os arremeços.

Nessa primeira parte ainda temos duas traves de futebol, confeccionadas com canos de metal, pintados de branco e com redes ao fundo. No entanto, essas traves não são em tamanho oficial, possuem aproximadamente um metro e meio de altura e dois metros de comprimento o que possibilita seu deslocamento na área do gramado. Esses elementos fazem divisa com o estacionamento que classificamos como estacionamento 1.

Ao passar pelo estacionamento chegamos a uma rua municipal que divide o Parque em dois. A rua obedece ao sentido centro da cidade/ trevo de saída com duas faixas de

[5] Chamaremos pista de asfalto a via que, denominada no projeto de construção como "ciclovia e pista de caminhada", circunda o parque, por entendermos que essa pista não é apenas utilizada para a prática de ciclismo ou caminhada.

pedestres, uma elevada e outra, não. Flores “Pingos de Ouro” enfeitam as laterais do Parque com a marcação do limite da rua com movimento contínuo, tanto de carros que observam os frequentadores do Parque, quanto de ônibus escolares e caminhões que, ao sair da cidade, optam por essa rua adjacente à Avenida Porto Alegre, de maior movimento.

Fotografia 2: Pista que corta o Parque com vista da segunda parte que possui o lago

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Na segunda parte do Parque está o lago, com uma ilha rodeada por chafarizes, um poste de iluminação central, pequenas árvores e pequenas casas onde se abrigam os gansos que habitam o lago. Os frequentadores do Parque não têm acesso a essa ilha. Ela está isolada e eventualmente frequentada por funcionários da prefeitura que chegam de barco para fazer alguns reparos. Ao entrar nessa segunda parte do Parque pela rua que o divide, seguimos na pista de asfalto. À direita vemos um gramado que termina no muro de uma casa que faz divisa com o Parque, o bosque e a saída de um córrego que foi canalizado por baixo do portal, na Avenida Porto Alegre. Ele continua por baixo da primeira parte do Parque e sai na segunda parte, ao lado do lago, por dentro do bosque, em direção ao rio.

No bosque, em uma área de difícil visibilidade da pista de asfalto, há uma cancha de bocha, ocupada por alguns senhores que jogam durante as tardes. A cancha é feita de madeira, com o chão de terra batida e uma camada fina de areia para que a bola deslize e não provoque

poeira ou barro. Ao redor, estão alguns bancos de blocos de gesso com acabamento semelhante aos troncos de árvores.

Novamente, da pista de asfalto que costeia o lago, avistamos aparelhos para alongamento e exercícios, de ferro, cravados no chão, preparado com cimento. Seguimos até o fim do espaço desses aparelhos onde a pista de asfalto se divide em duas, uma segue à direita até sair em uma ponte municipal, por onde muitas pessoas entram no Parque ou passam para voltar do trabalho. A outra continua na lateral do lago em torno da área central. Da pista ao redor da área central do lago aparece à direita, uma casa mista de alvenaria e madeira no fundo do gramado, em meio às árvores e na beira do rio do qual é retirada a água para o chafariz da ilha.

Continuamos nessa pista de asfalto que conduz a novas áreas de gramado no fundo do Parque. Lá encontramos um restaurante junto a uma área que chamaremos de "praça", por não possuir aparelhos que indiquem o desenvolvimento de uma atividade específica. O restaurante fica entre a pista de asfalto que o contorna, em um nível mais elevado, entre a altura da rodovia e a do Parque. Oferece uma vista total do lago e da rua que o corta para a primeira parte do Parque. O restaurante possui portas grandes de vidro que permitem ver o seu interior. Está vazio, apenas com alguns *freezers* desligados e os adesivos nas portas do último nome que teve. Na parte lateral temos banheiros que funcionam e são usados pelos frequentadores, já na parte de trás, tem um anfiteatro que também está desativado e serve de depósito para as cadeiras e equipamentos.

Em frente a esse anfiteatro está uma praça em forma circular com um chafariz desativado em seu centro. O chão é feito de *paivers*, tijolos retangulares com aproximadamente oito centímetros de altura, os quais são apenas encaixados sobre uma camada de pó de pedra. Por esse motivo, a grama cresceu em seu meio intensificando o aspecto de interrupção da manutenção. Nas laterais, há postes de iluminação e uma vegetação decorativa com coqueiros e árvores, juntamente com um palco de aproximadamente um metro de altura e uma parede atrás, com duas aberturas em forma de porta, tudo ao ar livre.

Descendo da frente do restaurante em direção ao lago, na pista que retorna dos fundos do Parque, temos à esquerda, o lago e à direita, um gramado que se estende até o espaço com os aparelhos para exercício físico. O acesso aos aparelhos pode ser tanto da pista de asfalto dentro do Parque, quanto da parte externa, pois, o espaço dos aparelhos atravessa o

gramado de uma ponta a outra. Foi construído com *paivers* formando uma calçada de aproximadamente um metro de largura que passa por todos os aparelhos em forma labiríntica.

Ao lado dos aparelhos de exercício está o playground que, construído sobre a grama, possui inúmeros obstáculos para que as crianças brinquem. Possui escorregadores, tobogãs, escadas para a parte superior, passarela, rede de corda para subir na parte superior e balanço com dois lugares. Nesse espaço tem sombra o dia todo, proveniente das árvores maiores que se estendem até o gramado após o *playground*. Após esse breve percurso, retornamos à rua municipal que atravessa o Parque onde reinicia a pista de asfalto com 1.200 metros de extensão compondo um conjunto arquitetônico composto pelo lago, gramado e restaurante.

Fotografia 3: Aparelhos de exercícios vistos da lateral da pista.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

O Parque é abraçado pelas casas dos moradores do bairro que constituem, muitas vezes, o limite de divisa. Na primeira parte temos residências nas duas laterais com suas frentes voltadas para o gramado do Parque e suas respectivas ruas de acesso. Na segunda parte, por onde entramos anteriormente, à direita, têm casas com muros que terminam no Parque. Escolhemos um trecho do Diário de Campo que evidencia essas características.

> Ao caminhar por dentro do bosque passamos por cima de um duto que canaliza o córrego Jaquini e encontramos um lagarto que lentamente se afasta com nossa presença. Esse réptil pode indicar que estamos em uma

> área mais protegida do tráfego de pessoas. Estamos no início de uma trilha que ainda não conhecíamos, pois nas vezes que utilizamos o Parque permanecíamos apenas nas áreas mais próximas do lago. Logo no começo da trilha encontramos um segundo duto de canalização do córrego que forma uma ponte, esse duto dá para o fundo de casas construídas que formam as divisas do Parque. Em uma das casas percebemos um pequeno portão com escada para descer até o Parque, provavelmente seus moradores entram no Parque pelos fundos de sua casa, sem precisar dar a volta até uma das entradas do Parque. Continuamos seguindo a trilha e encontramos um terceiro duto de canalização, no entanto este é asfaltado, pois dá continuidade a pista de asfalto que se estende até outra saída do Parque no início de uma ponte municipal. Atravessamos esse terceiro duto seguindo a pista e percebemos que essa parte do Parque está mais próxima de algumas indústrias, da cidade, pois o som das cigarras confunde-se com o das cerras elétricas de madeireiras e metalúrgicas. Vejo nessa parte do Parque uma pequena área de captação da SANEPAR (empresa de abastecimento de água no Paraná) cercada por muro com um portão. Em frente a essa área de captação encontra-se mais um portão de entrada no Parque, no entanto, este possibilita a passagem de carros e caminhões caso necessite alguma manutenção na rede de captação. Seguindo essa pista de caminhada, vejo que há ruas do bairro que terminam na encosta da pista de asfalto, assim suas divisas nessa área são formadas por casas ou pelos seus muros. Chegamos ao final da pista de caminhada que termina em uma das saídas ou entradas do Parque, ao lado de uma ponte municipal que divide dois bairros (DIÁRIO DE CAMPO, 26/01/2015).

O fundo das casas fica escondido pelo bosque. Como apresentado no mapa 2 e 3, com a cor amarela, chamaremos de lateral direita do Parque, esse espaço depois do terceiro duto de canalização do córrego Jaquini. Nessa lateral, notamos que as janelas das construções estão no trajeto entre as casas e o rio, que por sua vez, é separado da pista apenas por uma área gramada e um pequeno bosque, preservado em sua encosta. As ruas do bairro terminam no Parque, algumas permitem o acesso livre por portões, outras, possuem uma elevação que dificulta a passagem.

Fotografia 4: Segundo duto de canalização do córrego Jaquini com acesso para o Parque no fundo das casas.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 5: Terceiro duto de canalização do córrego Jaquini com vista para a lateral direita do Parque.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

No lado oposto, próximo aos aparelhos de exercícios, o Parque faz divisa com uma rua municipal que leva ao local nominado por nós de "estacionamento 2". A rua segue na lateral e abaixo da rodovia, com uma parte de estrada de chão (cascalho), até cruzar por baixo de uma ponte que dá acesso a outro bairro. A ponte está sobre o rio, uma das divisas do Parque, cuja água é captada por máquinas instaladas em uma casa para abastecer o lago. Denominaremos esse local da captação de "casa das máquinas". O rio segue pelos fundos do Parque até chegar a outra ponte na lateral direita.

Na primeira parte do Parque e atrás dos aparelhos de exercícios há alguns comércios, entre eles, uma pizzaria, duas lanchonetes, bares, uma pequena fábrica de artigos em madeira e uma academia de musculação. A academia possui uma área de vidro com esteiras e bicicletas, aparelhos nos quais os clientes fazem seus exercícios de caminhar, correr e pedalar, voltados para o Parque, ao som de músicas eletrônicas.

O Parque também tem sua paisagem sonora característica, porque como observamos no trecho anterior, retirado do Diário de Campo, na lateral direita do Parque, "o som das cigarras confunde-se com o das cerras elétricas de madeireiras ou metalúrgicas" (DIÁRIO DE CAMPO, 26/01/2015). Ouvimos ainda o som do canto dos pássaros, dos galos nas casas do outro lado do rio e das crianças brincando dentro do rio que faz divisa com o Parque. Do mesmo modo, percebemos o som dos caminhões da rodovia, dos gansos, dos carros que passam com o som alto, da água do chafariz, do barulho dos balanços no *playground*, de crianças que choram quando as mães as retiram desse espaço para ir embora. Salientamos o barulho intenso dos *skates* cortando o asfalto em velocidade acelerada, das tosses, entre outros, oriundos das práticas dos frequentadores que reorganizam os espaços do Parque.

O Parque engloba diferentes ambientes que se referem a espaços organizados com suas normas de utilização. Nesse sentido, concordamos com Michel de Certeau (1994, p. 201) ao compreender o espaço como "a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo 'lugar'". Assim, a organização física, os elementos, que como Michel de Ceteau (1994) evidencia, são posicionados lado a lado e não ocupam o mesmo espaço, cada um com a característica que o define e que consequentemente, compartilha ou influencia os demais.

O espaço é passível de determinação por meio de padrões de medidas imóveis como réguas e demais instrumentos que utilizam sistemas numéricos como milímetros, centímetros,

metros, milhas, entre outros (ELIAS, 1998). Sobre a questão, Marc Augé (2012, p. 58) lembra que o próprio corpo humano é considerado uma "proporção de espaço, com suas fronteiras, centros vitais, defesas e fraquezas, sua couraça e defeitos", no qual mesmo que estejamos em repouso sob uma posição sem deslocamento efetivo no espaço, estaríamos envelhecendo, com a corrente sanguínea que percorre nossas veias, as células com suas multiplicações e a expansão e contração das medidas.

Nesse viés, Elias (1998) sugere,

> o universo em que os homens vivem e do qual constituem uma parte move-se e se modifica incessantemente [...] o que chamamos de espaço refere-se a relações posicionais entre acontecimentos móveis, os quais procuramos determinar mediante a abstração de seus movimentos e mudanças efetivas (ELIAS, 1998, p. 81).

O que o autor esclarece ao complementar a ideia de Marc Augé (2012), é que em uma definição dos "espaços" opera a generalização de acontecimentos móveis com atenção à relação entre as posições desses acontecimentos, o que confere maior estabilidade ao termo, uma vez que o definimos pela abstração desses movimentos e não pela percepção do deslocamento de cada um. Cabe aqui, atentarmos para a questão terminológica empregada para definir essas características que acabamos de abordar. Ao se referir ao espaço geométrico com regras, normas e passível de quantificação por padrões de medida imóveis, como o definimos aqui, Michel de Certeau (1994) o faz com o uso da expressão 'lugar', enquanto que para definir o "lugar", construído a partir da interação humana, o lugar familiar utiliza a expressão de "espaço como lugar praticado", ou como "cruzamento de móveis" (CERTEAU, 1994, p. 202).

Entretanto, o termo "espaço" é mais abstrato em relação ao termo "lugar" e pode se aplicar a inúmeras definições como espaço aéreo, judiciário, marítimo, espaço de lazer, espaço do comércio, entre outros, sem necessariamente definir a quais lazeres, comércios ou departamentos jurídicos se referem. O termo possui maior plasticidade e flexibilidade, além de ser empregadas, no mesmo sentido que o fazemos, por redes de hotéis, agências de viagem, entre outros (AUGÉ, 2012).

No contexto da pesquisa, percebemos a organização de espaços diferentes dentro do Parque Alvorada - Jorge Backes. Para cada um desses espaços há regras específicas que

normatizam sua utilização e o diferenciam, assim como uma estrutura divisional que condiciona as ações dos sujeitos como, por exemplo, a faixa de grama de aproximadamente um metro entre a água do lago e a pista de asfalto, na qual os sujeitos sentam lado a lado embaixo das árvores para ver os peixes. Essa característica exemplifica a condição do espaço como passível de determinação por meio de padrões de medidas imóveis – faixa de um metro que cerca o lago – e diferencia, colocando-o lado a lado com outros espaços, como a da pista de asfalto.

A noção de espaço no sentido abstrato[6] como entendemos aqui, se encontra e se identifica no *playground*, nos aparelhos de exercícios físicos, no espaço do restaurante, na quadra de basquete, nos estacionamentos, na cancha de bocha Luiz Varela, nos gramados que complementam o Parque e até mesmo, no espaço dos vendedores ambulantes que não está demarcado fisicamente, mas que, por meio daquilo que Norbert Elias (1998, p. 81) chamou de "relações posicionais entre os acontecimentos móveis" dos vendedores, se diferencia dos outros espaços e de outros vendedores.

Para nos referirmos ao que Michel de Certeau (1994, 202) chama de "espaço como lugar praticado", utilizamos o termo 'lugar', o qual faz referência ao "lugar do sentido inscrito, simbolizado, lugar antropológico", cunhado por Marc Augé (2012, p. 76), a partir da diferenciação estabelecida inicialmente por Merleau-Ponty, em "Fenomenologia da percepção" [7], livro no qual diferencia "espaço geométrico de espaço antropológico, em que o segundo, é o espaço existencial, lugar de experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado" (AUGÉ, 2012, p. 75).

O ser humano relaciona-se de diversas formas com o espaço geométrico e a característica dessa relação produz dois efeitos diferentes. O primeiro se refere ao desenvolvimento da habilidade espacial, que consiste na utilização dos espaços sem necessariamente ter consciência sobre seus atos, ou planejar detalhadamente as etapas a cumprir durante a realização de atividades cotidianas. Como exemplo, lembramos que podemos nos equilibrar em cima de uma bicicleta, sem, necessariamente termos o conhecimento ou o planejamento científico da distribuição e compensação do peso.

A esse respeito Tuan (1983) afirma que,

[6] O termo 'abstrato' refere-se ao fato de que o conceito de 'espaço' encontra-se como uma categoria geral independente da relação com o sujeito, abstraído do contexto, uma vez que é determinado por padrões de medidas inscritos num sistema métrico que pode ser aplicado aos objetos e ambientes existentes.
[7] MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

> desde que a habilidade espacial consiste na realização de atividades cotidianas corriqueiras, o conhecimento espacial, embora acentue tal habilidade, não é necessário a ela. Pessoas que são capazes de encontrar seu caminho na cidade podem não saber dar a localização das ruas a alguém que esteja perdido e são incapazes de desenhar mapas. Elas têm dificuldades em intuir a direção de sua ação e as características espaciais do meio ambiente onde elas se realizam. Há muitas ocasiões em que desempenhamos atividades complexas sem o auxílio da mente ou de planos materiais. Os dedos de uma datilógrafa profissional voam sobre a máquina; tudo o que vemos é um movimento difuso. Esta velocidade realmente sugere que a datilógrafa realmente conhece o teclado no sentido de que pode ver claramente onde está cada letra. Mas não pode; ela tem dificuldade de lembrar a posição das letras que seus dedos conhecem muito bem (TUAN, 1983, p. 77).

Vemos que, nesse sentido, a utilização do espaço ocorre de forma quase automática, baseada na habilidade corporal sem a ação reflexiva constante ou o conhecimento íntimo dos elementos contidos naquele espaço. A imagem mental é incompleta, apenas possuímos fragmentos de memória sobre alguns elementos marcantes ou importantes do percurso desenvolvido. Dessa relação, resulta que, de acordo com Tuan (1983, p. 83), "quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar", o lugar antropológico de que falávamos, um espaço utilizado de forma intuitiva é "integrado num lugar familiar".

Esse é o segundo efeito da relação do ser humano com o espaço que cria o lugar por meio da atribuição de significado simbólico e estabelece um sentimento afetuoso com o local. É possível ter uma consciência das características do espaço, ainda que seja exterior às emoções que, construídas na experiência, em decorrência da percepção de conflitos, contrastes, diferenças, semelhanças, rivalidades, entre outros elementos, podem então, construir um sentimento de lugar.

A esse respeito, Balandier (1999) contribui quando diz que os lugares,

> resultam dessa socialização contínua, da acumulação que se faz ao longo do tempo e do uso que dele se faz no presente. São o objeto de um conhecimento imediato, sensual, emocional e imaginário, de uma relação que se faz por afeição, e com a duração por enraizamento (BALANDIER, 1999, p. 62).

Portanto, como afirma Balandier (1999, p. 151) "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado". É um significado atribuído a partir dessa relação dos sujeitos, de um tempo que constrói e familiariza. Dessa relação resultam os lugares íntimos,

> onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. **Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância** [...] como adultos, após um dia extenuante de trabalho, nos afundamos alegremente na poltrona e nos relaxamos na sua concavidade acolhedora enquanto assistimos pela televisão notícias de violência. A própria casa parece mais íntima no inverno do que no verão. O inverno nos lembra de nossa vulnerabilidade e define o lar como refúgio. Ao contrário, o verão transforma o mundo inteiro em éden, de modo que nenhum canto é mais protetor que o outro (TUAN, 1983, p. 152, grifo nosso).

Na passagem, observamos a relação íntima com o anseio do "adulto saudável pelo aconchego que conheceu na infância", o qual exemplifica as três características apontadas por Marc Augé (2012, p. 52), como sendo comuns entre os lugares. São elas: o caráter "identitário, relacional e histórico". Michel de Certeau (1994) diz que duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar [8]. Assim, aparece o fator relacional entre elas. Nas palavras de Tuan (1983), trazidas no recorte acima, notamos essa característica relacional quando evidencia que a própria casa parece mais íntima em uma relação com a estação do inverno. A justaposição espacial não proíbe, de acordo com Augé (2012, p. 53) "de pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum".

No lugar comum aparece a terceira característica do lugar, a histórica que se constitui a partir do elemento relacional e identitário e pressupõe uma estabilidade mínima. São marcos da tradição, elementos compartilhados e rememorados nas festividades, nos rituais, na gestualidade que não possuem a necessidade de se tornarem objetos de estudos científicos, mas, apenas veneráveis, elementos de atração e engajamento.

No Parque Alvorada - Jorge Backes os lugares são passíveis de construção pelos sujeitos que estabelecem um vínculo, com maior tempo e enraizamento, por aqueles que não estão de passagem, mas que compartilham desse local na interação e percepção do Outro. Existe uma diferença na utilização do Parque entre os sujeitos que o frequentam apenas para a realização de atividades físicas, com horário marcado e sob uma rotina organizada e que pouco são influenciados pelas adversidades climáticas. Para esses, o Parque torna-se um

[8] Ler "lugar" no sentido de espaço, em consideração as definições anteriormente apresentadas.

instrumento pelo qual se emprega toda sua habilidade espacial. Entretanto, há aqueles sujeitos que estabelecem um enraizamento afetivo e significativo com os espaços do Parque transformando-os em lugares qualificados.

Em referência à primeira forma de utilização, identificamos os corredores que utilizam a pista de asfalto em torno do lago, no centro do Parque. Eles não necessitam do conhecimento ou reflexão sobre suas ações. Muitas vezes, desenvolvem as atividades durante um período de tempo pré-determinado enquanto ouvem músicas com fones de ouvido ou rememoram momentos que ocorreram ou estão por vir em seu dia. Os sujeitos, assim, estabelecem apenas uma relação corporal com o espaço do Parque, ao passo que sua mente encontra-se em outros lugares para os quais atribuem significados.

No exemplo apresentado não há uma relação que proporcione um "conhecimento sensual, emocional, imaginário" de que fala Balandier (1999, p. 62), ou "uma relação feita por afeição", mas sim, o cumprimento de uma atividade cotidiana alicerçada na habilidade corporal.

Nesse contexto, percebemos a possibilidade de um enraizamento dos sujeitos para a produção de um sentimento de lugar quando observamos os jovens que compartilham os diferentes espaços do Parque. A experimentação dos ambientes proporciona a relação dos sujeitos com os três elementos trazidos por Marc Augé (2012) e que caracterizam os lugares: identitário, relacional e histórico. Na passagem a seguir, selecionamos um trecho do Diário de Campo que expressa essa relação dos sujeitos no espaço e com o espaço que possibilita a produção do lugar.

> Os jovens deslocaram as traves para o lado da quadra de basquete e jogam 3 contra 3 de cada vez, sendo que um desses 3, vai no gol. Os jogadores são jovens e temos a impressão que são menores de idade. É uma prática extremamente visual e tátil, em que, ao jogarem os sujeitos deslocaram-se de forma acelerada, havendo uma predominância de deslocamentos angulares e curvos que são desencadeados durante os dribles, com uma fluência predominantemente controlada e descontínua para o domínio da bola. Os gritos durante o jogo e fora dele, dos que observam, preenchem o ambiente. A bola é tocada com energia escapando, por vez e outra, dos limites do espaço delimitado para o jogo, indo em direção ao estacionamento e acabando por atravessar a rua que corta o Parque. Há uma euforia que predomina e sugere uma atmosfera de alegria e inocência. Por um momento os garotos pausam o jogo para observar duas mulheres que descem do carro no estacionamento e aqueles que não tinham percebido viram para o estacionamento a fim de descobrir o que todos olham. As mulheres saem de um carro branco e uma delas chama a atenção. A roupa florida em tom

> laranja é característica da prática de esportes, visto muito em academia, justa ao corpo unindo calção e a parte de cima, deixando suas costas a mostra. Um jovem maior aproxima-se de uma das crianças, o mais novo, que em seguida fala: "que ninfeta em", pelo que tive a impressão fora orientado ou desafiado pelo maior [...] o jogo retorna e o ritmo de brincadeira sobressai ao da competição, os gritos voltam a soar [...] Nesse momento, o jogo dos meninos nas traves chama nossa atenção, o menor dos meninos que participava das brincadeiras e que fora o autor da frase citada anteriormente, chama seu amigo de "gordo" durante algum tempo. O menino alvo dos insultos segue em direção ao menor e inicia algumas trocas de empurrões. Os gritos de incentivo soam até que outro garoto maior separa o confronto derrubando o maior no chão. Este então se levante e vai em direção a sua bicicleta sentar, percebe que ela também está com seus pneus um pouco murcho, pois seus colegas haviam murchado a pouco tempo. O garoto então se retira e passados 5 minutos, retorna novamente com os pneus cheios (DIÁRIO DE CAMPO, 03/02/2015).

Nesse recorte apreendemos a emoção caracterizada pelo momento de euforia que representa a atmosfera de alegria, proporcionada pela relação com o lugar no qual jogam futebol, que os une em situação de interação. O ato de parar o jogo para observar as mulheres que descem no estacionamento sugere uma caracterização identitária, ao passo que opera o compartilhar de uma postura, por todos que participam daquela interação com o lugar.

Nesse contexto, os jovens vivenciam momentos de conflito, pelas diferenças e semelhanças que atribuem um significado ao lugar, como de ludicidade, de horizontalidade das relações e que detectamos no recorte acima. Nessa situação, o menino insulta seu colega desencadeando a reação que, por sua vez, logo é interrompida por um terceiro colega que o lembra do contrato para permanência no local, ou seja, relevar as brincadeiras, sejam elas de qual natureza, como condição para permanência e que caracteriza o lugar da efervescência.

Todos esses fatores percebidos no Parque proporcionam um engajamento afetivo com o território, com a localidade, ampliando a visibilidade de lugares específicos utilizados para o conhecimento e engajamento a um lugar comum. O local também possui características específicas que o define e difere dos conceitos anteriormente expressos. Sua caracterização não pode ser confundida com o espaço geométrico abstrato, tão pouco com o lugar dos sujeitos em sua relação afetiva individual com os elementos desse espaço. Nas palavras de Balandier (1999),

> O termo *local*, apesar da indicação etimológica, não designa necessariamente os lugares fortemente qualificados segundo a acepção antropológica. Isto é possível, sob condição de que o tempo, a história localizada, tenham

> permitido à vida coletiva organizada no interior de um espaço delimitado, de um território, de se diferenciar e de adquirir uma individualidade própria. Nesse sentido, a aldeia antiga, em que todos os sinais e referências são mantidos, é por excelência a forma do local (BALANDIER, 1999, p. 63, grifo do autor).

Como notamos, o local possui sinais e referências que o representam e o diferenciam das demais localidades. São valores gerais que permanecem e possuem a qualidade de dialogar e serem reconhecidos não apenas pelos moradores ou participantes diretos daquele local, mas também, por outros sujeitos de outras localidades. Nesse sentido, poderíamos pensar o local como o resultado do uso compartilhado de um território pelos sujeitos que, de certa forma, se torna independente de sua presença imediata.

A interação dos jovens durante o jogo de futebol que se repete diariamente nos fins de tarde evidencia a dimensão do local no qual desenvolvem sua prática. Ao compartilharem aquele espaço, os sujeitos estabelecem uma relação individual que atribui um significado e caracteriza a construção de um lugar familiar para cada membro. Com isso, aquele espaço delimitado e permeado pela efervescência juvenil dentro do Parque adquire uma individualidade própria que o diferencia e se caracteriza assim como "o local", que pode não ser o lugar qualificado e familiar para todos que participam e assistem, mas é o local característico do jogo de bola dos jovens.

O estacionamento, por onde a bola passou quando escapou da área delimitada para o jogo de bola e no qual desceram as duas mulheres que foram motivo da interrupção do jogo de bola, é um "espaço" demarcado com medidas para cada carro, assim como sua distribuição. "Lugar" de estacionar os carros para então seguir ao Parque; "local" onde ficam os carros estacionados dentro de um "não lugar" que não é familiar, proporciona o anonimato compartilhado de ser apenas mais um motorista domingueiro que estaciona seu carro por algumas horas após a ocupação de uma vaga individual, identificada pela placa de seu carro. Não há oposição entre esses elementos, ou seja, a existência de um, não representa a ausência do outro, mas sim, a existência simultânea e combinada.

O uso do termo "local" pressupõe a estabilidade, o específico, possui características que dialogam com elementos de um sistema de cunho geral referente à identificação e reconhecimento de suas características. O "lugar", por sua vez, está para a relação com os sujeitos que o vivenciam, o reconhecem e constroem a imagem mental espacial e emocional nessa interação.

Assim, desses lugares simbólicos e construídos significativamente aproximam-se os "não lugares", que por sua vez, não devem ser compreendidos de forma negativa como ausência, ou o "nada", tanto no que se refere ao espaço físico como em relação à presença e interação dos sujeitos. A definição dos "não lugares" possui essas duas dimensões, porém com características específicas, quando designamos,

> duas realidades complementares, porém, distintas: **espaços construídos em relação a certos fins** (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a **relação que os indivíduos mantêm com esses espaços**. Se as duas relações se correspondem de maneira bastante ampla e, em todo caso, oficialmente (os indivíduos viajam, compram, repousam), não se confundem, no entanto, pois os não lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam tensão solitária (AUGÉ, 2012, p. 87, grifo nosso).

Os não lugares, assim entendidos, estão presentes tanto na relação dos sujeitos com esses espaços, quanto nas características dos espaços construídos para certos fins. Em referência ao primeiro, a relação dos sujeitos com o espaço dos não lugares ocorre por meio das palavras, pois, estas sugerem contextos, lugares, constroem imagens ou, como exemplifica Marc Augé (2012, p. 88), "lugares imaginários", não lugares.

A televisão, a publicidade e os elementos comunicativos do cotidiano dos sujeitos, levam-nos, por meio de palavras, à imaginação de cidades, lugares e contextos que nunca podem ou poderão conhecer pessoalmente. São lugares destituídos de uma relação empírica efetiva. No entanto, mantêm sua relação com realidades possíveis, como propõe Marc Augé (2012, p. 88), "lugares que só existem pelas palavras que os evocam, não lugares nesse sentido ou, antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês".

No que se refere à dimensão espacial real dos não lugares Augé (2012) evidencia que esses também se definem pelas palavras. Contudo, esses enunciados,

> propõe seu modo de usar [...] que se exprime, conforme o caso, de maneira **prescritiva** ("pegar a fila da direita"), **proibitiva** ("proibido fumar") ou **informativa** ("você está entrando no Beaujolais") e que recorre tanto a ideogramas mais ou menos explícitos e codificados (os códigos da estrada ou dos guias turísticos) quanto à língua natural (AUGÉ, 2012, p. 89, grifo nosso).

O sujeito relaciona-se com os não lugares e caracteriza, assim, a posição de viajante, daquele que está de passagem na interação com letreiros, cartazes, placas e instrumentos que o orientam e dos quais apenas supõe sua autoria, ou enunciação. Esses não são os lugares com os quais ele está familiarizado, como elementos identitário, o que caracteriza o "não lugar". Essa ausência de elementos familiares é reconhecida e compartilhada, utilizada com certo prazer, uma vez que o sujeito dissolve-se no coletivo, une-se a todos por meio da identificação correspondente às características do "não lugar".

Por conseguinte, os usuários dos não lugares cedo ou tarde são lembrados sobre o controle de sua identidade por que a identificação mostra que estão em relação contratual com o "não lugar", para o qual a forma de utilização é um dos elementos do contrato que os sujeitos estabelecem. É a partir da identificação da individualidade e sua correspondência aos padrões aceitos e normas do "contrato" do "não lugar" que o usuário o constitui. Dessa forma, afasta-se de suas individualidades que o caracterizam cotidianamente e, como sugere Marc Augé (2012, p. 95), "saboreia por um tempo as alegrias passivas da desidentificação e o prazer mais ativo da interpretação do papel", instituído para o frequentador daquele "não lugar".

Desse modo, as formas de identificação dos sujeitos usuários dos não lugares podem ocorrer por meio do *checkin* em um aeroporto, quando apresenta seus documentos, passaporte, entre outros. Também, o pagamento com o cartão de crédito, a imagem da placa do carro nas autoestradas ou estacionamentos e elementos visuais e comportamentais dos sujeitos, que servem de material de análise comparativa referente às normas de utilização ou padrões compartilhados e experimentados pelos presentes no "não lugar". Aquele que não cumprir com as determinações contratuais é lembrado constantemente pelos avisos textuais dos não lugares enquanto não compartilha da relação de anonimato, na teatralização compartilhada.

Uma vez estabelecidos e atendidos os termos do "contrato", os sujeitos são reduzidos a usuários dos serviços oferecidos pelos não lugares: um cruzamento, ou redução identitária, com contribuição para essas características, das palavras ou textos prescritivos, proibitivos e informativos, citados anteriormente e presentes nos não lugares. É necessário ressaltarmos que esses elementos não são totalmente supressores do conjunto da ação ativa e criadora dos sujeitos. Sobre isso é interessante a asserção de Michel de Certeau (1994), de que dessa dinâmica também participam as maneiras de fazer que atribuem certas especificidades sobre as quais nos aprofundaremos no próximo capítulo.

Assim, os não lugares caracterizam-se como,

> a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as **vias aéreas**, **ferroviárias**, **rodoviárias** e os **domicílios móveis** considerados meios de transporte (**aviões**, **trens**, **ônibus**), os **aeroportos**, **as estações**, e as **estações aeroespaciais**, as grandes **cadeias de hotéis**, **os parques de lazer**, e as grandes **superfícies da distribuição**, *a* **meada complexa**, enfim, **redes** *a* **cabo** ou **sem fio**, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o indivíduo em contato com uma outra imagem de si mesmo (AUGÉ, 2012, p. 74-75, grifo nosso).

Com esses exemplos caracterizamos os não lugares como aqueles que os sujeitos utilizam como espaços padrões e o fazem de forma dinâmica, sem necessariamente, um enraizamento individual. Espaços compartilhados nos quais o sujeito é levado a se reconhecer como igual para desfrutar de sua individualidade, no qual não passa de um passageiro, de um tripulante, de um pedestre, ou por algum momento, de um *flâneur*.

Nesse contexto, consideramos o Parque Alvorada - Jorge Backes um "não lugar", aquele no qual as pessoas utilizam os serviços padrões, aparelhos disponíveis sob a égide reguladora dos avisos proibitivos como: "proibido pescar"; "proibido bicicleta após as 17h00min", ou prescritivos: "Favor manter sentido único de caminhada"; "Antes da prática de exercícios físicos consulte seu médico. Não deixe de visitá-lo regularmente"; "Dê a preferência para pessoas da melhor idade".

Esses elementos contribuem para a (des) identificação dos sujeitos por inseri-los na condição de frequentadores do Parque, no qual realizam as atividades disponibilizadas com o prazer do anonimato, o sentimento de se aperceber "um igual". Essa é a relação contratual, pela qual, além da imposição estrutural da organização real do Parque (não lugar), com os textos proibitivos e prescritivos, o sujeito é submetido também à adequação, às convenções aceitas pelos demais frequentadores para que se torne um "normal", o que dissolve suas individualidades discrepantes ao tom, ou características requeridas para estar no Parque e compartilhar esse "não lugar".

Em nossas observações, também percebemos os não lugares sugeridos por meio de palavras e enunciados em algumas placas, o que define a primeira forma de não lugares apresentada anteriormente e expressa na relação dos sujeitos com os espaços. Nessa interação

as palavras sugerem “lugares imaginários” como mostra Augé (2012, p. 88) e que seriam os não lugares.

Fotografia 6: Placa referente ao complexo esportivo do Parque Alvorada

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Na placa em destaque o enunciado “Complexo Esportivo do Parque Alvorada” escrito no retângulo de cor preta, sugere um lugar imaginário, um contexto para a prática de esportes. Embora nesse caso ofereça a imagem de sua construção final, ainda assim, é apenas uma realidade possível que só existe pelas palavras e imagem que o evocam. A figura da placa não condiz com a realidade, a qual ainda não possui o complexo esportivo e mesmo que venha a existir, poderá em nada se assemelhar ao que está representado e enunciado na placa. Essa diferença já se identifica, como mostra a imagem 7, abaixo, no *playground*, entre a imagem projetada na placa e a construção real.

Fotografia 7: Projeção textual e imagética do *playground* em relação à sua construção real

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Na placa observamos o enunciado "Área de lazer infantil", escrito no retângulo de cor preta, acompanhado de uma imagem para possível orientação referente à projeção de um lugar imaginário (não lugar). No entanto, ao estabelecer relação com o *playground* construído, vemos que apenas os telhados coloridos se assemelham ao modelo sugerido na placa. Nesse sentido, compreendemos a existência de não lugares nos espaços do Parque que, por sua vez, também constitui um "não lugar" como aquele que não se realizou plenamente, coletivo, de passagem, de habilidade corporal que não necessita de conhecimento do espaço, nem relação emocional, familiar, íntima relacional, histórica ou identitária.

1.3 O processo analógico como pressuposto de análise.

A analogia que se faz necessária neste momento, refere-se à extensão do olhar a uma pesquisa realizada na França do final do século XIX. Naquele período, o mundo passava por uma constante ascensão industrial, desencadeada pela primeira revolução industrial da máquina a vapor e a segunda, por volta da década de setenta (1870), com a eletricidade e o motor a combustão que influenciaram diretamente as práticas cotidianas e culturais dos sujeitos, assim como a organização da sociedade em geral.

A reorganização da vida em sociedade, assim como o crescente interesse pelo desenvolvimento econômico interferiram diretamente na organização das cidades e nas relações culturais. Neste século, com as características organizacionais das práticas cotidianas dos sujeitos para o diálogo e com as necessidades impostas pelo desenvolvimento tecnológico, avançam os estudos da Psicologia em virtude da crise da subjetividade privatizada.[9]

A subjetividade privatizada refere-se ao presente imaginário de liberdade, pelo qual os sujeitos reconhecem-se como livres e diferentes capazes de pensar, experimentar sentimentos e desejar, independentemente, dos diferentes membros da sociedade.

Figueiredo (1997) aponta para o fato de que com a experiência da subjetividade privatizada,

> todos sentem que parte de suas experiências é intima, que mais ninguém tem acesso a ela. [...] ainda com maior frequência temos a sensação de que aquilo que estamos vivendo nunca foi vivido antes por mais ninguém, de que a nossa vida é única, de que o que sentimos e pensamos é totalmente original e quase incomunicável (FIGUEIREDO, 1997, p. 4).

Essa forma de se reconhecer enquanto sujeito começa a entrar em crise no final do século XIX. Surge a desconfiança de que há outros elementos que condicionam nossas ações e significados. Nesse viés, a indústria contribuiu no desenvolvimento desse sentimento de que não éramos tão livres e diferentes quanto imaginávamos. A regulação do tempo, a intensificação do trabalho, a necessidade de se submeter às condições para sobreviver, a

[9] A Subjetividade Privatizada aqui deve ser entendida num sentido de propriedade, sentimento de pertença. Dessa forma o sujeito acreditava que sua forma de pensar era única e pertencia apenas ele. Um individualismo subjetivo que mais tarde fora desconstruído.

restrição às interações culturais e estéticas contribuíram para que se considerasse a singularidade do indivíduo ilusória, pois, os sujeitos constroem-se dessa relação com o contexto social, cultural e estético.

O contexto industrial também influenciou na arquitetura, pois,

> A construção civil havia se convertido numa rotina vazia. Recordemos como os blocos de apartamentos, fábricas e edifícios públicos das cidades em acelerada expansão eram erguidos em uma variedade de estilos sem nenhuma relação com a finalidade do prédio. Não raro, parecia que os engenheiros haviam primeiro levantado a estrutura que atenderia as necessidades naturais do edifício para depois ser acrescentada uma pitada de "Arte" sobre a fachada sob a forma de ornamento derivados de um dos livros de padrões dos "estilos históricos" (GOMBRICH, 2013, p. 411).

Como observamos, havia uma demanda por crescimento e inovação tecnológica que adentrava o âmbito artístico e cultural. Os prédios precisavam atender às necessidades industriais com capacidade de organizar um maior número de pessoas em menor espaço, o que representava a mudança da valorização do produto artesanal para a produção em massa.

Outro fator que influenciava as compreensões estéticas e artísticas daquela época é o surgimento da fotografia, que contribuiu para a redefinição dos objetivos da Arte, posto que,

> o desenvolvimento da fotografia fatalmente induziria os artistas a avançar em suas explorações e experimentos. Não havia mais necessidade de que a arte se desincumbisse de uma tarefa que um apetrecho mecânico era capaz de realizar de forma melhor e mais barata. Não esqueçamos que outrora, a pintura atendia a uma série de fins utilitários. Servia para registrar a aparência de um notável ou de uma casa de campo (GOMBRICH, 2013, p. 403).

A fotografia reorganizou assim, a percepção dos artistas de que não precisavam mais, ou não faria sentido, desenvolver sua técnica para a perfeição de uma representação, pois, a fotografia, ainda que precária, a faria melhor, mais rápido e mais barato. Como comenta Gombrich (2013, p. 383), "para o empresário bem-sucedido, um artista não era muito melhor que um impostor que exigia quantias exorbitantes por algo que dificilmente se poderia chamar de um trabalho honesto".

O movimento impressionista, que teve sua primeira exposição em 1874 na cidade de Paris, nasceu em meio a esses elementos que compuseram as características de um contexto burguês. Os artistas procuravam explorar as possibilidades da pintura, estimulados pelas novas características da Arte que a cada dia ganhavam mais espaço entre os pintores. Assim, estabeleceram uma tensão com as imposições estéticas e padrões de beleza aceitos pela população que consumia Arte e que esperava das pinturas, temas dignos de representação, sob um equilíbrio e proporção adequados aos padrões clássicos.

Os impressionistas continuaram a representar a natureza, no entanto, seu interesse centrava-se na técnica, no processo da pintura. Dessa forma, os pintores saíram de seus estúdios e começaram a pintar ao ar livre com atenção à influência da luz sobre a paisagem. À medida que o efeito de luz mudava durante o dia, ou até mesmo, durante as estações do ano, as paisagens e os objetos adquiriam características diferentes. Com isso, os pintores estudaram formas de aperfeiçoar sua técnica para que conseguissem expressar suas impressões vivenciadas naquele momento.

Iniciaram uma mudança nos temas, por que com as pinturas realizadas ao ar livre, retratavam elementos que representavam a máquina a vapor, chaminés de fábricas, navios, paisagens de portos, bailes ao ar livre, práticas dos burgueses nos Parques, afazeres cotidianos, ruas de cidades, entre outros temas relacionados ao cotidiano das pessoas. Dessa forma, entre os artistas,

> disseminou-se o passatempo de "chocar os burgueses", aturdindo-os em sua complacência. Começaram a considerar-se uma raça à parte; cultivavam longos cabelos e barbas, vestiam-se de veludo, usavam chapéus de abas largas e gravatas frouxas, e costumavam expressar seu desprezo pelas convenções dos "respeitáveis" (GOMBRICH, 2013, p. 383).

A citação acima demonstra uma clara mudança na forma de pensar e fazer Arte, assim como de se portar e se inserir nas relações sociais naquele contexto francês. Com isso, o choque com os padrões aceitos pelos burgueses acontecia através da escolha dos temas, da composição da obra, da forma como pensavam e na maneira como se vestiam.

De acordo com Proença (2005), as características das pinturas impressionistas evidenciavam que:

> A pintura deve registrar as tonalidades que os objetos adquirem ao refletir a luz solar num determinado momento, pois as cores da natureza se modificam constantemente, dependendo da incidência da luz do sol.
>
> As figuras não devem ter contornos nítidos, pois a linha é uma abstração do ser humano para representar as imagens.
>
> As sombras devem ser luminosas e coloridas, tal como é a impressão visual que nos causam, e não escuras ou pretas, como os pintores costumavam representa-las no passado.
>
> Os contrastes de luz e sombra devem ser obtidos de acordo com a lei das cores complementares. Assim, um amarelo próximo a um violeta produz uma impressão de luz e de sombra muito mais real do que o claro-escuro tão valorizado pelos pintores barrocos.
>
> As cores e tonalidades não devem ser obtidas pela mistura das tintas na paleta do pintor. Pelo contrário, devem ser puras e dissociadas nos quadros, em pequenas pinceladas. É o observador que, ao admirar a pintura, combina as várias cores, obtendo o resultado final, a mistura deixa, portanto, de ser técnica para ser óptica (PROENÇA, 2005, p. 140).

As particularidades apresentadas acima explicam as mudanças que começavam a ocorrer e influenciar a pintura de muitos artistas daquele período. Entretanto, esses elementos da pintura acarretaram considerável rejeição do público, pois, estava acostumado a apreciar obras de Arte, produzidas nos *ateliers* onde a luz artificial provocava um efeito diverso daquele produzido pela luz do sol, ao ar livre. Basicamente, aprendiam a *hachurar* [10] para adquirir efeitos de sombra e posteriormente, aplicavam essa habilidade a qualquer objeto.

No entanto, para o desenho realizado,

> fora das condições artificiais do ateliê do artista, os objetos não parecem tão arredondados nem têm seus contornos tão bem delineado quanto os dos moldes de gesso dos antigos. As áreas iluminadas parecem muito mais claras que no ateliê, e mesmo as sombras não são de um cinza ou negro homogêneo, pois a luz refletida pelos objetos circundantes afeta as cores do que não está sob luz direta (GOMBRICH, 2013, p. 393).

A construção de obras ao ar livre solicitava dos pintores pesquisa de novas técnicas e soluções para representar as características percebidas no volume, na cor, nas formas e na influência sofrida por cada objeto na relação com o contexto. São esses elementos que

[10] *Hachurar* vem do Francês e significa "linhas que se cruzam". Quanto mais próximas e sobrepostas, mais escuras ficam. Essa técnica é utilizada para adquirir um efeito de luz e sombra nos desenhos, nos quais, os desenhistas aumentam o número de linhas no local onde desejam obter um efeito maior de sombra, mais escuro.

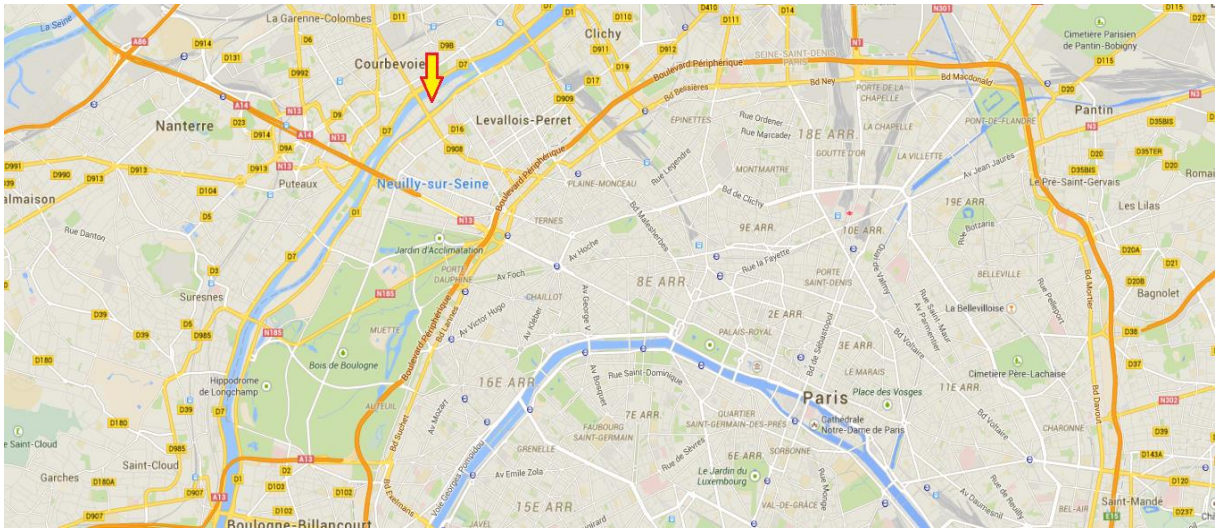
conduzem os pintores a sair de seus *ateliers* para pesquisar o cotidiano, na relação com as atividades corriqueiras e a impressão sugerida por elas.

Entre esses autores está Georges Seurat que, nasceu em 2 de dezembro de 1859 e com suas pesquisas permitiu a compreensão impressionista e o desenvolvimento das técnicas de pintura ao limite de seu tempo. Procurou desenvolver um método de pintura que fosse além da indeterminação subjetivista, visível nas pinturas dos artistas impressionistas da época.

Aldo Pereira (1997, p. 4) aponta que Seurat, como observador cuidadoso das pessoas, "produziu numerosos esboços e desenhos de temas do cotidiano: soldado num barco, mulher em rotina doméstica, gato [...] sua mãe costurando, seu pai comendo", entre outros.

Aos 24 anos, em 1884, iniciou uma pesquisa em uma ilha localizada na cidade de Paris. *La Grande Jatte* que é uma das várias ilhas ao longo do rio Sena, em Paris, e o nome *Jatte, que* significa "tigela grande", faz referência ao seu formato. A ilha, indicada na imagem abaixo pela seta amarela, era muito frequentada pelos parisienses aos domingos e constituía síntese das características da época, nas práticas de utilização dos sujeitos.

Mapa 4: Ilha da Grande *Jatte*, no rio Sena, em Paris.



Fonte: Google Maps.

Durante um período de dois anos, 1884 a 1886, Seurat frequentou rotineiramente a ilha, na qual realizava esboços do comportamento e características das pessoas. De acordo com Pereira (1997, p. 5) suas visitas renderam a elaboração de "23 desenhos e 38 croquis a tinta" que resultaram naquilo que seria uma de suas obras mais importantes, "Tarde de

Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)", ou seu nome original *Un Dimanche à la Grand-Jatte (1884/1886),* com 2x3 metros.

Fotografia 8: "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)".

Fonte: http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/27992

A imagem acima apresenta a versão final de seu trabalho com um dos procedimentos adotados pelo pintor: observar e realizar seus esboços a partir de um mesmo ponto de visão. Na obra observamos as pessoas, em uma ensolarada tarde de domingo, sob a sombra de algumas árvores cuja posição, forma e efeitos, a partir da ação da luz, também detiveram a atenção do pintor. À medida que o olhar percorre a obra descobrimos novos elementos que despertam a curiosidade. A posição das pessoas, sua rigidez corporal, as formas muitas vezes incompletas, os animais de estimação, assim como a luminosidade do trabalho, com a luz característica do movimento Impressionista.

Nessa obra, Seurat expressa a descoberta e o desenvolvimento de uma nova técnica que se chamaria "Pontilhismo", também conhecida por "Divisionismo", como síntese das características impressionistas do uso da cor. O quadro "Tardes de Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)" foi elaborado com essa técnica que consiste em fazer pinceladas em forma de pontos, com o uso de cores puras. Na realidade, Seurat não utilizou apenas

pontos, mas também, pinceladas extremamente curtas na horizonta, vertical e diagonal, uma vez que se tratava de um quadro de 2 x 3 metros e oferecia o mesmo efeito desejado.

A exposição com o quadro e outras obras com a mesma técnica chocou o público que as observava com o mesmo referencial com o qual apreciava os quadros dos períodos anteriores. No entanto, as características de sua composição necessitavam de um olhar mais afastado, para que as cores e os traçados se fundissem na visão tornando possível a percepção da paisagem por completo (GOMBRICH, 2013).

Como apresentado anteriormente, Seurat busca em seu trabalho representar as impressões que obtinha da observação das práticas e especificidades dos frequentadores da Ilha da Grande Jatte, em 1884, em meio à ascensão do ideário da sociedade moderna que vivia em uma realidade dramática, iluminada por um otimismo da evolução, das soluções tecnológicas e econômicas que constituíam o fundamento daquele período burguês. São justamente essas características que diferencia a obra e, ao mesmo tempo, a aproxima de nossa pesquisa, no sentido de contribuir para percepção das obviedades cotidianas.

Ao nos aproximar de Paulo Bezerra (2005 p. 196-197), referente ao procedimento analógico, o intuito é "deixar que [seu estilo e obra] fale, carregando nas tintas, *use* sua linguagem, *seu* estilo, *sua* ênfase [...] dona de sua própria maneira de exprimir-se", característica que evidencia a escrita polifônica[11] de cunho etnográfico, à qual somos afetados pela relação com o trabalho de Seurat, ao mesmo tempo em que proporcionamos pontos de significatividade para o leitor. Nesse sentido, a aproximação com Seurat ocorre como se nos oferecesse um par de lunetas para que pudéssemos penetrar no que "for menos claro ou totalmente escuro" (BEZERRA, 2005, p. 197).

Por meio desse procedimento buscamos estabelecer um diálogo com a forma com que Seurat pensava a pintura e que o levou a estabelecer uma nova maneira de representar por meio da proposição de uma nova técnica: o pontilhismo. As conexões estabelecidas analogicamente referem-se à maneira como o pintor desenvolve sua pesquisa, as representações em sua obra e as características de sua técnica que se aproximam e contribuem no estabelecimento de nossa forma de olhar e pensar as interações cotidianas.

[11] Corroboramos com Maffesoli (2010, p. 113) ao empregar o conceito de polifonia como "o gestual; [...] o imaginário em ato no qual, por via de situações fugazes e de riscos matizes, se atam e desatam as atrações, as repulsas que devem mais a polifonia dos sentidos ou dos afetos que á visão calculante e econômica da razão". Nesse sentido, ao expormos uma escrita polifônica procuramos fazer com que o leitor possa operar um movimento de atração e repulsão, que se instituem pontos de significatividade a fim de uma construção conjunta.

Sob essas três dimensões de conexões a serem estabelecidas com o trabalho e obra de Seurat, buscamos aproximar os elementos percebidos sem com isso operar uma síntese totalizante que os reduzam a um reflexo exterior a efervescência presente no Parque. As cores/práticas permanecem, não sendo matizadas por completo e previamente pelo pintor/autor, são, assim, aglutinadas com ajuda do leitor, uma vez que, representam a marca de uma época.

Ao estabelecer esse movimento, de acordo com Maffesoli (2010, p. 133), compreendemos que "sem considera-la como único meio de compreender-se algo, a analogia modula toda compreensão do que é movente, servindo-se de situações ou de experiências que lhe sejam comparáveis". Esse método exprime o conceito de totalidade, compreendido aqui como elementos totais presentes no local e que carregam consigo a expressão de um período, de uma sociedade.

Sob essa perspectiva Maffesoli (2010) chama a atenção para a analogia que,

> permite acima de tudo compreender o presente. Semelhante à tela de fundo, ela dá relevo àquilo que de outra forma passaria despercebido ou seria diminuído, ao ser declarado insignificante [e] pelo exercício de comparação que permite efetuar com sociedades distantes no tempo e no espaço, a analogia é um instrumento de escol (MAFFESOLI, 2010, p. 139).

Como instrumento da percepção, nos guia pela obscuridade labiríntica do cotidiano num período "Pós-Moderno que é síntese de contradições" (SILVA, 1991, p. 133). É ela que nos oferecerá a lente de aumento de que falávamos e que, segundo Maffesoli (2010, p. 139) "dará relevo aquilo que de outra forma passaria despercebido", o insignificante de que fala. Não buscamos, nem tão pouco, pretendemos com isso, esgotar as possibilidades do cotidiano dos sujeitos no Parque, pois como adverte Geertz (2009, p. 14) ao citar Valéry, "um trabalho não se termina, se abandona".

A intenção está em, como sugere Maffesoli (2005, p. 149), por em jogo "uma série de similitudes e comparações, [a fim de] fazer análises que possuem uma inegável força demonstrativa". Com base nesse princípio, as aproximações buscam criar possibilidades para a mostração da vitalidade no cotidiano no Parque, bem como oferecer elementos que possam nutrir uma aproximação participante do leitor que pode contribuir com o enriquecimento dos elementos percebidos.

Como propõe Machado de Assis (1962) no capítulo XIII "A epígrafe" de Esaú e Jacó, é possível criar um diálogo polifónico em que as pessoas dessa história possam ler "colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços entre o enxadrista e os seus trebelhos", e continua dizendo:

> Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo (ASSIS, 1962, p. 18).

Esse é o elemento fundante que norteia nossa aproximação à elaboração da obra de Seurat, atentando para o pluralismo que a torna profunda, tanto em sua pintura quanto na postura de observador do artista, o qual intuitivamente adota ações que o diferenciam dos pintores de seu período. Nesse processo encontramos contribuições que conferem maior luminosidade à marcha de cada peça.

CAPÍTULO 2

TÁTICAS E INVENÇÕES NO COTIDIANO DOS SUJEITOS

2.1 Invenções e ressignificações dos lugares

No capítulo anterior verificamos como as definições de "espaço, lugar, local e não lugar" se apresentam em nosso campo de pesquisa. Com isso, percebemos que o Parque Alvorada - Jorge Backes se define como um "não lugar" por se caracterizar como espaço de passagem, no qual o sujeito interage de acordo com regras-padrões e desfruta do relativo prazer do anonimato, naqueles espaços que não são familiares, chamados por Balandier (1999, p. 66) de "lugares – padrão".

Entretanto, os não lugares também são produtores de lugares qualificados, ou lugares antropológicos como sugere Marc Augé (2012), por meio da reapropriação desses espaços pelos frequentadores. Balandier (1999), ao comentar essas características dos não lugares expõe que,

> a constituição progressiva, lenta, dos não lugares em lugares muito qualificados, [é realizada por meio da] revalorização dos lugares banais através de uma melhor interação com os que, mais antigos, carregados de significações e repertoriados, são instituídos como lugares de memória (BALANDIER, 1999, p. 67).

Os lugares, para o autor, assim como os compreendemos, seriam constituídos a partir de uma melhor interação, por meio das práticas dos sujeitos, entre os lugares banais (não lugares) e os de memória, repletos de significações e repertoriados. Esse processo põe em ação um movimento de significação dos que os qualificariam como um lugar antropológico, definido por Marc Augé (2012), no qual os sujeitos desempenham determinadas práticas, ações, fazeres e familiaridades.

Os fatores relacionais e históricos, apontados anteriormente por Augé Augé (2012), como elementos constituintes do lugar, se evidenciam nesse processo, uma vez que é por meio da relação dos sujeitos a partir de lugares de memória historicamente construídos que se constituem lugares no "não lugar". Os fazeres dos sujeitos são fundantes dessa construção,

uma vez que, de acordo com Tuan (1983, p. 184), “a maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídas para satisfazer necessidades práticas”.

Nos longos períodos de chuva, o Parque Alvorada - Jorge Backes passa por situações de alagamento, por que seu sistema de escoamento de água é canalizado para o lago, ou, para o rio Marrecas que é uma de suas divisas. Com esse fenômeno, muitas pessoas vêm ao Parque pescar. Posicionam-se em suas laterais com molinetes, linhadas e varas de bambu. O lago central na arquitetura do Parque é um espaço de grande visibilidade, sobretudo, por ser um lugar onde as pessoas alimentam e se impressionam com o tamanho dos peixes. Já identificamos a prática da pesca anteriormente à pesquisa, durante a delimitação do objeto, quando os frequentadores a praticavam durante o dia.

Fotografia 9: Inundação do Parque Alvorada - Jorge Backes

Fonte: Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão.

Com a inserção das normas de utilização, o espaço recebeu seus elementos textuais proibitivos que orientam os frequentadores para o uso adequado, ou padrão do não lugar. Entre essas normas destacamos a que se refere à pesca, “proibido pescar”, que inibiu a realização dessa atividade no lago. Entretanto, encontramos aqueles que poderiam constituir

os elementos necessários para a reorganização e criação de um novo lugar para a prática da pesca.

Selecionamos alguns trechos do Diário de Campo que os descrevem. Os acontecimentos se passam na lateral direita do Parque onde se localiza o lago.

> Ao retornar pela mesma pista de caminhada [da lateral direita], verificamos a existência de uma trilha que inicia em baixo da ponte e vai costeando o rio em paralelo com a pista de caminhada [...] A trilha está vazia, no entanto bem demarcada, suponhamos que deve ser utilizada frequentemente. Nossas suposições se confirmam com os 'vestígios' de usos que encontramos como copos, carteira de cigarros e algumas garrafas de refrigerante, todos com suas embalagens preservadas. Encontramos um **acesso** ao rio. Será uma área de banho? Iniciamos a descida até sua margem e percebemos que há uma preparação do **acesso** com leves degraus de aproximadamente 5 cm escavados na terra, são novas marcas de utilização com a **preparação** do acesso (DIÁRIO DE CAMPO, 26/01/2015).
>
> Ao chegarmos no local percebemos que há uma mulher sentada no meio da trilha olhando algumas crianças na beira do rio. Com a aproximação vemos que há um rapaz com uma enxada junto delas. Fazem alguns buracos no barranco do rio e vemos que estão à procura de minhocas para servirem de iscas em uma futura pescaria (DIÁRIO DE CAMPO, 29/01/2015).
>
> Ao passarmos pela trilha da lateral direita do Parque, observamos em uma das entradas, ou descidas para o rio um senhor e um jovem dentro do rio. Afastamo-nos alguns metros e olhamos por entre as árvores o que estavam a fazer. Os dois estavam pescando no rio, jogavam uma rede chamada tarrafa e depois puxavam. O acesso ao rio continua conservado e muito bem preparado, ao que indica ser uma prática corriqueira na divisa do Parque (DIÁRIO DE CAMPO, 15/02/2015).

O contexto normativo desse Parque de lazer, em específico sobre a proibição da prática de pesca, o classifica como um "não lugar" e proporciona o contexto necessário para criar um lugar da prática de pesca, a partir da relação entre os sujeitos e o espaço, evidenciada na construção de degraus escavados na terra ao lado do rio que preserva seu acesso, assim como os vestígios de utilização que não apresentam sinais de envelhecimento, para os quais encontramos novos, a cada dia. A pesca, nesse sentido, é planejada em suas etapas de desenvolvimento e pressupõe consciência e conhecimento, tanto das ações necessárias, quanto do lugar no qual serão desenvolvidas para obter o pescado.

Outro elemento evidenciado pelo Diário de Campo é a existência da trilha, construída e preservada pelos usuários do Parque. Está localizada na divisa do Parque com o rio municipal e ao longo de sua extensão localizamos outros acessos ao rio com a mesma

característica de preparação do lugar. Esse local da trilha está sinalizado na planta de construção do Parque como área de preservação, no entanto, as intervenções dos sujeitos atribuíram movimento e vida a esse território de preservação.

Fotografia 10: Lugar construído para prática da pesca

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 11: Trilha em área de preservação com acessos ao rio.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Voltamos o olhar para outro lugar, a Cancha de Bocha Luis Varela, criada pela experiência dos sujeitos com o Parque. O jogo de bocha era inicialmente, realizado no gramado pelos usuários, apontados como da melhor idade [12] que traziam seus equipamentos e bochas a cada jogo. Ao descer pela rua que atravessa o Parque no sentido do centro para a rodovia, entramos na segunda parte do Parque, à direita. Vemos nesse espaço um gramado, na lateral da pista de asfalto, que termina no início da área de preservação, especificada na planta do Parque.

Ao seguirmos por essa área de preservação vemos que o jogo ocorre sob as árvores, em um lugar preparado para sua realização. Nesse local encontramos uma cancha retangular construída em madeira. O chão é de terra batida com uma fina camada de areia. Nas laterais, bancos de gesso para possíveis espectadores, ou jogadores que aguardam sua vez. Há um instrumento parecido com um rodo. Entretanto, ao invés de borracha na extremidade, possui um tapete que é arrastado em toda a cancha antes do jogo, o que é um exemplo do cuidado e manutenção pelo grupo que se utiliza daquele lugar que fica entre as árvores, portanto, com pouca visibilidade da pista de asfalto.

[12] Embora compreendamos que todas as idades são as melhores, utilizamos essa expressão por que ela está nas placas distribuídas pelo Parque ao se referir às pessoas acima de 60 anos.

Fotografia 12: Cancha de bocha vista da rua que atravessa o Parque

Fonte: Manoel da Motta Filho.

No processo de criação para elaboração e desenvolvimento da pesquisa também nos deparamos com a experiência de produção de um lugar. Ao longo da coleta dos dados em campo percebemos que por morarmos próximo ao Parque utilizávamos seus espaços pautados apenas na habilidade espacial, citada no capítulo anterior enquanto definíamos a noção de lugar, como a utilização de espaço sem a necessidade de planejar as etapas a cumprir durante a atividade cotidiana. Realizávamos exercícios, caminhadas na pista de asfalto e corridas com as quais assumíamos o papel de frequentador do parque de lazer, gozando assim, do anonimato estabelecido contratualmente com as normas de utilização.

Os planejamentos para pesquisa, coleta de dados e estudos teóricos reconstruíram o Parque diante de nosso olhar. Com isso, o Parque agora era lugar de estudo, seus espaços eram explorados durante as caminhadas e tudo era mapeado mentalmente, e, criamos a prática da pesquisa, uma "maneira de fazer" (CERTEAU, 1994) que não poderia seguir a lógica prescritiva do "não lugar" que sinalizava: "Favor manter o sentido único de caminhada".

Fotografia 13: Elemento prescritivo do "não lugar"

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Como processo de criação, a Arte também produz lugares ao representar uma localidade desconhecida ou mesmo, obnubilada pela obviedade cotidiana. Percebemos essa característica na obra elaborada por Georges Seurat "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte", a qual deu visibilidade à ilha inserida no cotidiano francês do século XIX. Em um período povoado pelos temas dignos de representação, o pintor transformou a Ilha, que era um não lugar público da população domingueira, em um lugar significante do início de uma nova Arte, assim como, de um período da história.

A cidade contemporânea de Paris já chegou à Ilha da Grande Jatte e hoje, seu amplo gramado com suas árvores, dividem espaços com calçadas, cercas, bancos e alguns prédios comerciais. Entretanto, ela continua sendo reconhecida como "lugar" devido ao seu valor geral e específico, como lembra Tuan (1983). Sua importância geral se justifica por ser tema de uma obra que marcou a mudança na forma de pensar a Arte e por isso transcende a

história. Da mesma maneira, sua importância consiste em fazer parte de um período específico de sua história caracterizado pelos usos que os sujeitos ali desenvolveram.

Fotografia 14: Ilha da Grande Jatte contemporânea.

Fonte: http://www.runningmaps.eu/spip.php?article28

Com essas relações identificadas entre os sujeitos e o "não lugar" compreendemos as condições em que acontece a produção dos lugares no Parque, por meio da intervenção em seu espaço e dos processos de pesquisa que transformam esses não lugares em significantes de experiências.

Já vimos que alguns lugares criados tiveram seu estímulo da imposição normativa dos não lugares. Essa característica é apontada por Serpa (2011) quando diz que,

> a sociedade atual impõe inúmeras e variadas regras a fim de normalizar seus membros, para abolir a ação espontânea e a reação inusitada, substituindo-as por tipos específicos de comportamento [...] todos os habitantes do espaço urbano têm seu sistema de significações em nível ecológico, expressão de suas passividades e de suas atividades. Já os arquitetos (paisagistas e urbanistas) parecem ter estabelecido e dogmatizado um conjunto de significações, elaboradas não a partir do percebido e do vivido pelos habitantes da cidade, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado (SERPA, 2011, p. 38).

O contexto denunciado por Serpa (2011) oferece a característica manifesta nas interações dos frequentadores do Parque. No entanto, Certeau (1994) lembra de que essa característica não é totalmente neutralizadora das possibilidades de invenções nas formas de utilização do espaço, sendo que os sujeitos podem "criar para si um espaço de jogo para *maneiras de utilizar* a ordem imposta do lugar[13] ou da língua. Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei. Ele aí instaura pluralidade e criatividade" (CERTEAU, 1994, p. 93).

No próximo subtítulo, analisaremos as maneiras de fazer dos sujeitos que instituem novas formas de utilizar os espaços do Parque, para além, como salientou Serpa (2011, p.38), "daquilo que parece ter sido estabelecido e dogmatizado como um conjunto de significações para o uso do espaço. Maneiras de fazer que instituem novas singularidades aos espaços presentes e lugares construídos por meio da interação dos sujeitos".

2.2 Táticas, astúcias e novas práticas

Os sujeitos podem participar e como visto anteriormente, criar lugares, assim como suas maneiras de utilizá-los, subvertendo as regras instituídas na organização do espaço. Impera o protagonismo quando eles podem participar e interagir com o lugar, reorganizando-o e o ressignificando. Nesse sentido, como sugere Figueiredo (2010, p. 40-41), "os urbanistas planejam, interferem nos modos de usar a cidade e os comportamentos dos modos de uso alteram o planejamento possibilitando a invenção".

Desse modo, podemos ver a prática de pescar que, no limite do Parque, denota "astúcia" e "tática" dos frequentadores que delimitam uma maneira de fazer própria, para além da estabelecida pelos arquitetos e urbanistas de que fala Serpa (2011). A ação de preparar o terreno para o acesso ao rio é realizada beneficiando-se da proteção das árvores na área de preservação, que dificulta a imposição das forças de vigilância. A enxada utilizada para procurar minhocas, que servem de iscas, e a rede para a pesca, esboçam a diferença de interesse no uso daquele "não lugar".

[13] A palavra "lugar" aqui, deve ser entendida como espaço geometrizado, diferentemente do compreendido por nós, como lugar antropológico e qualificado, definido por Marc Augé.

Em um espaço constituído para a realização de exercícios físicos e para socialização por meio da interação, é instituído um trajeto que subverte a lógica dos ambientes. A criação de um lugar, acompanhado ou proporcionado por uma maneira de utilizar o Parque, própria daqueles sujeitos, "cria ali surpresas. Conseguem estar onde ninguém espera. É astúcia" (CERTEAU, 1994, p. 101).

As astúcias percebidas na prática de pescar dos sujeitos, também podem ser identificadas nos vendedores que, apesar da proibição de ambulantes no Parque, estão presentes todos os dias no mesmo local e inserem, dessa forma, o que Michel de Certeau (1994, p. 102) chamou de "movimentos dentro do campo de visão do inimigo". Com isso, consideramos como inimigo o território que, vigiado por funcionários da prefeitura, assim como viaturas policiais que transitam no entorno do Parque, zelam pelo uso adequado de seu espaço.

Os vendedores dividem-se entre aqueles que circulam no Parque e os que permanecem parados em um mesmo local. Estão localizados na lateral da pista que circunda o lago, próximo ao *playground* e os aparelhos de exercícios. A proximidade desses serviços dentro do Parque faz com que esse seja o espaço com maior movimentação de pessoas.

Ao todo, são quatro vendedores que permanecem parados no mesmo local. Chegam ao Parque por volta das 16h00min e organizam seus objetos para a venda, sempre no mesmo espaço. Chegam com suas bicicletas carregadas das quais retiram seus objetos e os organizam para a venda, conforme descreve o Diário de Campo:

> Retira as coisas aos poucos e solta na grama, não sem antes olhar para cima e verificar onde estão os galhos de árvores. Coloca um pedaço de madeira no chão com um saco de ração em cima, a caixa de isopor e duas garrafas de água em cima para mostrar o que vende. Por último começa a encher os copos de três tamanhos com ração. Logo no início é interrompido pelo primeiro comprador que pega um copo para sua filha alimentar os peixes. Após fazer a venda, o vendedor volta a encher os copos (DIÁRIO DE CAMPO, 14/02/2015).
>
> Há um vendedor de balões com desenhos de animais, personagens do cinema infantis cheios com gás hélio para que fiquem suspensos no ar. Os balões estão amarrados a um grande cilindro laranja de gás. Ao lado deste, estão dois carrinhos de picolé, um vendedor de algodão doce e três lugares arrumados com ração para os peixes com uma caixa de isopor para venda de água. Um garoto que aparenta ter 3 á 4 anos se aproxima para comprar um balão, o vendedor abaixa todos que estão amarrados junto para o garoto escolher. Escolhe o de um carro, personagem de um desenho animado infantil. O vendedor então o retira e amarra no pulso do garoto, seu pai paga

> o vendedor e vai embora. Na mesma hora o vendedor vai até sua mala verde que está no chão com os balões vazios e retira um do mesmo modelo do qual o garoto escolheu a pouco, enche-o e repõe para a venda amarrando-o junto aos outros. Logo chega outra criança escolhendo um balão rosa, o ritual se repete com a venda e a reposição. Nos momentos em que não está vendendo o senhor desembaraça os fios dos balões que se enroscam com o balançar do vento (DIÁRIO DE CAMPO, 07/02/2015).

Junto aos quatro vendedores que permanecem parados e ofertam produtos como ração para peixes, água, balas, chocolates, salgadinhos e bolas de futebol simples, apenas feita de borracha sem costura, detectamos, na segunda citação do Diário de Campo, aqueles que circulam no Parque para venda de picolés e algodão doce. Há uma mudança no número de vendedores entre os dias da semana e o final de semana, e nos domingos, percebemos a presença de cama elástica e vendedores de balões. Há outros vendedores nesse local, porém, deslocam-se continuamente em torno do Parque, são eles: os vendedores de algodão doce e picolé.

A localização próxima ao *playground* e aos aparelhos de ginástica é conveniente aos vendedores devido ao grande número de crianças. Com isso, notamos demarcações simbólicas entre os vendedores e os frequentadores que se utilizam de seus serviços. Ali é lugar de comprar a ração, de obter a água, de consumo no Parque. Serpa (2011) ajuda a compreender esse elemento ao falar sobre a "territorialização do espaço".

> Em verdade, os usuários privatizam o espaço público através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente (SERPA, 2011, p. 36).

A relação de organização e interação entre os vendedores sugerem a presença das demarcações simbólicas de que fala o autor. Embora não haja marcações do local onde cada vendedor deva organizar seus produtos, tão pouco seja permitida a sua presença no espaço do Parque, sinalizamos que cada um possui o seu local. Com isso, esse espaço público, que poderia acolher práticas de lazer, é privatizado como lugar de comercialização.

Os demais frequentadores do Parque não ocupam esse local para sentar à sombra das árvores, mesmo quando os vendedores não se encontram ali. Essa particularidade propõe ser

uma prática instituída e reconhecida por todos os frequentadores do Parque. A "privatização" não reduziu as trocas entre os territórios, mas pode ter limitado o uso do local pelos frequentadores que não se inserem na dinâmica da venda.

A maneira de utilizar e se colocar em movimento dos vendedores, diante da proibição normativa do Parque, evidenciam "as astúcias de interesses e desejos diferentes" (CERTEAU, 1994) dos frequentadores "desindentificados" (AUGÉ, 2012) pelas "práticas-padrão" (BALANDIER, 1999) instituídas pelo não lugar. A característica de utilização dos vendedores, ou seja, suas estratégias e táticas de utilização do espaço que subverte à norma proibitiva instituída influenciam nas "maneiras de fazer" dos demais usuários.

Por não haver proibições para a alimentação dos peixes, observamos essa prática nos diferentes dias da semana e nas diferentes horas do dia, inclusive nos horários quando os vendedores não se encontram. Sobretudo, durante as manhãs e logo após o almoço, horário em que os vendedores não estão no Parque, os usuários jogam pedaços de pão aos peixes e também aos aproximadamente, trinta gansos que saem da ilha no centro do lago e se aproximam dos frequentadores.

No período em que os vendedores estão no Parque, notamos que ao invés de pedaços de pão os usuários jogam aos peixes e gansos, a ração e os salgadinhos. Esse comportamento denota que não somente os vendedores aproveitam a ocasião para construir sua maneira de fazer, mas estimulam a prática de ir ao Parque para comprar ração e se distrair com o movimento dos peixes e gansos.

No *playground* também identificamos as táticas nas maneiras de fazer que instauram pluralidade ao lugar. O recorte que selecionamos ajuda a mostrar essa relação.

> No Playground crianças brincam enquanto os pais, avós e irmãos observam. Percebemos que não somente os filhos buscam trocas e novos contatos na interatividade do *Play Ground*, mas os pais das crianças também. Enquanto brincam com os filhos, trocam olhares. Observo um dos pais que cuida sua filha e percebo que ele 'fita' com o olhar constantemente uma das três mulheres que estão sentadas na grama próximas a mim para cuidar suas crianças. As três mulheres percebem o olhar, se olham e aquela que estava sendo alvo dos olhares – e que está sentada mais de lado para o *playground* – vira-se de frente, ao lado das amigas, colocando seu óculos de sol. Ela é loira, veste um calção jeans mais curto e justo ao corpo. Em seu braço direito usa um relógio dourado com pulseira de couro amarela. Também usa 2 pulseiras de couro amarelo e dourado. Em seu pé, uma rasteirinha. O homem que a olha é loiro mais grisalho e aparenta ter mais de trinta anos. Veste um calção cinza abaixo do joelho, um chinelo de dedo azul e uma camiseta

> branca. Em sua mão esquerda, uma aliança de ouro reconhecida na cultura local como símbolo do casamento. A sensação de paquera contrasta com a inocência presente na interação entre as crianças, na qual, entre uma embalada e outra de sua filha no balanço, há o contato com o olhar que pode ser um valor que motiva os pais a trazerem os filhos no Parque (DIÁRIO DE CAMPO, 06/02/2015).

Salientamos que há uma nova maneira de estar e utilizar o lugar do *playground*, um novo sentido atribuído que evidenciamos na ação do homem ao observar e manter seu olhar na mulher que conversava com as amigas. Nesse mesmo sentido, verificamos no Diário de Campo que, ao notar que estava sendo observada, a mulher colocou seus óculos escuros e se posicionou de frente para o homem. Esse movimento possibilita aferir a reciprocidade, o interesse da mulher em corresponder ao olhar, uma vez que poderia ter permanecido sentada de lado e continuado sua conversa com suas amigas, ignorando os olhares interessados do homem.

Embora construído para o uso das crianças, detectamos que não somente elas aproveitam seu espaço. No sentido do que Michel de Certeau (1994, p. 100) aponta o adulto "opera golpe a golpe, lance a lance. Aproveita a ocasião e dela depende" extraindo efeitos imprevistos. O lugar do lúdico oferece seu disfarce para a inserção de novo sentido e mudança nas regras do jogo. Os objetivos são outros e as astúcias tornam-se sutis entre meio às normas de utilização.

O brincar das crianças também joga com as regras do lugar. De cima do *playground* um jovem, com aproximadamente 14 anos de idade, observou outros dois jovens que chegaram aos aparelhos de exercício, um menino e uma menina. Após alguns minutos, o jovem que estava em cima do *playground* enviou outra criança para perguntar se aquela menina nos aparelhos de exercícios gostaria de "ficar" [14] com ele. A menina agradeceu ao pedido, mas recusou a oferta continuando a se exercitar com seu amigo. Confirmamos com esse gesto que novas relações se estabelecem nesse lugar, no qual, assim como os adultos, os jovens reinventam seus modos de utilização e conferem novas imagens e tonalidades ao lugar.

A forma como as crianças utilizam os aparelhos do *playground* evidenciam novas táticas e invenções aparentes nas maneiras de fazer diante da estrutura oferecida.

[14] Gíria popular utilizada como referência ao beijo na boca.

> Após algumas utilizações dos escorregadores, cordas, balanços e dutos de passagem de forma "correta", começam a reinventar formas de utilizar e maneiras de uso. Os escorregadores não são mais para escorregar, mas sim para subir. Há areia em todo o aparelho e nos escorregadores o que torna a subida ainda mais desafiadora. Passam por cima dos dutos, onde não tem segurança e se escorregar a única saída é o chão. Entram e saem dos buracos, dos dutos de passagem, por baixo dos escorregadores, brincam de pega-pega e alteram as correntes do balanço para que não fique tão perto do chão e as crianças maiores possam utilizar. As subidas nos escorregadores deixam as marcas dos passos de terra. Alguns adultos tentam evitar a criação de novas formas de utilização dos aparelhos, como subir pelo escorregador, escalar, etc., no entanto sem sucesso, pois as crianças resistem a ordem de utilização imposta para o brinquedo e criam suas próprias formas de viver aquela experiência (DIÁRIO DE CAMPO, 06/02/2015).

O procedimento esperado na utilização do *playground* é sugerido na forma de construção dos balanços, escorregadores, escadas para subir e a rede para escaladas. Junto a essa característica do espaço unem-se as recomendações dos adultos que permanecem perto dos brinquedos. No entanto, como visto na passagem acima, esses fatos não impedem que, em algum tempo, surjam reinvenções dos propósitos do brinquedo.

No balanço, as crianças maiores enrolam as correntes para que também possam se balançar sem que fique muito baixo. Os dutos de passagem de uma cabana a outra são atravessados pela parte de fora, onde as crianças se desafiam no equilíbrio, assim como os escorregadores usados como entradas, acessos, subida ao invés de saída. O *playground* também se transforma em lugar de trocas, de disputas entre meninos e meninas, desafios e estratégias para surpreender aos colegas.

Fotografia 15: *Playground* com corrente do balanço enrolada.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

São nessas manifestações que identificamos as táticas empregadas na cotidianidade dos sujeitos no Parque. Eles, a partir de suas experiências em sociedade com contos, lendas e jogos, constroem um repertório de estratégias para ativá-las em oportunidades percebidas na realidade. Para Certeau (1994, p. 83) "os lances são proporcionais às situações", assim como limitados pelas próprias experiências dos sujeitos e o lugar no qual ocorrem, porém, em todas as práticas que analisamos percebemos seu potencial como pontos de liberdade dos sujeitos.

São esses elementos que se relacionam na constituição da memória, assim como sua ativação frente às situações vivenciadas no cotidiano. Cada contexto social está permeado por elementos que instituem regras e formas de proceder em sociedade. A esse respeito, Michel de Certeau (1994) nos lembra da importância dos, a pouco citados, jogos, lendas e contos na constituição e estabelecimento de um princípio geral que influencia as práticas e a vida cotidiana dos sujeitos em determinado contexto.

O contato com os diferentes jogos postulam uma gama de lances e estratégias, as quais os jogadores precisam por em prática para atingir o objetivo e responder corretamente às jogadas surgidas no decorrer da partida. De forma semelhante, a relação com os contos e lendas oferecem, por meio da narrativa, inúmeras possibilidades de encadeamentos comportamentais, emocionais, gestuais, juízos de valor, situações desencadeadas que acabam

por comunicar lances e astúcias instituídas por personagens no contexto da história (CERTEAU, 1994).

A experiência obtida por meio da interação com os lances, astúcias e situações desencadeadas nos jogos de faz de conta, aberto a possibilidades, são deslocadas de sua existência material transformando-se em imagens que compõem aquilo que chamamos de memória. Os conhecimentos deslocam-se dos lugares de onde aconteceram para flutuarem na memória do sujeito, não possuem um lugar referente e estável em que podem ser encontradas, mas cruzam-se num ir e vir ativado por novas situações vividas que as chamam a existência.

É dessa forma que os sujeitos instituem lugares, práticas e maneiras de fazer no Parque, uma vez que, as ocasiões presentes, vividas e percebidas no Parque reatam-se lembranças e memórias dos lances, táticas, astúcias e esquemas que se atualizam naquele espaço. Nos lugares de menos força impositiva da organização e convenções aumenta a demanda por memória, saberes como possibilidade de ação. Com a reorganização de "saber-memória", menos tempo é necessário para a realização, mesmo porque é necessário aproveitar uma ocasião, assim, aumentam-se os efeitos.

Essa relação ajuda a perceber e verificar as conexões percebidas no Parque, bem como evidenciar um princípio que compreende uma totalidade por meio da relação com a memória. O trabalho de Seurat também ajuda a reparar nessas características e na forma como olhamos para o Parque, assim como, a maneira como os sujeitos relacionam-se com e no cotidiano. Há a presença e ação da memória que, como sugere Certeau (1994, p. 161) "mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do "momento oportuno" (*Kairós),* ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um "golpe" modifica a ordem local".

Nessa perspectiva, o olhar para o trabalho de Seurat, auxiliou na percepção da forma de uma modificação da ordem local. Cada lugar possui suas próprias concepções, valores, mitos, crenças e rituais que constituem as 'regras do jogo' a serem seguidas na realização das atividades e, assim como no Parque, pudemos observar as características de seu contexto que oportunizaram situações e ocasiões para o aparecimento de táticas nas maneiras de fazer, empregadas por Seurat no desenvolvimento de sua pesquisa e obra.

As concepções e regras de cada lugar podem tanto se referir ao âmbito social, quanto ao interior de um grupo dentro da sociedade. No século XIX, as concepções estéticas reconhecidas socialmente nutriam-se de contextos anteriores que, por sua vez, apresentavam

parâmetros bem delimitados, nos quais se percebe um princípio de consenso entre as características aceitas na moda, na expressão corporal e, sobretudo, nos trabalhos artísticos. De acordo com Gombrich (2013, p. 385), naquele período, "os artistas e seu público partilhavam de determinadas premissas que serviam de base para um consenso com relação a seus padrões de excelência".

Embora essas determinadas premissas para os padrões do que era belo e aceitável estivessem fortemente impregnadas no século XIX, as mudanças na forma de pensar a beleza com relação a proposições de seu elemento subjetivo, juntamente com as novas técnicas para produção de objetos de Arte, resultou no surgimento de novos questionamentos em relação às características de uma obra de Arte. Assim, ainda segundo Gombrich, (2013, p. 382) "instalou-se uma tensão nas relações entre artistas e clientes: enquanto o gosto destes estava fixado em determinada direção, o artista não se sentia no dever de satisfazer suas imposições". Surgiu, portanto, com a ação de alguns artistas, o movimento impressionista que busca explorar a impressão da paisagem.

Naquele contexto, produzia-se uma discrepância entre os consumidores e financiadores da obra de Arte e o material resultante do desejo manifesto e expresso pelo artista. A Arte reconhecida pressupunha a coerência entre os cânones de proporção e simetria do desenho, os estudos e pinturas realizadas em *ateliers* e os temas históricos representados, assim como personagens célebres e cotidianos. O foco do movimento impressionista, ao qual Georges Seurat faz parte, é a representação da característica efêmera das paisagens que adquirem variações de luz ao longo do dia. Para isso, os artistas primam pela observação e pintura ao ar livre.

O movimento impressionista não diverge significativamente em seus objetivos, uma vez que busca a representação e domínio da natureza, apenas na maneira subjetiva como o sujeito a representa. A ênfase recai sobre a técnica, como verificamos na afirmação de Grombrich (2013).

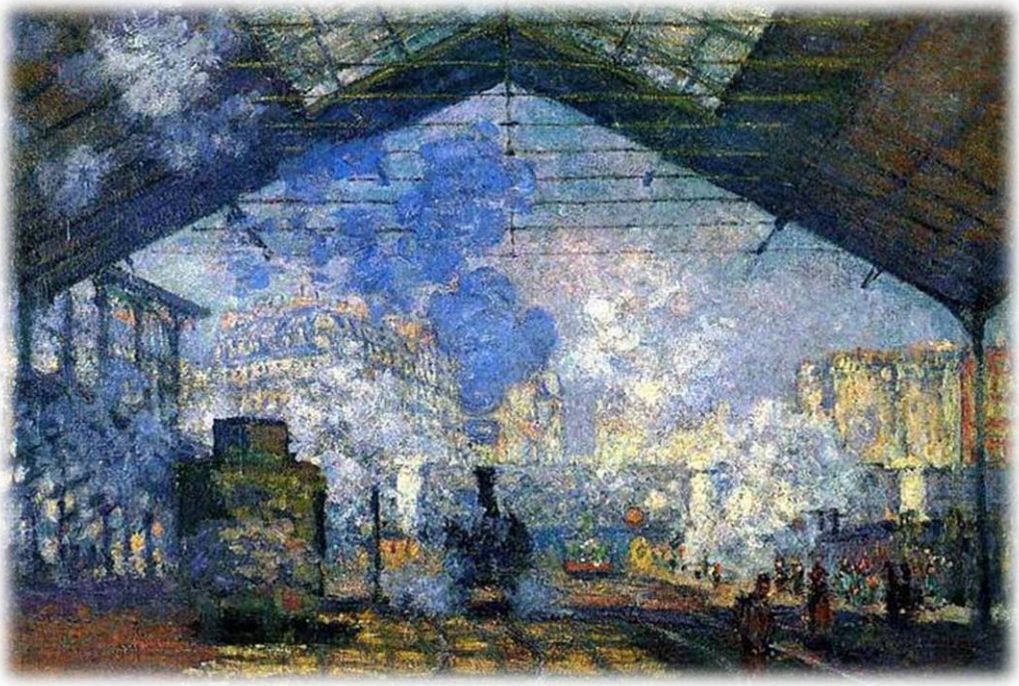
> É bom ter em mente, porém, que os impressionista não diferiam em seus objetivos das tradições artísticas que vinham se desenvolvendo desde a descoberta da natureza na Renascença. Sua intenção também era pintar a natureza tal como a vemos, e sua disputa com os conservadores não era tanto acerca dos objetivos, mas sim dos meios de atingi-lo (GOMBRICH, 2013, p. 413).

Os impressionistas representavam muitas imagens ao ar livre, ao passo que, em suas obras, buscavam as características da paisagem no momento observado. Por esse motivo, as obras apresentavam uma grande variabilidade subjetiva em sua construção. No entanto, a partir desses elementos notamos a forma como Seurat joga com as características sugeridas pelo movimento, no qual cria possibilidades sem abandoná-lo.

Com as observações feitas ao ar livre suas obras eram realizadas no interior de seu *atelier*. Dessa maneira estabelecia uma nova forma de apreender o cotidiano entre as peculiaridades conservadoras e impressionistas. No contato com seus temas coletava informações de suas anotações, esboços e estudos das cenas a serem representadas. Na obra selecionada para esta pesquisa vimos que realizou 23 desenhos e 38 croquis a tinta dos elementos individuais de sua pintura, por meio dos quais estudou as especificidades de luz, sombra, forma e textura.

No trabalho de Seurat, um dos elementos potencialmente impulsionadores das novas maneiras de observar e pesquisar para realização de sua pintura, é o desejo por um método absoluto de representação em oposição à indeterminação subjetivista aparente na obra dos pintores impressionistas (PEREIRA, 1997). Ao se relacionar com as regras do jogo impressionista Seurat instituiu o diálogo com características da pintura grega e egípcia para encontrar soluções referentes às formas da obra.

Fotografia 16: Estação de São Lazaro – Claude Monet.



Fonte: http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/4719

Fotografia 17: "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte (1884/1886)".

Fonte: http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/27992

Na imagem do quadro “Estação de São Lázaro”, do pintor impressionista Claude Monet, observamos duas características que evidenciam as táticas aplicadas por Seurat para a representação, assim como a mudança de foco nas observações. A pintura evidencia a atenção dada por Monet à luz que atravessa o telhado, passa por entre as nuvens de vapor produzidas pelas locomotivas e atingem o chão. Essa atenção aos efeitos de luz faz com que o pintor deixe em segundo plano a forma dos objetos e sujeitos da obra sobre a égide de uma apreensão subjetiva. Na imagem 17, referente ao trabalho de Seurat, a atenção mantém-se no ambiente, porém, a ênfase recai sobre o cotidiano dos sujeitos, as características de sua utilização e não apenas ao que contém a paisagem.

O novo interesse de Seurat pela cotidianidade exigiu novas soluções, uma vez que era necessário, ao mesmo tempo, atenção para a incidência de luz sobre os objetos, elemento originário das regras do jogo impressionista, assim como melhorar a representação das formas na obra para que se tornassem reconhecidas e menos subjetivas. Para o aprimoramento da representação da cor, Seurat estudou profundamente a teoria da cor de teóricos de sua época e forjou a técnica do “Pontilhismo”, ou “Divisionismo”, que consiste em pintar apenas com pontos ou pequenos traços na horizontal, vertical e diagonal (GOMBRICH, 2013). Por meio do emprego dessa tática de pintura era possível trabalhar com as cores puras nas obras e aumentar a luminosidade, assim como amenizar as marcações das linhas.

Contudo, como evidencia Gombrich (2013, p. 419), o emprego dessa nova tática “punha em risco a legibilidade das telas, na medida em que evitava contornos e fragmentava as formas em áreas de pontos multicoloridos”, fato que levou Seurat a simplificar as formas de seus quadros a partir da observação da arte egípcia e grega, as quais retratavam rituais e festividades em figuras rígidas e de perfil. Essas maneiras desenvolvidas por Seurat se percebem nas figuras apresentadas na obra acima em forma verticalizada, rígidas e com intensa luminosidade.

O novo modo de Seurat de apreensão dos lugares lembra Certeau (1994, p. 98) quando diz que “interessa agora a unidade dos pontos percorridos e não apenas ou somente a figura”. O desejo de Seurat em desenvolver seu método absoluto de representação conferiu pluralidade ao movimento Impressionista, que, apesar de suas inovações técnicas, deixou espaço ao desenvolvimento de características que lhe atribuiu nova imagem.

A conceituação da obra de Seurat como a representação da modernidade burguesa é uma forma totalitária de considerar o seu trabalho, porque é nas características dos elementos

presentes na obra que percebemos a riqueza cotidiana. O mesmo ocorre com sua técnica, pela qual acreditamos que o pintor não intencionava que os pontos se unissem por completo diante dos olhos do observador como uma imagem homogênea. Verificamos esse fato nos inúmeros trabalhos e estudos que Seurat realizou, nos quais obteve o mesmo efeito granulado. Entretanto, é em cada ponto que percebemos a luminosidade carregada da tarde de domingo na Ilha da Grande Jatte.

Como nas análises anteriores, notamos em Seurat as táticas e astúcias que o diferiam tanto do contexto conservador, quanto das concepções impressionistas que emergiam. Nessa perspectiva, a intuição de um artista que procurou nas insignificâncias presentes na Ilha da Grande Jatte, a riqueza cotidiana de sua época.

2.3 A virtualização e ressignificação dos lugares

Como visto no tópico anterior, os sujeitos interagem com os espaços e "por uma arte de intermediação, [...] tira daí efeitos imprevistos" (CERTEAU, 1994, p. 93) que podem (re) significar os lugares ou objetos que utilizam. Esse processo se caracteriza pela criação de formas de proceder, de realizar as práticas, os rituais e atividades cotidianas, tanto coletiva quanto individualmente. Com isso, a reorganização e reelaboração da experiência dos sujeitos passam por um processo que Pierre Levy (1996) chamou de "virtualização".

No século XXI em que vivemos, é fácil encontrar a palavra "virtualização" com referência ao mundo digital, ao computador ou à Internet no sentido de irrealidade. Entretanto, de acordo com Pierre Levy (1996), essa noção não se opõe à realidade, uma vez que pode existir tanto na esfera do real quanto em potência dentro da entidade da qual faz parte. Dessa maneira, virtualização designa força, potência, "é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: atualização" (LEVY, 1996, p. 16).

Nesse contexto, é possível afirmar que os sujeitos possuem determinadas compreensões advindas do meio cultural ao qual pertencem que podem se referir a características de alimentação, rituais, símbolos compartilhados, concepção de espaço-tempo, entre outros. Esses elementos constroem, reconstroem e influenciam na cotidianidade dos

sujeitos, no coletivo, criando expectativas, objetivos, assim como intenções para realização das práticas no dia-a-dia. No entanto, essas intenções e objetivos compreendidos pelos sujeitos como necessários e obtidos por meio de sua interação com o meio no qual vivem estão de maneira virtual no sujeito, no sentido que constitui um problema para sua realização, uma vez que os sujeitos necessitam encontrar meios para solucionar o problema de realizar sua intenção, como por exemplo, fazer a atividade, construir um objeto, entre outros. Essa noção não está na esfera do possível como algo acabado, quando temos a ideia exata do efeito que será obtido após sua realização, mas se insere apenas como força e potência porque as tensões, coerções e situações problemas que encontram em seu processo, podem reorganizar a problemática inicial, entendida aqui como as intenções e objetivos que o sujeito procurava obter inicialmente, adquirindo novos efeitos (LEVY, 1996).

O virtual designa assim, a exploração das possibilidades, na qual,

> virtualizar uma entidade qualquer consiste em **descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona**, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em **redefinir a atualidade de partida** como resposta a uma questão particular (LEVY, 1996, p. 18).

A virtualização opõe-se ao atual, em que se descobre no objeto ou em um lugar, uma questão geral a qual se relaciona e "problematiza", "virtualiza" ou encontra meios para que adquira novas possibilidades como novos sentidos, usos e características, embora permaneça com alguns dos atributos iniciais. A nova forma ou características encontradas após a virtualização para realização do lugar ou objeto, por exemplo, Pierre Levy (1996) chamou de atualização, ou seja, em analogia com linguagem da informática, o programa se atualizou, porém, manteve elementos do programa original. A virtualização é o problema, a potência que ressignifica e a atualização são a solução desse problema, a organização da entidade sobre um novo significado.

A noção de atualização aproxima-se das maneiras de fazer sugeridas por Michel de Certeau (1994), uma vez que Pierre Levy (1996, p. 16-17, grifo nosso) conceitua atualização como "criação, invenção de uma **forma** a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades [...] uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual". Com isso, as "maneiras de fazer" não representam um "possível", quando apenas lhe falta a realização por que já está tudo

concebido. Entretanto, criam-se novas formas, novos efeitos, alteram-se os lugares cotidianos e as características de sua utilização.

Diante disso, a atualização refere-se ao encontro de novo significado para um lugar, uso para objeto ou nova maneira de fazer algo, enquanto virtual, é o problema, o processo de ressignificação até sua atualização. Na relação com o coletivo, os sujeitos encontram novas necessidades que nutrem um contexto problemático (virtual), no qual as maneiras de fazer (atualizações), antigas ou impostas pela ordem podem não responder ou solucionar o novo significado. Dessa forma, virtualização é esse processo problemático, real ou não, de encontro de nova solução, nova atualização que alimenta como sugere Levy (1996), novamente o virtual (novo contexto problemático).

Desse modo, convém voltar ao *lócus* da pesquisa e vermos as práticas que nos induzem às categorias apresentadas. Chegamos ao Parque Alvorada - Jorge Backes, é uma tarde de domingo e o sol de verão, com temperatura elevada, divide o céu com algumas nuvens. Descendo pela rua que corta o Parque, vemos uma movimentação na quadra de basquete que chama a atenção. Acontecia um campeonato de *skate*.

> Há muitos jovens ao redor da quadra sentados em cadeiras, na grama ou em seus skates enquanto tomam cerveja. Na quadra há jovens de skate andando de um lado para o outro e ensaiando manobras. Os organizadores delimitaram com duas tiras de fita o lugar no qual ocorrem as disputas. Do lado esquerdo da cesta, em cima da quadra, há uma tenda branca sob a qual fora colocada uma mesa com computador, caixas de som e marcador de pontos das manobras dos concorrentes. Também estavam alguns cabides com as camisetas, para venda e premiação aos participantes, juntamente com *shapes* de skate no chão (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2015).

O Parque não possui um espaço construído para a prática do *skate* e os *skatistas* utilizam-se das pistas de asfalto dentro do Parque. Percebemos ao observar as características da organização, que na realização desse campeonato de *skate* foram necessários inúmeros ajustes durante todo período em que ocorreu. O recorte acima, anotado no Diário de Campo, mostra a modificação do espaço da quadra de Basquete com a instalação de uma tenda, computador, caixas de som, marcador de pontos e objetos específicos do esporte. Para ligar todos esses aparelhos foi necessário encontrar uma fonte de energia, fato que presenciamos no dia anterior à realização quando os organizadores percorreram o Parque à procura de um espaço que atendessem às necessidades.

Utilizaram para resolver esse problema, um poste de luz ao lado da quadra que continha uma caixa de força e proporcionou a energia necessária. Outro elemento importante foi a delimitação do espaço para a realização das manobras entre os competidores que estavam disputando o duelo, ou, como o animador chamava, *games*. Essa necessidade surgiu em virtude da pequena área disponível na quadra para acomodar aproximadamente 30 *skatistas,* simultaneamente. Por fim, o espaço para armação da tenda para abrigar os materiais das adversidades do tempo. Esse processo de organização caracteriza o elemento problemático (virtualização) que pertence à entidade do campeonato de *skate,* no qual, apesar de ter uma forma característica de realização, está em constante diálogo com as situações presentes no Parque até sua nova forma de realização, ou seja, atualização.

Os sujeitos coproduziram com as circunstâncias encontradas no espaço do Parque o campeonato de *skate*, ou seja, atualizaram, inventaram nova forma para sua realização "a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades" (LEVY, 1996, p. 16). De acordo com Pierre Levy (1996, p. 17, grifo nosso), essa nova forma, ou atualização "faz emergir outros funcionamentos, desencadeia conflitos, **desbloqueia situações**, instaura nova dinâmica de colaboração" e isso pode ser percebido na relação dos sujeitos participantes.[15]

Nesse cenário, o clima mudou de repente e logo iniciou uma chuva com duração de aproximadamente 15 minutos, em seguida, os organizadores secaram a pista e se reiniciaram os *games.* As características da superfície do piso, liso e pintado com as marcações para o jogo de basquete, provocaram inúmeros tombos na realização das manobras, situação "desbloqueada", que levou o animador a solicitar aos participantes que evitassem aquele local. O número de *skatistas* no espaço reduzido da quadra, também desencadeou conflitos com a necessidade da constante chamada de atenção do organizador para que não se aproximassem da área na qual eram realizados os duelos, pois, algum *skate* poderia escapar e provocar graves quedas dos competidores.

As modificações realizadas na quadra e o emergir desse novo funcionamento influenciam na relação dos sujeitos com o local que, por sua vez, também operam a atualização de significado por que a quadra adquire uma nova identidade. A quadra torna-se

[15] Essa prática realizada do campeonato de *skate,* bem como outras a serem apresentadas constituem um processo no qual os sujeitos aprendem e são subjetivados durante o processo de realização do complexo problemático (ocasião, o virtual que nutrem o movimento de táticas e astúcias), assim como, a partir da atualização, ou seja, do produto resultante dessa interação do sujeito com o contexto do Parque e o Outro, uma vez que aprende novas formas de realizar as práticas e enriquece seu repertório de esquemas e táticas que serão ativados na memória por meio de novas situações, tanto dessa atualização quanto de outras. Abordaremos essa questão no capítulo 4 como uma educação menor presente nas táticas e astúcias dos sujeitos.

lugar da prática de *skate*, muda-se a imagem com os novos sujeitos, com a nova paisagem sonora das músicas de *Rap*, os objetos, utensílios, as novas relações estéticas com o corpo e com o meio. Atualiza-se o lugar de acordo com o que Maffesoli (2009) chamou de uma nova ética da estética, novos critérios das relações, nova dinâmica de colaboração que repercute seus efeitos nos demais dias da semana quando os *skatistas* utilizam a quadra com seus corrimões e caixotes.

Fotografia 18: Campeonato de *skate* na quadra de basquete.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 19: Campeonato de *skate* na quadra de basquete.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

A prática de esportes como o *slackline,* que consiste em atar entre duas estruturas firmes uma fita de elástico, na qual o praticante se equilibra e realiza manobras, o *badminton*, esporte com raquetes e rede que substitui a bola por uma peteca chamada volante ou *birdie*, o *takenwondo*, luta corporal realizada em pé e o voleibol, também conferem aos espaços do Parque novas identidades. Ocorre o processo de virtualização dessas práticas esportivas para que se construa, juntamente com as circunstâncias que encontram no lugar, novas formas, soluções e atualizações para sua prática. Dessa forma, as realizações dessas atividades necessitam dialogar com as adversidades do ambiente como a grama em lugar da quadra, chuva, sol, vento, práticas dos demais frequentadores do Parque, entre outros elementos que interferem diretamente na forma como se desenvolvem e se apresentam.

Quanto à relação com o lugar, a virtualização encontra-se no processo de adaptação das atividades que confere nova tonalidade ao lugar. A ação dos sujeitos de atar seus elásticos nas árvores, virtualizam o seu significado e sua finalidade para encontrar novos meios que atendam às necessidades de manter os elásticos firmes, sustentando o praticante. As árvores agora compõe o equipamento, não fazem apenas parte do gramado, da natureza. Atualiza-se para uma nova "maneira de fazer" a atividade com o local, limitada, como diz Certeau (1994), pelas características do esporte, dos sujeitos e do espaço, porém, não menos atual, resolvida, atualizada.

Fotografia 20: Elástico do *slackline* preso nas árvores.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 21: Rede de *badminton* com volantes (*birdie)* no chão

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Já nos referimos ao uso do parque para a prática esportiva em dias de sol. Entretanto, os domingos de chuva abrem espaço a novas possibilidades para a atualização das maneiras de fazer dos sujeitos. Podemos ver essa característica no recorte do Diário de Campo abaixo:

> O vento aumenta e altera a característica do domingo ensolarado em poucos minutos com a ameaça de uma chuva forte [...] Enquanto observávamos o movimento dos jovens no gramado a chuva vem de repente com seus pingos grossos e contínuos. Todos são pegos desprevenidos, não esperavam esse início de chuva intensa. Correm para seus carros nos estacionamentos, comércios ao redor do Parque, ou como nós, para a área do restaurante que possui uma calçada com 2 metros de largura, sendo apenas um metro dela coberta. Ali estão jovens com seus skates, bicicletas, também um vendedor de picolé com seu carrinho, que já aproveita para fazer algumas vendas. A chuva diminui permanecendo apenas um chuvisco fraco que logo vai embora. A chuva durou aproximadamente 25 minutos. Descemos da área do restaurante em direção aos vendedores ambulantes, na lateral do lago. Ali podemos ver uma família com 4 crianças, dentre elas 2 meninas, 2 meninos, um homem, pai de algumas delas e uma mulher que observa ao lado as crianças tomando banho e jogando-se na grande poça de água que se formou na grama com a chuva intensa que acabara de cair. Os frequentadores tomam distância e voltam correndo com o máximo de velocidade que conseguem, atiram-se na grama cortando a poça ao deslizar jogando água para todos os lados. Outras pessoas andam de bicicleta sob o chuvisco que ainda cai, estão molhadas, pois estavam andando quando ainda havia chuva, fato que pudemos ver da área do restaurante enquanto aguardávamos a chuva passar. As crianças brincam no *playground*, escorregam e caem nas poças formadas no final dos brinquedos, em cima da areia. Divertem-se com o aumento da velocidade na decida dos escorregadores, proporcionada pela areia e a água. Novas formas de brincar surgem, fazem bolinhas de areia e jogam umas nas outras empreendendo uma perseguição por entre os brinquedos do Parque. Aos poucos o Parque ganha vida novamente, e agora novas imagens que alteram seu tom, com as pessoas brincando na água das poças, andando de bicicleta na pista molhada, entre outras atividades, o Parque adquire um ar de Parque aquático (DIÁRIO DE CAMPO, 22/01/2015).

O recorte mostra-nos o surgimento de inúmeras virtualizações desencadeadas por um acontecimento (chuva) que reorganiza as práticas de utilização. A chuva intensa forma poças de água ao longo dos espaços com grama, os sujeitos, ao se relacionarem com as novas características do espaço, viabilizam sua virtualização, ou seja, estabelecem um complexo problemático para utilização do espaço encharcado. Essa experiência ativa o repertórios de táticas e estratégias dos sujeitos que conferem a atualização do lugar atribuindo-lhe novo sentido.

O gramado não é mais o lugar do piquenique, ou apenas do jogo de bola, mas possibilita expressões lúdicas na água. Não há restrições entre o contato e exploração do ambiente. O mesmo ocorre com o *playground* porque as novas características do lugar o virtualiza, institui circunstâncias que exigem soluções para a realização do brincar. Atualizam-no sob uma nova forma de interação: é esconderijo de perseguições aceleradas, possibilita fazer bolinhas de areia molhada para o faz de conta do confronto entre as crianças, e assim, como na primeira parte do Parque, em que as crianças jogavam bola e se esquivavam das poças de água da chuva do dia anterior, a regra agora é molhar e sujar.

As práticas conferem vida ao Parque que tem seus espaços reinventados pelos sujeitos por meio da virtualização, ou deslocamento de seus sentidos iniciais, atualizando-os sobre novas possibilidades. O universo tecnológico da informação e comunicação introduz questões inovadoras ao cotidiano dos sujeitos, sendo que, no Parque, não seria diferente. Percebemos constantemente o uso dos celulares na comunicação, por meio de mensagens escritas, vídeos ou a foto tirada de si mesmo, designada por *Self*. Figueiredo (2011) aponta a preocupação dos urbanistas e arquitetos quanto ao que chamou de "desmaterialização do espaço",

> o modo como esses estão se derretendo, se desfazendo e perdendo o seu significado [...] O que mais se discute é o "medo" dos urbanistas de ver o "espaço", que consideramos como espaço público e espaço comunitário se transformarem em um espaço vazio de qualquer ação ou "invenção", esteja fora de qualquer estado de manifesto, fora de trocas, distante do outro (FIGUEIREDO, 2011, p. 40).

No entanto, detectamos que no Parque a utilização de aparelhos opera a virtualização dos corpos, uma vez que postula novas formas de conectar e interagir com aqueles que não estão presentes. Nas observações encontramos o uso do celular nos grupos de jovens que compartilhavam conteúdos recebidos ao passarem seus celulares para que os colegas pudessem ver. Dessa forma, o celular torna-se a ligação entre eles e seus amigos ausentes fisicamente no mesmo espaço, mas, que compartilham/interagem no mesmo momento.

Entre outras manifestações, destacamos a construção de vídeos por alunos de *takenwondo* que se utilizam do Parque para elaboração de filmes e fotografias de seus movimentos, assim como grupos de jovens que produzem vídeos de suas rodas de canto realizadas na grama do Parque ou na área coberta do restaurante. Os vídeos são

compartilhados com os que não estão no mesmo lugar e desencadeiam o processo de virtualização dos corpos. Para Pierre Levy (1996, p. 27) “estamos ao mesmo tempo aqui e lá graças às técnicas de comunicação e de telepresença [disso decorre que] a virtualização dos corpos que experimentamos hoje é uma nova etapa na aventura de autocriação que sustenta nossa espécie”.

O que o autor expõe refere-se ao fato de que há uma nova forma de criação: a autocriação proporcionada pelo espaço. Com isso, os espaços públicos não estariam se desmaterializando, mas serviriam para proporcionar experiência que seria virtualizada. Para além dos novos mobiliários que permitem aos sujeitos interagirem com o espaço por meio das mídias digitais, o Parque e sua potencialidade de socialização nutrem situações para a virtualização.

Assim, o Parque é onde os sujeitos atualizam suas maneiras de fazer e os lugares do Parque, após passarem por um processo de virtualização. A constatação desse movimento possibilitou a percepção da especificidade da pesquisa realizada por Seurat, na ilha da Grande Jatte. Em sua obra, Seurat virtualiza as práticas dos frequentadores da ilha e a ilha, atualizando-os em uma obra de arte. O quadro não é mais o lugar no qual o pintor realizou sua pesquisa, nem tão pouco materializa os próprios sujeitos com suas práticas, mas os retira de sua realidade para aquilo que Levy (1996, p. 16) chamou de “complexo problemático”. Dessa forma, a virtualização da obra postula a resolução de questões referente à representação do contexto francês que se atualiza na pintura sob a interpretação do pintor alimentando, assim, um novo virtual ao abrir espaço para interpretações inovadoras da obra.

2.4 As figuras do *hic et nunc*

O abandono da unidade e a fragmentação do mundo da cultura abrem espaço para a presença do excesso na efervescência cotidiana. O triunfo da vida naquilo que Maffesoli (2007, p. 54) identifica como a “nebulosa vitalidade dos fenômenos sociais, com a exaltação da aparência, com o difuso desejo de gozo, numa palavra, com aquilo que pode ser resumido na formulação latina do “*carpe diem”*”, sugerem a preeminência do *hic et nunc* (aqui e agora) nas formas, vivências e estéticas estabelecidas entre os sujeitos.

Durante as observações percebemos esse fenômeno nas práticas das famílias e jovens que frequentam o Parque, com a contradição do que pressupõe esse não lugar.

> Do outro lado do lago, à esquerda da casa das máquinas está sentada uma família em cima de uma toalha vermelha tomando tererê com suco de cor laranja preparado em uma garrafa *pet* transparente de dois litros. Os familiares tomam enquanto jogam baralho. Outro grupo com dois meninos e uma menina, próximo à cancha de bocha, também estão sentados sobre uma toalha, na qual tomam tererê e tocam violão. O movimento é significativamente maior do que nos dias de semana e as pessoas tomam muito refrigerante, comem salgadinhos, algodão doce, picolé, pipoca, chimarrão e tererê. Do lado de dentro da pista na encosta do lago as pessoas também sentam e conversam enquanto alimentam os peixes com ração comprada dos vendedores ambulantes, além de pão velho esfarelado e alguns salgadinhos que as crianças jogam (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2015).
>
> Na grama da parte dois do Parque, muitas pessoas fazem piqueniques com o uso do *narguilé*, comem pipoca, bebem refrigerantes a base de coca, salgadinhos, tererês, chimarrão e muito picolé. Esses alimentos estão presentes em quase todos os grupos, sejam de jovens, crianças ou famílias inteiras. Os salgadinhos, refrigerantes e picolés, são comprados dos vendedores ambulantes, assim como no bar em frente ao Parque, atrás do *playground*. Outros trazem alimentos em potes com tampas e sua bebida, em térmicas.
>
> O entardecer se aproxima, já são próximo das 19:00 horas e o fluxo de pessoas correndo e caminhando aumenta, no entanto continua menor em relação aos dias da semana. Podemos observar muitas famílias e grupos de amigos com cadeiras de abrir, pipoca, terere, chimarrão e toalhas, sentadas no gramado em frente ao restaurante, ao lado do poço, local que durante a semana quase não é utilizado [...] Nesse domingo impera a atmosfera de lazer e ludicidade com o consumo de bolos trazidos de casa, inúmeras guloseimas e cerveja, consumido por homens e por mulheres (DIÁRIO DE CAMPO, 15/02/2015).

Nos recortes do Diário de Campo notamos a diferença de práticas no cotidiano dos sujeitos no Parque durante os dias de semana e nos finais de semana. O não lugar do Parque e suas indicações prescritivas e normativas sugerem a imagem do local de prática de exercícios, do lazer organizado e ponderado, a conservação da vida e da saúde, a calma e a tranquilidade do contato com a natureza. No entanto, essa imagem e lógica são subvertidas pelas práticas dos sujeitos que utilizam o Parque no desenvolvimento de atividades lúdicas que favorecem a criação de novas formas de realização, indefinição e pressupõem o descompromisso com preocupações, além das que se vive no aqui e agora.

As tardes de domingo no Parque Alvorada - Jorge Backes refletem a atmosfera desse consumo, sobretudo, no que se refere às práticas alimentares com a predominância de

guloseimas, salgadinhos, refrigerantes, chocolates, cerveja, o uso contínuo do *narguilé*, entre outros. Essas práticas atribuem nova identidade aos lugares do Parque não sendo mais de conservação da saúde, da manutenção do corpo com a prática de exercícios, ou renovação operada pelo "ar puro", mas sim, das intensidades, da desconstrução, da desordem, do hedonismo.

Nesse sentido, Maffesoli (2001) ajuda a esclarecer as características dessas práticas ao dizer que em tempo de Pós-Modernidade,

> O tempo é vivido na sua incoerência fundamental. Obnubilado pela morte e suas diversas manifestações, o vivido cotidiano põe toda a sua importância num presente caótico, que deve ser vivido intensamente, para lá das projeções de todas as ordens (paraísos, amanhãs cantantes, sociedades perfeitas). É pelo que o social é afrontado: o instante vivido em toda a sua concretude, instante que é preciso consumir, consumir rapidamente com excesso quando se conhece toda a sua precariedade (MAFFESOLI, 2001, p. 45).

Nessa circunstância é importante consumir rapidamente, constatada a precariedade ou a brevidade do tempo depreendido a esse propósito, pois como vimos no Diário de Campo, os dias de semana trazem consigo o pedido da ordenação, recuperação, rotina e regularidade. Nos dias de semana observamos o uso predominante do Parque para as práticas de exercícios, relaxamento, e contemplação dos elementos, reduzindo assim, a atmosfera do consumo e ludicidade. Claro está que ambas não se excluem nos espaços do Parque e mesmo, o tempo de lazer contém ocupações que operam um cruzamento, assim como a coexistência das temporalidades.

Pais (1998) já sinalizou para esse fenômeno quando afirma que,

> na contemporaneidade, o pluralismo do tempo parece assegurar uma concomitância de tempos contrastantes: o tempo rigoroso, mecanizado, previsível, cruza-se com o tempo volúvel, flexível, imprevisível. A centralidade do tempo de trabalho em relação aos demais tempos da vida social começa também a ser questionada (PAIS, 1998, p. 7-9).

Com isso, Pais (1998) mostra que mesmo nos tempos de lazer encontramos ou desenvolvemos ocupações que nos regulam. Do mesmo modo, nos tempos de trabalho ou engajamento produtivo usufruímos de lazeres como elemento de resistência. Nos finais de

semana no Parque, especialmente aos domingos, encontramos tanto práticas que pressupõe o consumo hedonista de despreocupação temporal, quanto as que se referem à conservação da saúde com projetos de empresas de planos de saúde que prestam serviços preventivos e estimulam a prática de esportes.

Os vendedores ambulantes do Parque contribuem para a produção dessa paisagem hedonista ao influenciar a prática de alimentar os peixes com ração, bem como o consumo de outros produtos por eles oferecidos, como alimentos e objetos, neste caso, os balões, brinquedos e cama elástica.

O consumo "do" Parque (não lugar) também está presente, uma vez que, como Marc Augé (2012, p. 98) evidencia, "a volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares (e que sonha, por exemplo, com uma residência secundária enraizada nas profundezas da terra)". Dessa forma, percebemos as características da personificação dos lugares, o enraizamento literal estabelecido pelos sujeitos que, com impressão de sua marca, atribuem sentido e criam uma ligação com o lugar. Apropriam-se do espaço com a inserção de elementos de identificação, como que raízes de uma residência secundária.

Confirmamos essa ação nas demarcações efetuadas pelos frequentadores do Parque que imprimem escritas e símbolos nas placas, paredes e nas árvores dos espaços do Parque. A manifestação dessas ações lembra do que Silva (1991, p. 152) aponta como as características desse tempo Pós-Moderno, no qual "o indivíduo tenta manter-se uno através do produto industrial, também. [...] A padronização é atacada em sua própria trincheira. Outra vez, tudo é espetáculo".

Fotografia 22 e 23: Árvores personificadas pelos frequentadores do Parque.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 24 e 25: Árvores personificadas pelos frequentadores do Parque.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 26 e 27: Placas e muro personificados pelos frequentadores do Parque.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Ao se referir aos produtos da indústria cultural, Silva (1991) argumenta que as fábricas preferem produzir algumas centenas de dez tipos diferentes de produto, do que produzir milhares de exemplares de apenas um produto. O autor mostra a necessidade de espetáculo dos sujeitos, de construir pontos que personificam os espaços compartilhados e as diferentes formas como os consomem, modificam e instauram pluralidades. Uma espetacularização que mostra, novamente, a privatização do espaço público, no qual se estabelece "propriedade", com demarcações, dessa vez, evidentes e não imaginárias, inserindo-se como elemento que possibilita a identificação dos sujeitos com os lugares.

Para além da busca pela residência secundária nesse enraizamento construído com os espaços do não lugar, essas expressões evidenciam a busca pela estabilidade, pela conservação de sua marca, de sua passagem, de sua relação de identificação com o lugar. O consumo do lugar pressupõe a ambivalência entre a desconstrução e a construção de um novo elemento de identificação, o deslizamento da lógica da identidade para a lógica da identificação. Dessa forma, segundo Maffesoli (2009, p. 22) "a primeira é essencialmente individualista; a última, muito mais coletiva".

Os pontos da cotidianidade hedonista do Parque tornaram-se mais nítidos com a observação das práticas dos sujeitos representados na obra de Seurat. No quadro identificamos a intensa ocupação dos espaços pelos sujeitos em que alguns permanecem em pé, outros sentados sobre a grama e outros deitados. Na imagem da obra abaixo detectamos manchas brancas na grama. Inicialmente, nos estudos da obra, propôs-se que os elementos que estavam dentro do circulo azul seriam nuvens de fumaça, produzidas pelo charuto na mão do senhor (WINNAN, 2005), porém, ao analisá-la, percebemos que esses elementos também se encontram à direita da criança de vestido branco, representada no centro do quadro. Diante desses fatores concluímos que as manchas brancas poderiam ser embalagens de produtos consumidos pelos habitantes.

Fotografia 28: Imagem da obra com sinalização às embalagens de produtos consumidos.

Fonte: http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/27992

Apesar de essa hipótese ser sugestiva, ao observar os habitantes da ilha, percebemos que não consomem nenhum alimento, tão pouco suas práticas caracterizam a desordem, destruição, busca excessiva pelo prazer, ou como sugere Michel Maffesoli (2001, p. 45), a busca pelo “instante que é preciso consumir”. A obra apresenta frequentadores desfrutando do

contato com a natureza, do ar puro e das belezas das paisagens, nas quais, até mesmo o pintor, sob a sombra das árvores, busca a ordenação para a representação dos elementos no quadro.

As práticas das crianças no quadro estabelecem um contraponto ao que encontramos no Parque. Notamos na tela, três crianças: uma, sentada à direita do quadro, a segunda, no centro da obra com vestido branco e a terceira, entre as duas primeiras, que parece correr. Entre as três crianças apenas uma sugere movimento e parece se divertir ao explorar um pequeno momento de liberdade. As outras duas caracterizam-se por incorporar a lógica comportamental dos demais frequentadores. Apesar de uma delas sugerir a ludicidade, não enfatiza a busca pela excitação, liberação e reinvenção nas interações lúdicas como presenciamos nas crianças que frequentam o Parque. É como se instituíssemos uma diferença entre o lazer expresso nas relações das crianças na obra e o lúdico das crianças no Parque, em que o primeiro pressupõe a regra, a ponderação, a forma definida, o segundo caracteriza-se pela indeterminação, construção e exploração de novas formas.

A forma de vestir constitui outro elemento que propõe a conservação, a ordem e a regularidade dos frequentadores. O quadro mostra as características dos sujeitos, os homens, com suas cartolas e bengalas; as mulheres, com sombrinhas, chapéus, leques e vestidos, representados para enfatizar a estrutura rígida da parte de trás dos vestidos. A imagem dos sujeitos deixa evidente a preocupação e preparação da roupa para ir à ilha, juntamente com a postura rígida das representações semelhantes às ilustrações da época, que informavam os últimos estilos e conceitos da moda.

Em especial, observamos na imagem abaixo, as características das roupas usadas pela senhorita no lado direito do quadro. Ela representa uma cocota,[16] nome atribuído a mulheres novas com um ou mais amantes, entre os quais, um deles a mantinha com um alto nível de vida (HERBERT *et. al*, 1991; WINNAN, 2005).

[16] Palavra de origem francesa *Cocotte.* Atualmente, essa expressão é empregada pejorativamente para se referir à mulher facilmente conquistada, ou que não está de acordo com as convenções morais, aceitas em um determinado período, referentes à postura e comportamento de uma mulher.

Fotografia 29: Recorte da versão final da obra de Seurat que evidencia a cocota (*Cocotte)*.

Fonte: HERBERT, Robert L. (org). Georges Seurat 1859-1891. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 1991.

As cocotas, por certo tempo, marcavam a moda, por meio da qual suas roupas e estilo eram rapidamente percebidos e copiados pelos habitantes, assim como os acessórios que utilizavam (WINNAN, 2005). Na obra vemos que a cocota segura um cachorro de estimação, acessório com elevado custo de manutenção, assim como um macaco, com dupla conotação. Uma das interpretações para a presença do macaco no quadro refere-se à prostituição e a outra, se refere à característica desse animal imitar tudo o que vê. Dessa forma, estando sob a posse da cocota, pode referir-se à imitação da moda e a influência de sua dona sobre as maneiras de vestir dos demais sujeitos da ilha (HERBERT *et. al*, 1991; WINNAN, 2005). Esses elementos mostram o aspecto ordenado de um cotidiano "prometeico", no qual é preciso construir, conservar e representar posições no contexto cultural.

Apesar de esses elementos evidenciarem características próprias da dramática sociedade burguesa, através de um esquema no qual Maffesoli (2010, p. 38) elenca fatores representantes de um relativismo na era do cotidiano que "avança em todos os domínios da vida social", identificamos características que se cruzam. No esquema, o autor aponta fatores que se modificaram passando de domínios na Era Moderna para sintomas na Pós-Moderna em

que vivemos. Entre eles encontramos a mudança do domínio da família para o sintoma do sexo sacana ou errante.

No cotidiano dos sujeitos no Parque percebemos que, nas práticas e ocupação das áreas de gramado, o maior número era de famílias, assim como não identificamos a manifestação do sexo sacana ou errante apontado por Maffesoli (2010), como sintoma dos tempos Pós-Modernos, atualmente. As práticas, como a realização de piqueniques na grama, a alimentação dos peixes, os jogos de vôlei, de *badminton*, de futebol, de baralho e os passeios de bicicleta, sugerem a predominância da atmosfera familiar no Parque.

Sob essa característica, Maffesoli (2010) aponta para o retorno do tempo cíclico, no qual,

> é sempre interessante, quando se trata de uma mesma ideologia (aqui a do "retorno do mesmo"), as expressões populares e as modulações eruditas. Em primeiro lugar, segundo uma perspectiva weberiana, está claro que o reconhecimento de sistemas de valores antinômicos entre diversas sociedades e mesmo no interior de cada sociedade – o que pode ser resumido pela expressão "guerra dos deuses" – conduz, senão a uma "neutralidade axiológica" absoluta, ao menos a certo ceticismo acerca do próprio conceito de Verdade, no que respeita às ciências humanas. De maneira paradoxal, M. Weber tenta, a um só tempo, pensar com rigor e generalizar, reconhecendo a versatilidade e o aspecto efêmero das paixões humanas. O que não deixa dúvidas é que numerosas análises suas têm seu fundamento no que chamei de relativismo popular. A antinomia dos valores não poderá jamais resolver-se e, finalmente, é em função desta mesma antinomia que as sociedades perduram. De modo substantivo e um tanto insolente, digamos que, enquanto os deuses se guerreiam, os homens estão tranquilos (MAFFESOLI, 2010, p. 181).

Vemos na fala de Maffesoli (2010), aquilo que consideramos no cotidiano do Parque como uma contradição ou incoerência de práticas, que caracteriza a Pós-Modernidade, sendo justamente, o que remete ao cinismo ideológico do local. A antinomia dos valores, ou "a guerra dos deuses", que asseguram a continuidade social, a alteridade, o aspecto efêmero das paixões humanas, sob o efeito daquilo que chamou de o "retorno do mesmo".

A presença das relações familiares insere o Parque Alvorada - Jorge Backes, em um local do retorno das relações conservadoras. Em meio ao consumo e ao excesso, a ambivalência com a "repetição, quase obsessiva, constitui sem dúvida uma maneira de dizer e de negar o tempo que passa", expõe a "invariabilidade do homem em sociedade, assim como

de um “retorno do mesmo”, o qual nada apresenta de novo nas histórias humanas” (MAFFESOLI, 2010, p. 178).

Sobretudo, é no processo de criação e nas características impressionistas aplicadas por Seurat que encontramos o potencial análogo às figuras de um presente Pós-Moderno. Balandier (1999) lembra que Nietzsche (1844 -1900), contemporâneo a Seurat, no século XIX, já,

> faz do deus antigo, [Dionísio] com o qual acaba por se identificar, o indiciador da tragédia, a figura que subverte a filosofia e liberta o indivíduo tornado capaz de atingir o querer-viver e de descobrir a alegria do futuro. A partir daí, outra antropologia pode se constituir, ser a inspiradora de obras que perturbam a relação com a modernidade (BALANDIER, 1999, p. 33).

São nesses princípios postos em movimento por Nietzsche que encontramos aproximações com as características do movimento impressionista na Arte e suas proposições de libertação do sujeito para novas formas de estar e criar. Características dessa nova compreensão podem estar presentes no trabalho de Seurat, assim como em sua técnica, uma vez que não o realiza de forma sequencial, ou seja, seus estudos e esboços não possuem um trajeto de desenvolvimento, uma estruturação linear até seu desfecho e solução.

Os desenhos realizados pelo pintor refletem um vai e vem de interpretações, questionamentos e modificações, inclusão de elementos, mesmo após o término da obra, e o encadear de possíveis relações que poderiam ser feitas de suas representações pelos apreciadores. Nesse sentido, poderíamos aproximar o trabalho de Seurat daquilo que Balandier propõe como uma parte do pensamento Pós-Moderno, por manifestar

> uma inteligência que trata menos de dar razão e legitimar e mais de trabalhar por interpretações sucessivas sem se impor a dificuldade de liga-las por um conjunto coerente; uma inteligência que tira sua força de sua aparente fraqueza, que privilegia –como faz uma parte do pensamento dito Pós-Moderno – a razão interpretativa e sua tarefa, sempre fragmentada, inacabada (BALANDIER, 1999, p. 34-35).

No seu trabalho procura soluções para representar um contexto que, ao solicitar atenção, encontra-a no quadro de Seurat, sem a exclusiva procura de encadeamentos e ligações que pressupõe um conjunto coerente - apesar de sua complexidade - das inúmeras

possibilidades, mas que, mostram seu caráter de fragmentação e incompletude ao abrir espaço para indefinição interpretativa. Sem forçar a analogia, tão pouco imobilizar Seurat sob tais pressupostos, a seguir, apresentaremos alguns elementos da técnica do pintor que corroboram essa perspectiva.

Como visto no início do capítulo, o movimento impressionista pressupõe que as cores da natureza se modificam constantemente dependendo da incidência de luz sobre os objetos. Essa indicação aproxima as cores do que, posteriormente, compreender-se-ia como a fragmentação dos sujeitos, de sua identidade, uma vez que elas dependem de sua relação histórica, bem como, com o contexto, ou seja, de acordo com Woodward (2000, p. 11), "as identidades são marcadas pelas diferenças, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares".

Nesse sentido, a técnica de Seurat, com a sucessão de pontos com cores puras na tela, é a tentativa de que a cor assuma novas características e produza novos efeitos. Assim o faz pela lei das cores complementares que influenciam na tonalidade umas das outras. É dessa maneira que, em analogia com as cores trabalhadas por Seurat, percebemos o que hoje compreendemos nas características das identidades como não sendo, de acordo com Stuart Hall (2011, p. 49), "coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação" da qual fazemos parte, sendo em Seurat, a cor para a tela, ou no cotidiano, o sujeito para sua nação, grupo étnico, entre outros.

Vemos a partir dessa influência, a segunda característica do Impressionismo: a passagem da dualidade que busca homogeneizar as relações para a atenção à "forma" como ocorrem essas relações. O movimento impressionista e em especial, os estudos realizados pelo pintor sobre a teoria da cor, o levaram mais longe que a simples oposição, até então muito utilizada, entre o claro e o escuro, o preto e o branco, ao entender que as sombras também tem cor.

Com isso, Seurat e os impressionistas percebem que "um amarelo próximo a um violeta produz uma impressão de luz e de sombra muito mais real do que o claro-escuro tão valorizados pelos pintores barrocos" (PROENÇA, 2005, p.140). Ao aproximar analogicamente as proposições da epistemologia Pós-Moderna e esses princípios artísticos, percebemos o deslocamento de atenção para as sombras, para o movimento, não somente contabilizando o que é usado, mas as maneiras de usar essas sombras que possuem diferentes

tonalidades, matizes e constituem o cotidiano do Parque. Nessa conjuntura, corroboram as características que Maffesoli (2010, p. 139) já sinalizou como "àquilo que de outra forma passaria despercebido ou seria diminuído, ao ser declarado insignificante".

No contexto do Parque, a atenção às sombras opera um deslocamento do objetivo de homogeneização, desejada pela Modernidade, à percepção dos matizes das sombras. A intenção não está centrada na determinação dualista, na conclusão acabada, na figura fixada pelo contorno, mas sim, na percepção das nuances, das ações, das formas, dos pontos que se aglutinam constituindo a imagem de uma época, um contexto, uma realidade que se conecta e se move.

O objetivo de Seurat parece transcender a intenção de criar uma obra de Arte sobre uma Ilha francesa, ao depreender para sua técnica de representação o mesmo cuidado e minuciosidade evidentes em sua postura como observador que presta atenção e preserva em sua pintura as sutilezas das roupas, gestos e demais elementos que intensificam o efeito de luz e as características de sua época. Os contrastes das cores usada na técnica não se excluem nem se relacionam para construir algo exterior, uma síntese outra, ou melhor, uma cor a partir da junção de outras duas. Assim, a representação das práticas e sujeitos permanece em sua pintura com todas suas características, sem serem sintetizados pela interpretação do pintor em algo que os represente.

As cores são postas de forma dissociada na tela, sem serem misturadas e transformadas em algo exterior que muitas vezes pode enfraquecer seu potencial. Cada uma com sua voz constitui a polifonia no quadro, fala por si mesma em relação aos outros pontos que juntos constituem a aparência da tela em toda sua polissemia. Novamente, a técnica está na postura do pintor tanto quanto a atenção dada para cada acontecimento, ação e expressão presente na ilha, representada sem a síntese que homogeniza, mas com a aglutinação de pontos, ações e práticas unidas no olhar do expectador que constrói junto, a partir daquilo que lá se encontra, não importa se é bom ou ruim, que foi ou poderá ser, mas daquilo que é, da forma que é.

CAPÍTULO 3

AS MANEIRAS DE FAZER QUE (RE)LIGAM OS SUJEITOS

3.1 As astúcias que (re) ligam: o estar-junto nas práticas compartilhadas

Nos capítulos anteriores falamos a respeito das intervenções, criações, virtualizações, atualizações e invenções dos sujeitos que partilham o coletivo. Essas ações, por sua vez, representam as maneiras de ser, estar, expressar a individualidade de sujeitos construídos coletivamente. A presença dessas manifestações pressupõe a existência de fios que religam os sujeitos, criam uma rede de significados compartilhados que, apesar da complexidade e volume das expressões dos sentidos, constituem a unicidade coletiva do local.

A unicidade citada aqui, não se refere à procura pela homogenia com a explicação do coletivo num sentido de apagar as marcas deixadas pelos frequentadores que as imprimem em seu dia-a-dia, mas, identificar os elementos que constituem o estar-junto, o pertencimento a uma forma maior. Sobre isso, Maffesoli (2005) sugere uma metáfora que pode melhor elucidar as proposições para o estar junto.

> O rosto ou o corpo individual é uma boa metáfora para compreender a interação da comunidade, do estar-junto social. Cada elemento do rosto, do corpo, é particularizado, mas esses elementos só tem sentido na coerência do todo, em sua unicidade que constitui um *plus* específico chamado espírito, alma, o charme, a presença individual. O mesmo vale para a figura ou o corpo social, que só alcança sentido na complementaridade ou mesmo na sinergia entre os seus diversos componentes. É isso mesmo que caracteriza a alma de um conjunto, o espírito de um tempo ou a ambivalência de determinada época (MAFFESOLI, 2005, p. 160).

As manifestações dos sujeitos no cotidiano do Parque adquirem sentido "na coerência do todo", essa unicidade de que falamos e que buscamos compreender. Adentramos, nesse contexto, no labirinto da cotidianidade, no "mundano, no vivido, no trivial" (MARQUES, 2008) em busca dos fios que religam os sujeitos e caracteriza a alma do lugar, o espírito que conduz às soluções, às produções e reinvenções em suas práticas.

Os rituais cotidianos dos frequentadores do Parque podem ser frutíferos para analisarmos essa questão, assim como "todos os pequenos gestos anódinos executados sem que se preste grande atenção neles" (MAFFESOLI, 2005, p. 118). O local da quadra de

basquete, na primeira parte, em frente ao estacionamento 1, parece conter características que proporcionam essa ligação entre os sujeitos. Nesse espaço, vimos a realização do campeonato de *skate*, no qual os jovens estabeleceram relações de identificação, experimentaram e assumiram diferentes papéis durante o evento como: expectadores, amadores e competidores, assim como se engajaram no interesse coletivo de conquista do campeonato.

Na quadra, durante o período em que não se realizam campeonatos, vemos jovens jogando basquete ao mesmo tempo em que dividem o espaço com *skatistas* em uma interação ordenada, na qual não é necessário o prévio estabelecimento de regras para seu uso. Há um pressuposto de tolerância, a compreensão do caráter público do espaço, uma área de trocas por aglutinação dos contrastes.

> Hoje na quadra de basquete há um corrimão para deslizar de skate que dá novo sentido aquele lugar. Logo chegam mais jovens para utilizá-lo colocando-o na lateral da pista. Ensaiam suas manobras, porém ainda em cima do piso dividem a quadra com outros dois jovens que jogam basquetebol (DIÁRIO DE CAMPO, 07/02/2015).

Ao redor da quadra, em todas as tardes de sol, observamos jovens que, ao interagirem com os meninos na quadra, também compartilham a vontade e o desejo de se engajarem na busca pelo prazer e diversão ao fazer parte e compor o grupo, contribuir para a constituição de suas características de apresentação, sua imagem, suas formas de estar naquele local. Também é espaço de rituais, segundo Maffesoli (2005, p.118), expõe suas especificidades estéticas que "repetem ao infinito o vaivém amor-desamor, a atração-repulsão, base de toda agregação social".

Notamos a colaboração na escolha do melhor lugar para posicionar as traves, em uma distância para que fiquem adequadas, a observância das características do jogo de futebol, a relação de escolha dos componentes, a qual, sem combinação prévia denota um princípio de equilíbrio entre os times adversários, a administração dos conflitos e brincadeiras que desfazem a atmosfera da competição inserindo a ludicidade, a imprevisibilidade policiada pela ordem coletiva que rememora o contrato de permanência como parte daquela coletividade.

Na parte 2 do Parque, identificamos um dos pontos vitais do não lugar. Da rua que atravessa o Parque, ao olharmos de frente para o lago, à esquerda, vemos um lugar para consumir, constituído pelos vendedores ambulantes, *playground*, os aparelhos de ginástica e

ao seu lado, no limite do Parque, um bar e uma pizzaria. Os adultos com as crianças sentam sobre a grama no estreito barranco do lago e alimentam os peixes. Essa lateral do lago fica toda ocupada, as grandes árvores por entre os vendedores e o *playground*, contribuem para isso, pois estendem suas sombras até à água.

Os aparelhos de ginástica são levados além de sua função habitual que, como indica a placa, são direcionados à prática de exercícios dos frequentadores da melhor idade. No entanto, são ocupados pelas crianças que os reinventam utilizando-os, muitas vezes, como brinquedos, como se possuíssem as gangorras que o Parque não dispõe. Os jovens ou pais que acompanham seus filhos no *playground* também veem ali o lugar ideal para trocar ideias, descansar sentados nos aparelhos, ou até mesmo, tomar uma cerveja. Entre todos esses aparelhos de ginástica que unem os sujeitos em busca do repouso e descontração, o da imagem abaixo é o mais expressivo. Seu *design* projetado para o fortalecimento das pernas, no qual os sujeitos devem sentar e se empurrar para trás, são mantidos em repouso ao proporcionar a visão de todos os participantes da conversa.

Fotografia 30: Aparelho de ginástica.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

A proximidade aos outros aparelhos também é um elemento que proporciona o pulsar que atrai os frequentadores. As guloseimas e brinquedos oferecidos pelos vendedores

ambulantes constitui parte dessa empatia das crianças com esse local. O consumo do picolé, da ração para alimentar os peixes, a água, os doces, a cama elástica e os balões instauram uma atmosfera festiva excelente para quem vem em busca de distração. As famílias, os jovens e os senhores demoram-se nesse lugar festivo, observam a energia e espetáculo, vêm ao encontro dos diferentes, daqueles que não são familiares, entretanto, semelhantes nas práticas, nas intensidades das performances, dos movimentos, nas características corporais e nas relações que não causam estranhamento ao imaginário local.

Em meio a essa festividade, está a pista de asfalto utilizada para caminhadas, passeios com bicicleta, patins, *skate*, corridas, crianças, cachorros e demais frequentadores para o deslocamento de um local ao outro dentro do Parque. Como vimos anteriormente, sua ocupação se modifica nos dias de semana e nos finais de semana, quando prevalece o uso para práticas não relacionadas a atividades físicas. Nesses dias de finais de semana a desordem prevalece e o sentido único de caminhada é reinventado de inúmeras maneiras que evidencia diferentes funções.

Nos dias de semana, a pista é o elemento fundamental para a manutenção da saúde, a preparação do corpo, a projeção prometeica da longevidade. Apesar disso, detectamos novamente a imposição do tempo trágico, no qual já não há mais tempo para mudanças, para preparações, o qual lembra a passagem de um poema de Ricardo Gondim (2007):

> Contei meus anos e descobri que terei menos tempo para viver daqui para frente do que já vivi até agora. Sinto-me como aquele menino que ganhou uma bacia de jabuticabas. As primeiras, ele chupou displicente, mas percebendo que faltam poucas, rói o caroço.
>
> Já não tenho tempo para lidar com mediocridades. Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflados. Não tolero gabolices. Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus lugares, talentos e sorte.
>
> Já não tenho tempo para projetos megalomaníacos. Não participarei de conferências que estabelecem prazos fixos para reverter a miséria do mundo. Não vou mais a workshops onde se ensina como converter milhões usando uma fórmula de poucos pontos. Não quero que me convidem para eventos de um fim-de-semana com a proposta de abalar o milênio [...]
>
> Já não tenho tempo para ficar dando explicação aos medianos se estou ou não perdendo a fé, porque admiro a poesia do Chico Buarque e do

> Vinicius de Moraes; a voz da Maria Bethânia; os livros de Machado de Assis, Thomas Mann, Ernest Hemingway e José Lins do Rego.
>
> Sem muitas jabuticabas na bacia, quero viver ao lado de gente humana, muito humana; que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita para a "última hora"; não foge de sua mortalidade, defende a dignidade dos marginalizados, e deseja andar humildemente com Deus. Caminhar perto dessas pessoas nunca será perda de tempo (GONDIM, 2007, p. 107).

Já não nos restam tantas jabuticabas e é preciso sentir, aproveitar cada segundo da calmaria das pequenas tréguas entre a "guerra dos deuses" (MAFFESOLI, 2010, p. 181) que vez ou outra lembram a fragilidade do presente. Reatam-se nesse momento fragmentos de memórias de nossa avó: jovem, da reconhecida melhor idade, com suas roupas confortáveis e seu tênis *All Star*, empreendia sua caminhada matinal na companhia de sua charmosa bengala amarela até o Parque Alvorada - Jorge Backes. Descia a rua, atravessava a Avenida Porto Alegre, onde encontramos o portal da cidade e descia pela primeira parte do Parque, pronta para realizar seu percurso rotineiro de três voltas. Logo, a longevidade prometida se faz ilusão interceptada pelo presente trágico em meio à Avenida.

O poema aqui retorna agudo, parece presente no inconsciente coletivo dos sujeitos que partilham a pista, no Parque. O exercício torna-se pretexto, oportunidade, elo que liga o engajamento e encontro dos sujeitos na buscam do prazer nas conversas sobre o cotidiano, o desfrutar das paisagens, dos encontros casuais entre uma volta e outra, do conforto de se encontrar no outro. Nos horários de fim de tarde ou do amanhecer convergem os encontros, a temperatura amena nesses períodos convida, assim como o retorno do trabalho para casa, aproveitam-se todos os momentos para compartilhar.

Nos finais de semana, a regra do jogo é a exceção e a principal, são os encontros. Na parte 2 vemos as áreas com o gramado que convida os frequentadores para uma tarde de desfrute observando a espetacularização dos sujeitos. A ida ao Parque é preparada por meio dos rituais de seleção dos objetos. Logo, todos chegam e caminham pelo Parque à procura de um local adequado para repousar. A escolha é cuidadosa e guiada por elementos comuns como as sombras, o gramado, a visibilidade proporcionada pelo local e as futuras companhias que se poderão ter.

Após escolher o local, estendem suas toalhas na grama, abrem suas cadeiras e organizam seus objetos. Entre uma conversa e outra, preparam o *narguilé*, com a água em seu

recipiente de base, o encaixe das peças, a seleção do sabor para a essência e o acender do carvão. Em seguida, a bebida, o tererê, o chimarrão, o refrigerante, a cerveja ou outro *drink*, preparado com destilados e energéticos. Nesses espaços ouvimos violões, os jovens cantando seus estilos musicais com a virtualização de seus corpos em vídeos para divulgação.

Nessas características da ritualização identificamos os elementos do estar junto: as práticas ritualizadas, as formas compartilhadas de fazer, que propõem configurações coesas com o coletivo. A isso, incluímos as interações por meio dos celulares que aproxima quem não está presente.

> a partir das pesquisas realizadas sobre videotexto (Minitel), em particular, mas também sobre a microinformática e os diversos tipos de jogos, lembrar que a co-presença pode ser também uma *cosa mentale*, um imaginário que me une a outros de maneira um pouco misteriosa, mas não menos real. Nesse sentido, por mais paradoxal que isso pareça, pode-se estabelecer uma estreita ligação entre o desenvolvimento tecnológico e a amplificação da estética. A técnica que fora o elemento essencial da reificação, da separação, inverte-se e favorece uma espécie de tatilidade, uma experiência comum (MAFFESOLI, 2005, p. 188).

A ligação entre aqueles que estão em um mesmo tempo, porém, em espaços diferentes não se torna menos real. Nesse sentido, a amplificação da estética em relação ao desenvolvimento tecnológico ocorre por compreendermos a estética como interação emocional que atrai, ou seja, como Maffesoli (2009, p. 17) sugere, é a "sinergia social, a convergência das ações e das vontades [que] permite mesmo conflitual, um equilíbrio, dos mais sólidos".

É o sentir junto, sem a necessidade dos porquês, uma vez que,

> só interessa, na realidade, a atmosfera afetiva em que cada um se sente mergulhado. Daí ao vaivém de um grupo a outro, o desengajamento e a irresponsabilidade que marcam esta época, fenômeno que sintetizei na metáfora do neotribalismo. Em resumo esboça um novo dado social que destaca a fusão sem levar em conta seu *porquê* (MAFFESOLI, 2009, p. 16).

O sentimento que atrai e faz com que as pessoas se engajem em movimentos, em práticas e maneiras de fazer, proporciona o prazer sem necessidade de explicações. Nesse

sentido, a técnica e também a tecnologia do celular que marca a interação sem presença face a face, fornecem a tatilidade, por se referir aquilo que Maffesoli (2009, p. 20) chamou de o "horror do vazio que leva à participação grupal sem reservas e faz com que sem razão alguma a gente se reúna. Essa tatilidade pode ser considerada a forma contemporânea de uma relação com o outro que prescinde da mediação racional e utilitária".

As características descritas aqui, das práticas e rituais desenvolvidos pelos sujeitos em seu cotidiano que, de acordo com Maffesoli (2005, p. 119), "une por unir, não tendo rigorosamente, nenhum conteúdo, é uma boa ilustração do imanentismo". A emoção é a regra e fornece os pontos de uma ética da estética que cimenta as relações dos sujeitos por meio do hedonismo, dos eventos esportivos, valorização das aparências e performances, práticas desenvolvidas juntas.

Esses elementos mostram as novas propriedades da valorização humana para o engajamento e realização das práticas, com esmero e perfeição. Ao citar Durkheim, Maffesoli (2005, p. 119) evidencia que esse autor compreendera bem os pressupostos desse imanentismo "ao ver que a religação ultrapassa a ideia dos deuses ou, ainda, existem ritos sem deuses". Um exemplo é o surgimento de novos mitos criados pela contemporaneidade e estabelecidos entre os sujeitos, por meio da mídia. Suas características influenciam a criação de ritos com "novos" deuses e até mesmo sem deuses, "orientam para os *efeitos de sagrado* nos mais diversos objetos" (BALANDIER, 1999, p. 166).

Os efeitos de sagrado exemplificam o culto aos elementos que representam a identificação dos sujeitos com o Parque, assim como, com seus conhecidos ou não, que partilham, de acordo com Balandier (1999, p. 168), das mesmas "convenções [...] através das conivências e das audácias verbais subversivas, através da participação emocional compartilhada, através da proximidade dos corpos, a excitação física que acentua o sentimento de ter adquirido junto uma parte de poder". Significa o poder que fortalece e amplifica o sentimento de familiaridade com o não lugar a partir de sua qualificação por meio das experiências e do mergulhar nas ações compartilhadas.

3.2 Novos circuitos

Diante dessas evidências, as práticas desenvolvidas em comum e as semelhanças adquiridas nas manifestações corporais oferecem a possibilidade de identificá-las com aquilo que Magnani (1996) chamou de "circuitos". Para Magnani (1996, p. 18), os circuitos "unem estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço".

Embora o conceito de circuito tenha sido elaborado no contexto de uma pesquisa antropológica, realizada na cidade, e se referiu também a espaços que não eram contíguos, como circuitos de salões de dança e cinema, consideramos inseri-lo de forma analógica aos locais do Parque, uma vez que possibilita a ciência da ética de ligação presente em cada ambiente.

Entre esses circuitos identificados está o que poderíamos chamar de circuito do consumo, constituído pela área onde se localizam os vendedores ambulantes, o *playground* e os aparelhos de ginástica que fazem divisa com um bar e um restaurante. Sua permanência como circuito se dá por inserir relações de atração mediante a oferta de determinados serviços e produtos, com o constituir de um local ocupado de forma intensa.

O segundo circuito identificado refere-se às áreas de práticas de esportes, classificadas como a da primeira parte do Parque que contém a quadra de basquete, o gramado onde são realizadas atividades como o jogo de vôlei, futebol, prática de *skate* e se empinam pipas. Entretanto, como apontado por Magnani (1996), esse conceito também se refere a elementos que não estão próximos. Dessa forma, o circuito de esporte estende-se até a segunda parte do Parque, onde encontramos a pista de asfalto, áreas de gramado para prática de *badminton e slackline*, entre outros.

O terceiro circuito, assim identificado, caracteriza-se como o de lazer, localizado nas áreas de gramado à frente do restaurante na parte dois, assim como, na lateral direita do Parque, na qual, muitos moradores das ruas próximas e demais frequentadores sentam para passar as tardes em rodas de conversa. Resta ainda um último circuito para identificar, o das práticas das sombras, no entanto, trataremos dele no próximo subtítulo.

Como vimos, os circuitos localizam-se todos à frente do restaurante, mesmo se estendendo até a primeira parte do Parque e à lateral direita, ao passo que os espaços da parte de trás do restaurante constituem o que Magnani (1996) chama de "pórticos".

Para Magnani (1996), os pórticos são,

> espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao *pedaço* ou *mancha* de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e, como tal, apresentam a "maldição dos vazios fronteiriços". Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras liminares e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados (MAGNANI, 1996, p.23).

Com a ajuda desse conceito apresentamos as características dos espaços dos fundos do Parque, onde a pista de asfalto faz a volta e retorna para o lago central, paralelamente à rodovia. Um espaço de passagem em que se realizam atividades lúdicas, embora a grama não tenha o mesmo aspecto do gramado próximo ao lago. O gramado desse lugar de passagem apresenta falhas, tentativas de escavações e reconfigurações, sem sucesso. Nesse local se situa apenas o não lugar imaginário, mostrado no primeiro capítulo, desencadeado pela placa que promete um complexo esportivo. No entanto, não corresponde a essa indicação e solicita uma referência a um "pórtico" de passagem.

Um pórtico, caracterizado como terra de ninguém e, em virtude de seu vazio, torna-se lugar perigoso ao anoitecer. Sua pouca iluminação faz com que, nem de passagem, seja utilizado pelas pessoas que realizam atividades físicas à noite. Essa área do Parque reconfigura o trajeto dos frequentadores quando o cruzavam rapidamente, sem olhar para os lados, e em certas horas não ousam cruzá-lo.

Fotografia 31: Imagem dos fundos do Parque. Parte de trás do restaurante.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Encontramos nesses elementos os princípios que regem as interações e a presença das pessoas no Parque. Esse princípio ou paradigma comum ao cotidiano dos sujeitos no Parque constitui aquilo que Maffesoli (1998) chamou de "formismo".

A forma de ser comum em uma determinada época assemelha-se às normas impositivas do não lugar mostradas aqui, ou seja, as normas e regras de utilização estão presentes no não lugar e, embora os sujeitos criem novas maneiras de fazer determinada atividade, há algo que permanece dessas regras. Um exemplo é o sentido único para caminhada na pista de asfalto que, embora os sujeitos não o sigam, compõe a organicidade do Parque, o que faz com que os sujeitos permaneçam dentro da lógica de praticar corridas apenas na pista de asfalto e não por entre as trilhas, bosques, gramados e estacionamentos.

Em uma amplitude maior do que o exemplo da imposição normativa do Parque, a "forma" ou "formismo" sugerido por Maffesoli (1998) pressupõe que há "grandes constantes das quais vão se agregar os eventos, as situações, as personalidades, as maneiras de pensar de um dado tempo" (MAFFESOLI, 1998, p. 92). Nesse sentido, deduzimos que há um contrato social para a permanência e realização das práticas habituais dos sujeitos, um *ethos* com valores compartilhados, "um mistério da conjunção que existe, de modo não consciente, nas

“representações coletivas” (Lévy-Bruhl), ou na “consciência coletiva” (Durkheim)”. (MAFFESOLI, 1998, p. 96).

As características dessa “consciência coletiva” se percebem a partir das especificidades das práticas dos sujeitos no Parque, uma vez que prevalecem, como já foi dito anteriormente, as relações familiares e a ambivalência entre a conservação e o excesso, a ordem e a desordem. Os frequentadores do Parque compartilham os circuitos e com isso, os valores e especificidades no modo de se apresentar e fazer suas atividades que, de forma inconsciente, seguem certas regularidades.

As características que predominam e oferecem os pontos do “formismo” no Parque se confirmam na maneira de arrumar os cabelos, sempre em tons naturais de cada indivíduo e quando têm pinturas, elas são das mesmas cores dos tons naturais (morenas, loiras, ruivas). Os cortes também oferecem indícios dos fatores compartilhados e não apresentam características contrastantes, como cortes característicos de tribos urbanas como os *punks*, *góticos*, *skinheads*, entre outros.

As práticas também apresentam suas regularidades constituindo-se de prática de esportes, atividades de lazer e lúdicas que remetem a imagens de brincadeiras realizadas na infância, e, como se condizentes àquele período, expressassem mais uma vez, ao seu retorno o tempo cíclico. Novamente apresenta-se na atmosfera do Parque a “guerra dos deuses”, apontada por Maffesoli (1998), na qual Dionísio e Prometheu, os deuses da mitologia grega, alternam-se em pequenas vitórias da batalha interminável entre a necessidade de consumir o tempo que resta para além de ideologias e convenções sociais. Elas estabelecem regras de relacionamento e interação, a manutenção da interação ordenada e planejada a fim de conservar relações fiéis a ideologias e causas, na crença de uma estabilidade acima de tudo.

São essas e outras características das práticas cotidianas dos sujeitos no Parque que representam o “formismo”, um tipo ideal de relações que inconscientemente organiza as ações dos sujeitos. Sobretudo, é uma **forma** que não impede as criações dos sujeitos, ou, o que Maffesoli (1998, p. 94) nominou como a, “a autonomia necessária à eclosão da personalidade de cada um, [o formismo apenas] garante um quadro geral que permite a coesão do conjunto social”.

Nessa perspectiva, o autor compreende que “a forma é efetivamente formante” (MAFFESOLI, 1998, p. 95). A presença de determinadas práticas dos sujeitos, maneiras de fazê-las, as características culturais presentes na maneira como se vestem ou se comportam,

são resultados do diálogo com elementos presentes e aceitos coletivamente, que imprimem suas marcas nas criações dos sujeitos representando a "socialidade" de determinado local.

Para Maffesoli (2009), a socialidade refere-se a uma realidade relacional, às trocas e conexões estabelecidas. Dessa forma, enquanto,

> ao social, correspondem à solidariedade mecânica, o instrumental, o projeto, a racionalidade e a finalidade; à socialidade, correspondem a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica (comunicação), o não lógico, a preocupação com o presente. Ao drama sucede o trágico, aquilo que é vivido em si mesmo sem rejeição às contradições. É essa socialidade, designando de qualquer forma o próprio fundamento do estar-junto, que obriga a levar em consideração tudo àquilo que era tido como essencialmente frívolo, anedótico, ou sem sentido (MAFFESOLI, 2009, p. 100).

Com isso, o estar junto resulta das características da socialidade que, em cada época e contexto, se apresenta de forma diferente por meio das invenções cotidianas, virtualizações dos lugares, práticas e atualizações que dialogam com a forma de interação ou, por exemplo, a ética da estética predominante que "limita, coíbe, por vezes de maneira autoritária, mas ao mesmo tempo, deixa ser, favorece o desabrochar" (MAFFESOLI, 1998, p. 95).

3.3 Das práticas às sombras

Como vimos, há espaços que proporcionam a ligação dos sujeitos, possibilitam uma atração e engajamento emocional por meio das atividades que ali se desenvolvem. As características predominantes das práticas nesses espaços, levaram a chamá-los de "circuitos". Cabe-nos ainda, mostrar o lado obscuro que permeia as relações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, torna-se produtor de socialidade, da vivência "em si mesma sem rejeição as contradições" (MAFFESOLI, 2009, p.100).

A vivência da contradição é o reconhecimento dos opostos como, segundo Maffesoli (2005, p. 120), "expressão de uma simbiose misteriosa. Aquela na qual bem e mal misturam-se intimamente para o crescimento de qualquer planta". Nos espaços do Parque, compartilhados e vividos no cotidiano dos sujeitos, percebemos essa ambivalência dos

opostos, semelhante ao que Freud (2011) [17] chamou de "instinto de vida e instinto de morte", os quais, ambos inibidos em sua meta de realização plena, apresentam-se como pitadas de um tempero que conferem sabor às maneiras de fazer dos sujeitos.

O circuito do esporte descrito anteriormente apresenta indícios dessa relação contraditória nas ações entre os sujeitos. Já vimos essa característica no gramado da primeira parte do Parque, no qual as crianças e jovens jogam bola e alternam momentos de prazer, de alegrias e regozijo, com os conflitos.

O conflito apresenta-se como elemento que constitui uma "ligação orgânica" entre sujeitos que constroem suas próprias histórias, como evidencia Maffesoli (2004, p. 67), "um sentimento de vinculação, uma experiência coletiva, uma memória imemorial que é tudo, menos intelectual". Ainda religa os sujeitos como parte de um equilíbrio entre a violência e o tédio, sem querer forçar a analogia, entre o sal e o alimento.

A violência nos conflitos encontrados na relação dos meninos, dos quais apenas se citou um exemplo de tantos outros que presenciamos, é a expressão da dualidade do ser que comporta seu lado sombrio junto ao seu contrário de bondade. O lúdico também dá mostras da fertilidade de seu campo para a manifestação frutífera dessa dualidade. No *playground* observamos a brincadeira das crianças que, após um dia de chuva, imediatamente reinventam suas maneiras de brincar e utilizar o lugar ao produzirem bolinhas de areia molhada e atualizarem o espaço do *playground* como um campo de batalha.

A expressão do confronto, da vitória, da necessidade de vencer, mais uma vez se apresenta: instinto de sobrevivência que metaforizado no lúdico recobra sua presença e participação. Do mesmo modo, os conflitos entre os meninos e meninas ao brincar e compartilhar esse lugar comum, as perseguições ou apenas insultos evidenciam que "a criança que brinca e destrói talvez seja a figura paradigmática de nossas sociedades. Figura que, à margem de qualquer moralismo, frisa que não podemos expulsar, mas, no máximo, jogar com o mal" (MAFFESOLI, 2004, p. 138 – 139).

O jogo com o mal que faz parte do ser impossibilita sua síntese em busca de uma realidade estática e consensual. Essa característica presente e constituinte da socialidade cotidiana reflete o trágico,

[17] FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilização.* São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2011.

> que bem traduz a presença de um mal incontornável, refere-se essencialmente à força da alteridade, ou seja, ao fato de que em cada coisa, em cada situação, existe seu contrário. Contrário que não se pode negar ou denegar. Pode-se, é bem verdade, estigmatiza-lo, tratar de marginalizá-lo e relativizá-lo, mas ainda que em forma de sombra, ele está presente (MAFFESOLI, 2004, p. 62 -63).

A sombra marginalizada detectada nas ações das crianças e jovens no Parque, por concebê-las como transgressões comuns e, de certa forma, aceitá-las em suas proporções como irrelevantes, muitas vezes, não são percebidas pelos frequentadores, mas nem por isso, diminuem seus efeitos. Entretanto, o aspecto das sombras nas práticas dos sujeitos, não se apresenta apenas nos circuitos do Parque identificados anteriormente, mas podem ser observados no aspecto transgressor dos jovens que, nas suas maneiras de fazer e reinventar espaços estabelecem traços sutis de resistência que os diferenciam das maneiras de ser/estar instituídas como adequadas pelo imaginário coletivo do local.

Ao entrar na segunda parte do Parque, pela rua que o atravessa, seguimos pela pista de asfalto até o restaurante, atualmente desativado, que fica aproximadamente a 200 metros de onde entramos. O restaurante possui uma área parcialmente coberta em sua frente, sob a qual os jovens permanecem durante as tardes. A parte de trás do restaurante possui uma praça construída em formato circular com *paivers* na calçada. No centro, um chafariz com três andares e um pequeno poste no alto, o qual já não tem sua lâmpada.

O chafariz está desativado e sua fiação à mostra com algumas luzes arrancadas. Nas laterais da praça estão alguns postes que, à noite, já não acendem mais. Há nesse local, um pequeno palco de aproximadamente um metro de altura com uma parede atrás e duas aberturas no formato de porta. Da praça podemos ver os fundos do Parque, assim como uma das laterais e a área do lago, em contrapartida, da pista pouco vemos da praça em virtude da vegetação ao redor e sua elevação em relação ao restante do Parque.

Fotografia 32: Vista da praça construída atrás do restaurante.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

O restaurante e a praça constituem, dessa forma, local de encontro de jovens meninos e meninas que, a qualquer hora do dia, vem em busca de prazer, do excesso e ali permanecem à "Sombra de Dionísio" (MAFFESOLI, 2004, p. 81). Juntos, consomem suas bebidas, virtualizam-se ao se comunicarem pelos celulares, enviam vídeos feitos no local, conhecem pessoas e marcam encontros. Selecionamos alguns trechos do Diário de Campo que evidenciam as principais práticas de utilização desse espaço, pelos jovens.

> Aproximamo-nos do restaurante, que parece estar desativado. Nesse momento sentimos cheiro de maconha, logo vimos um jovem sob uma árvore fumando, ao terminar seu cigarro, o jovem arrumou sua mochila e pertences no pé da árvore onde se deitou (DIÁRIO DE CAMPO, 27/01/2015).

> Subimos em direção à pracinha que fica atrás do restaurante, na medida em que nos aproximamos o cheiro de maconha aumenta. Ao passar pela praça, vemos dois jovens em cima do palco fumando. Podemos ouvir o som das toses constantes. O lugar onde fumam proporciona visão para os dois lados do Parque e privacidade proporcionada pela parede de fundo do 'palco' e árvores que o ladeiam. Ao atravessar a praça em direção à frente/área do restaurante, vemos mais quatro jovens com suas bicicletas e skates sentados. Os jovens que estavam atrás, logo vêm até a frente do restaurante e sentam com os outros (DIÁRIO DE CAMPO, 05/02/2015).

> Ao passar pela praça do restaurante, avistamos 3 jovens sentados em cima do palco. Um com cabelos compridos e uma camiseta preta com estampa de uma banda de rock, calça jeans e tênis. Outros dois com cabelo curto e boné de aba reta. Usavam camiseta branca com estampa, calção jeans com as bordas remangadas e tênis. Ao lado dos jovens uma garrafa pet de refrigerante e uma garrafa de vidro com uma bebida destilada (DIÁRIO DE CAMPO, 07/02/2015).

> Ao passarmos em frente ao restaurante percebemos aproximadamente 10 jovens sentados na área da frente, nesse momento uma viatura da polícia chega por trás passando pela pracinha e surpreende todos. Os jovens enfileiram-se com a mão na cabeça e são revistados. A cada revista são liberados um a um para que saiam daquele lugar. Um casal que estava junto foi o primeiro a ser liberado, desceu até na beira do lago, na pista e permaneceu observando o que se passava com os amigos de longe. Todos foram liberados apenas um jovem ficou conversando com os policiais mais tempo, no entanto, também foi liberado em seguida. Todos saíram da área do bar e não retornaram mais depois que os policiais foram embora (DIÁRIO DE CAMPO, 14/02/2015).

As práticas dos jovens nesse local evidenciam o excesso, o consumo, o retorno ao vazio, que é fonte do sublime. Diferentemente do consumo das famílias, crianças e demais frequentadores do Parque, apresentados anteriormente, as práticas na área do restaurante e praça,

> assinalam bem a substituição do simples consumo, por uma consumação mais "radical", consumação que vai a raiz das coisas, quer dizer, que insiste no aspecto chtoniano, sombrio, enraizado, do homem no mundo. O mal é resumido da seguinte maneira: experimentar os frutos da terra [...] prazer e dor misturados (MAFFESOLI, 2004, p. 81).

Vemos agora a ambivalência da existência que representa o lado sombrio, a presença do mal que retorna com força e vitalidade, apesar das tentativas de diminuí-lo ou não considerá-lo. A observação dessas práticas mostra o retorno à natureza, ao instinto desumanizado, ou como sugere Maffesoli (2004, p. 68), "ao vazio que é fonte de sublime", o qual "nosso espírito animal aprecia como tal".

Nesse sentido Maffesoli (2004) fala que o

> desejo do mal está sempre recobrando força e vigor. Terrorismos, consumo de produtos tóxicos, alucinógenos, álcool, psicotrópicos diversos [...] temos

> que reconhecer que cada uma dessas formas é objeto de uma estranha ambivalência. De atração e repulsa. Temos medo e vontade ao mesmo tempo (MAFFESOLI, 2004, p. 137 – 138).

As transgressões agora não são mais consideradas comuns, contudo, entram em choque com o imaginário referente às práticas predominantes de utilização do Parque. As práticas desenvolvidas nesse lugar já não desfrutam do anonimato, regalia proporcionada pelo contrato com as normas do não lugar. A realização pessoal se exalta e se vê aí a estranha ironia do lado das sombras que em cima do palco, na praça, ponto mais alto do Parque Alvorada - Jorge Backes, exibe sua força e vigor, recobra sua presença, impõe-se como bandeira de batalha de Dionísio na guerra dos deuses.

A polícia vem relembrar os termos do contrato de permanência no não lugar e como vemos no trecho do Diário de Campo, surpreende os jovens, semanalmente. No entanto, a religação proporcionada pelas práticas às sombras são mais fortes que o poder impositivo das convenções sociais e, em decorrência disso, estendem-se a outros espaços do Parque como a trilha, que não acoberta as ações dos frequentadores, mas oferece privacidade.

> Ao retornar da lateral direita do Parque, pela mesma pista de asfalto, verificamos a existência de uma trilha que inicia a baixo da ponte e vai costeando o rio em paralelo com a pista de caminhada. Em uma das entradas dessa trilha vemos dois jovens que fizeram uma breve parada sentando em uma das tampas do bueiro, aguardamos alguns segundo na grama e vemos que eles saem do Parque, ao nos aproximarmos, seguindo a trilha, verificamos que há uma carteira com cigarros na lateral desse bueiro [...] Continuamos a trilha por entre as árvores. Buscamos mais pistas dos usos que são feitos dessa trilha no Parque. Encontramos *copos*, *isqueiros*, *caixas de fósforo* e *cigarros* logo a baixo do que parece ser uma cabana feita apenas dos próprios galhos de bambus novos e verdes torcidos em forma de arco. A cabana está de frente para um dos acessos ao rio [...] Ao andarmos mais alguns metros encontramos uma parte aberta de terra batida cercada de algumas árvores maiores. Nesse local, mais marcas de utilização com muitos *cigarros* pelo chão, *garrafas de bebidas*, *refrigerante* e, agora, uma *latinha preparada para o fumo do crack*. Seguimos mais alguns metros e chegamos ao final da trilha que termina a baixo da ponte da autoestrada que dá acesso ao trevo da cidade (DIÁRIO DE CAMPO, 26/01/2015).
>
> Seguimos até a trilha para verificar novos vestígios, indícios, de utilização e encontramos *embalagens de preservativos* que são distribuídos gratuitamente nos postos de saúde da cidade. Sua embalagem não parecia ter sofrido a ação do tempo e não encontramos no dia anterior que fizemos a trilha procurando por vestígios. Encontramos também outra *latinha preparada para o fumo de crack*, agora, do lado oposto da trilha no qual

> havíamos encontrado as primeiras latinhas (DIÁRIO DE CAMPO, 29/01/2015).
>
> Em uma caminhada atenta para verificar as formas de usos encontramos seis garotos fumando maconha na entrada da trilha à direita da casa das máquinas que puxa a água do rio para o chafariz do lago. Usam apenas um cigarro que é passado de mão em mão. O cheiro é percebido apenas suavemente dependendo da direção do vento, pois estão afastados da pista de caminhada, próximos da encosta do rio (DIÁRIO DE CAMPO, 05/02/2015)

A preparação e conservação da trilha com seus acessos para o rio, seu trajeto bem demarcado e as embalagens de produtos chamados por nós de vestígios, já indicam a presença constante dos jovens. Os lugares preparados com a arrumação dos bambus e a clareira rodeada por árvores tornam-se os novos palcos dos rituais hedonistas com o consumo de tóxicos e bebidas. Surge agora nova substância, o *crack*, com sua ritualização na preparação das latinhas por meio das quais é consumido.

Fotografia 33, 34 e 35: Lata de alumínio preparada para o consumo do *crack*.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Os dias atuais trouxeram consigo novas dimensões do sagrado e presenciamos essas características nas ritualizações dos jovens ao preparar seus entorpecentes e consumi-los com certa ordem. Balandier (1999, p. 168) aponta essa evidência ao falar do efeito da mídia e cultura de massa na produção dos novos ídolos com o culto a novos objetos na sociedade do espetáculo como "os efeitos do sagrado nos mais diversos objetos". Entretanto, aqui a

sacralização dos rituais e substâncias vem da interação dos sujeitos ao compartilharem experiências que os religam e os identificam como parte de seu grupo.

A embalagem de preservativo também indica práticas realizadas às sombras da moral predominante no local. Contudo, embora a identificação desses vestígios de preservativos não resulte na certeza das práticas sexuais, remetem à obra de Seurat, para qual existem interpretações que identificam essa prática. Como pontuamos anteriormente, na imagem da obra percebemos uma jovem senhorita que pesca, no lado esquerdo do quadro. Semelhante à análise do Parque, na obra, não está representado de forma explícita se a intenção do pintor era aludir à prática sexual.

No entanto, evidências apresentadas na obra levam a crer que essa prática estava presente. Um deles é a inserção do macaco no primeiro plano do quadro após a finalização da pintura. O macaco era utilizado como gíria para se referir à prostituição e por estar sob os cuidados da senhorita, identificada como uma cocota, essa relação torna-se ainda mais nítida. Outro elemento é o fato de que a senhorita, pescando na lateral esquerda, não possui nenhum outro apetrecho ou objeto da prática da pesca, apenas uma vara de bambu, como se estivesse apenas sugerindo a execução de uma prática permitida para esconder outra proibida (HERBERT *et. al*, 1991; WINNAN, 2005).

No quadro também vemos dois guardas à direita da mulher com a criança de vestido branco na parte central da obra. Semelhante ao Parque, os guardas indicam a presença do controle sobre as práticas na ilha, característica que reforça a referência entre a senhorita que pesca com a prostituição, pois sua prática camufla e disfarça sua transgressão. Dessa forma, sob um olhar analógico, a camuflagem que a pesca oferece para a prostituição na ilha, a trilha o faria para o consumo de entorpecente no Parque.

Na pintura de Seurat assim como no Parque percebemos a presença e a força da maldade, do mal incontornável que, de acordo com Maffesoli (2004, p. 137), o projeto próprio da modernidade ocidental, "higienista", do "risco zero", da assepsia generalizada da vida, não conseguiu livrá-la de seus efeitos.

> O mal está ai mesmo, constante, irrefutável. Ele tem uma realidade maciça que não se pode negar. Primeira ambiguidade [...] trata-se de uma realidade presente em forma nebulosa, presente sob diferentes nomes. Mas presença que não se quer nem, *a fortiori*, entender, pois vê-la e *entendê-la* seria conferir-lhe uma legitimidade que ela "não deveria" ter (MAFFESOLI, 2004, p. 77).

Como se o instinto de destruição cobrasse sua presença, a maldade se expressa em meio às ações dos sujeitos e evidencia o convívio com essa ambivalência ainda que de forma nebulosa. As práticas dos sujeitos no Parque alternam-se entre aqueles que não devem estar presentes e os que passam despercebidos nos pequenos conflitos e malícias.

É nessa perspectiva que compreendemos a imagem da mulher que segura a criança no centro do trabalho de Seurat. A criança com o vestido branco é a única que não foi preenchida com a técnica do pontilhismo. A cor branca de seu vestido não denota da mesma forma, a lógica das cores complementares. Com isso, diminui a sensação de influência do ambiente na cor de seu vestido, o que sugere a pureza, a inocência em contraste às práticas de prostituição, à conservação de posições sociais, à necessidade do poder observador dos guardas, entre outros.

Com essas práticas percebidas e apresentadas vemos a parte que confere à maldade na construção do cotidiano. Essas características expressam uma ambivalência nos sujeitos e refletem em suas maneiras de fazer e reinventar os lugares, elementos que diferem da ética da estética predominante no local, ou seja, de certa forma, instituem suas próprias regras de relação, atração e religação.

Compreendemos elementos que estão além da contradição entre o bem e o mal dos sujeitos. As maneiras de fazer no Parque não constituem apenas ações de maldade como as identificadas, mas inserem novas regras no jogo com o culto a novos objetos, novas ritualizações, novas características dos movimentos corporais, novas formas de consumo, entre outros.

Nessa perspectiva, a dimensão da maldade nutre um sentimento de transgressão que, como se, inibido em sua meta (FREUD, 2011), revelasse nas práticas, de forma sutil, alguns elementos que subvertem a ordem predominante nos espaços do Parque. As ações, assim entendidas, não constituem expressão genuína de maldade, ou recebem rejeição radical dos demais frequentadores, apenas instituem novas formas de se apresentar no Parque, quanto às características dos acessórios, objetos e roupas que estabelecem fronteiras simbólicas na alteridade.

Essas maneiras de fazer com os objetos, lugares e demais sujeitos não deixam de possuir sua parcela de maldade, uma vez que nutrem o sentimento de diferenciação,

personificação, realização pessoal, com a resistência às normalidades. Observamos a manifestação desse sentimento na versatilidade das devoções que hoje aparecem,

> nas modas, os brilhos, a versatilidade das devoções aí se misturam. Define os espaços em que se efetuam os engajamentos de substituição, em que se exercem os cultos e as ritualizações juvenis, em que as **marginalidades** buscam a possibilidade de uma realização pessoal pela afirmação, a criação singularizada e a emissão de uma palavra capaz de se fazer compreender, se for preciso através do excesso (BALANDIER, 1999, p. 169).

O sentimento de maldade sustenta as marginalidades das maneiras de fazer que (re) ligam os sujeitos nas transgressões morais, estilísticas, e outras, e compõem grupos distintos por meio do que Balandier (1999) aponta como criação singularizada e o desejo de realização pessoal. No cotidiano dos sujeitos no Parque notamos essas maneiras, que demonstram o engajamento por substituição e a criação singularizada, no estilo de se vestir.

Os recortes do Diário de Campo abaixo poderão esclarecer essa questão:

> Há uma semelhança entre o modo de se vestir dos jovens parece que todos possuem o mesmo gosto estético para se vestir e ser/estar ali. Usam calção jeans com as barras dobradas, bem justo no corpo e a cima do joelho. Boné de aba reta com cores fortes. Camisetas com tons coloridos, mas geralmente cor única com diferentes estampas. Tênis *vans* ou estilo botinha com um símbolo da Nike na lateral. Seu estilo estende-se as bicicletas. Usam óculos escuros quadrados e sempre com pulseiras coloridas de amarrar no pulso direito. As cores das pulseiras alternam entre tons acinzentados ou em referencia as cores da bandeira africana (DIÁRIO DE CAMPO, 07/02/2015).

> Novamente entre os jovens podemos perceber as características comuns de sua maneira de se vestir com tênis baixo, usando meias curtas (*sockets*) ou até mesmo sem meia, com ou sem cadarço. Calção jeans junto ao corpo com as barras dobradas a cima do joelho. Os bonés com abas retas e a parte de cima a cima da cabeça. Algumas correntes e pulseiras feitas de fios trançados (macramê), como as vendidas pelos vendedores viajantes que estendem seus mostruários nas calçadas das cidades por onde passam (DIÁRIO DE CAMPO, 22/02/2015).

Nos trechos destacados acima, notamos os elementos que identificam os jovens como parte do grupo. As singularidades no modo de se apresentar inserem-se nas práticas dos sujeitos como demarcadores das personalidades e criações. A personificação dos espaços reaparece agora como característica da realização pessoal e novamente, constrói significantes

relacionais. A parcela de maldade torna-se pulsão da desordem que transgride a ética norteadora das práticas e das formas de utilizar os lugares dentro do Parque.

Os jovens possuem seus objetos "sacralizados" sobre essa nova perspectiva do sagrado fragmentado, convertido em engajamentos por ligação emocional que substitui os rituais das grandes religiões por ritualizações profanas; os lugares de culto das grandes instituições religiosas pelos lugares no Parque que marcam o encontro e a substituição da busca da salvação pelo encontro com os iguais, o enraizamento e reconhecimento como pertencente aos diferentes grupos a partir de suas características singulares compartilhadas.

As maneiras de fazer dos jovens na moda, ao mesmo tempo em que inventam e atualizam as características gerais, ligam os sujeitos em torno de um novo elemento definidor da especificidade do grupo. É nesse sentido que, de acordo com Maffesoli (2004, p. 66), "o mistério é o que une os iniciados. E podemos dizer que o trágico, de forma sorrateira, é estruturalmente ético [e produz] as provas [que] vivenciadas em comum, são um elo intangível entre os indivíduos".

O modo dos jovens usar seus calções, com a barra dobrada e justa ao corpo, as calças remangadas, os tênis baixos com a faixa branca no solado, usados com meias *socket* ou sem meias, as pulseiras coloridas, os bonés, as correntes, todas essas características unidas, despertam no observador, as imagens arquetípicas de estilos musicais como *funk, reggae, rap e rock and roll.*

Fotografia 36: Coerência e códigos estéticos para o estar-junto presente nas maneiras de se vestir.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

A partir dessas escolhas de vestuário e adereços, os jovens no Parque, estabelecem sua diferenciação da forma padrão expressa nas práticas dos demais sujeitos, quanto ao utilizar e ao fazer nos espaços e lugares. São transgressões sutis que carregam consigo elementos característicos predominantes, assim como elementos singulares produzidos na interação dos sujeitos com seus semelhantes na articulação de vínculos.

Esse processo teve seus pontos melhor identificados pela analogia com as maneiras de vestir dos sujeitos representados na obra de Seurat, em que, o pintor representa as inúmeras senhoritas, algumas sentadas, outras em pé, com roupas e acessórios semelhantes. Como apontado anteriormente, por um período, as cocotas influenciavam a maneira de vestir das senhoritas por acompanharem os últimos estilos e desfilarem em lugares públicos com suas roupas e animais de estimação.

As senhoritas representadas na pintura estão, predominantemente, com vestidos característicos da época com os *tournures* [18] na parte traseira, os chapéus, sombrinhas e a postura enrijecida, demasiadamente ereta que sugerem a forma padrão, ou características comuns de estar no lugar. Com a presença dessas características no quadro percebemos a

[18] Palavra traduzida do Frances: torneamento (“anquinhas”).

intenção do pintor em retratar as peculiaridades do "formismo" de uma época e expresso na ilha da Grande Jatte.

A intenção e atenção do pintor para a representação das características predominantemente compartilhadas pelas senhoritas, tornam-se evidentes pela forma como representa a enfermeira sentada no lado esquerdo do quadro. Na imagem abaixo, apresentamos o esboço realizado pelo pintor ao estudar a forma de representação da enfermeira que veste roupas relativas à sua ocupação profissional (HERBERT *et. al,* 1991).

Fotografia 37 e 38: Estudos realizados por Seurat referentes à imagem da enfermeira.

Fonte: HERBERT, Robert L. (org). Georges Seurat 1859-1891. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 1991.

No estudo, o pintor representa a enfermeira com características próximas às formas abstratas, por isso, dificilmente identificamos prontamente à que se refere a figura. A aproximação com as maneiras de se vestir, apresentadas por Seurat possibilita esclarecer adequadamente, o que apontamos como a forma padrão de ser/estar que predomina no local, ou aquilo que Maffesoli (2010, 1998) definiu como o conceito de "formismo", predominante em determinada época e local.

Em relação a essa forma predominante nas relações dos sujeitos no Parque, os jovens diferenciam-se com suas criações. A pulsão de maldade que nutre suas ações não constitui

apenas uma contestação ou reinvindicação em busca de uma solução ou evolução progressista, mas uma iniciação, uma espécie de prática ritualística que religa os sujeitos sob um sentimento de agressividade, deslocada para o inconformismo, necessidade de intervenção, domínio do espaço, demarcações identitárias, prazer na possibilidade de possuir o poder de construir junto às características dos grupos aos quais se engajam.

As bicicletas oferecem a possibilidade de perceber esses elementos que quebram a linearidade imagética do Parque. Como um objeto em meio aos grupos de jovens observados próximo à trilha, em frente à área do restaurante, na praça, assim como em circulação entre os espaços, a bicicleta carrega consigo elementos identitários de seus donos. Possuem adesivos, modificações na pintura e nos guidões a fim de deixá-los mais baixos, nos aros e quadros que, em virtude dos amortecedores, são retirados e rebaixados.

Em alguns casos, a proximidade com o chão evita a completa rotação do pedal, o que limita a funcionalidade completa da bicicleta, transformando-a em elemento de exibição, exposição e identificação. As singularidades criadas por esse grupo com suas personalizações, ou personificações, estabelecem diferenças em relação aos demais ciclistas que utilizam o Parque para o ciclismo como esporte.

Os jovens configuram, com suas bicicletas, uma nova ética da estética, na qual "a experiência compartilhada gera um valor e funciona como vetor de criação" (MAFFESOLI, 2009, p. 14). Novas regras são introduzidas, um novo valor é considerado nas modificações realizadas pelo grupo e essas experiências constituem, como evidenciou Maffesoli (2009), anteriormente, provas vivenciadas que formam um elo entre os indivíduos.

A virtualização das bicicletas conduz à percepção do sentimento de poder na construção conjunta das características que definem determinado grupo de ciclistas e opera com isso a ressignificação de seus objetos que passam de meios para o desenvolvimento de uma prática de esporte (ciclismo) a elemento "sacralizado" de exposição e exibição que (re) liga os jovens.

Um tanto quanto diferente das relações e construções proporcionadas entre os sujeitos e suas bicicletas, porém, movidos pela mesma pulsão oriunda da ambivalência do bem e do mal presente nos sujeitos, são exploradas possibilidades para além das autorizadas entre as normas do Parque como um não lugar. Encontramos aí as práticas originadas durante os dias de chuva, as quais, além das citadas anteriormente referentes às brincadeiras nas poças

de água que se formam no gramado, estão a utilização do lago central para breves entradas e brincadeiras que denotam uma atmosfera de parque aquático.

> Enquanto observávamos o movimento dos jovens no gramado veio de repente a chuva, com seus pingos grossos de forma contínua. Todos são pegos desprevenidos, pois não esperavam esse início de chuva intenso. Correm para seus carros nos estacionamentos, comércios ao redor do Parque, ou como nós, para a área do restaurante que possui uma calçada com 2 metros de largura, sendo apenas um metro dela coberta. Ali estão jovens com seus skates, bicicletas, também um vendedor de picolé com seu carrinho, que aproveita para fazer algumas vendas [...] Enquanto todos aguardam a chuva diminuir, dois jovens chegam molhados e interagem com seus amigos que estão na área. Nesse momento manifestam a ideia de entrarem no lago. São desafiados e encorajados por seus amigos, até que os dois decidem entrar. Descem até a beira do lago onde, um deles, que está de camiseta, calção e tênis, retira seus tênis e meias deixando-os na beira do lago. O outro que está com calça jeans, camiseta e tênis apenas retira seu óculos de sol deixando também ao lado do lago. Tomam distancia da água e correm juntos para um pulo dentro do lago. Continuam saindo e pulando por alguns minutos, ao que retornam para a área onde estavam seus amigos. O primeiro que havia retirado seu tênis, calça-o e o segundo que entrou com toda sua roupa apenas da algumas batidas no cabelo para retirar a água e coloca sua mochila nas costas permanecendo com seus amigos. Mais à esquerda, outros cinco jovens entram e permanecem sentados na beira do lago enquanto vigiam a lateral do Parque cuidando a chegada da polícia (DIÁRIO DE CAMPO, 22/02/2015).
>
> Enquanto os frequentadores estavam alimentando os peixes, um garoto que estava jogando bola se atira no lago. Pode-se ouvir um estouro ao contato com a água e todos olham. Logo o jovem nada até a margem e sai, voltando a jogar bola (DIÁRIO DE CAMPO, 08/02/2015).

No trecho acima, retirado do Diário de Campo observamos a transgressão das proibições quanto ao uso do lago. Os jovens compartilham experiências e constituem provas que constroem a história das invenções cotidianas do grupo que os une. A parte do mal recobra sua presença e promove a alternância entre o excesso e a normalidade, a ordem e a desordem, expressas nas atitudes de, ao mesmo tempo em que entram no lago, mantêm-se vigilantes, conscientes da excepcionalidade propiciada pela ocasião.

Deslocam-se entre as práticas aceitas como o jogo de bola, as conversas na área do restaurante, os passeios de bicicleta na chuva e as que não são aceitas, como o banho no lago. Os integrantes dos grupos tornam-se cúmplices de suas ações que conferem pluralidade e vitalidade ao local, por meio do retorno ao vazio, à natureza não humanizada do ser, na qual não há necessidades para além da obtenção do prazer, fonte da relação estética com o sublime.

As práticas apresentadas se realizam em lugares diferentes que, juntos, formam o circuito das práticas: as sombras. Contudo, em razão de suas especificidades identificamos nesse circuito, os "pedaços", uma vez que essa categoria aponta, segundo Magnani (2002, p. 20), para a "referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles". A categoria percebida por Magnani (2002) auxilia a reconhecer as especificidades das relações, por que os jovens estabelecem seus próprios códigos de reconhecimento e comunicação, assim como valores para produção expressa em suas bicicletas, maneiras de se vestir e utilizar o Parque.

Os "circuitos", anteriormente identificados, referem-se à oferta de determinado serviço ou prática de atividades, onde se encontram frequentadores abertos ao cruzamento imprevisto ou encontros ocasionais.

Já o "pedaço", refere-se

> a uma peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas [...] em que o fator determinante é construído pelas relações estabelecidas entre seus membros (como resultado do manejo de símbolos e códigos), o espaço de referência é restrito, interessando mais a seus *habitués.* Com facilidade muda-se de ponto, quando então se leva junto o pedaço (MAGNANI, 2002, p. 21 – 23).

A nova categoria tomada de empréstimo de Magnani (2002) proporcionou a percepção da centralidade nas relações dos sujeitos, visto que são seus códigos, valores e apresentação que determinam quem é do "pedaço" e quem é estranho. Dessa forma, fica claro que o autor sugere que podem ocorrer mudanças de ponto, lugar e espaço, porém, o "pedaço" existente nas relações dos sujeitos acompanha o outro espaço escolhido.

Os jovens no Parque constituem assim, o seu "pedaço", com seus pressupostos e critérios de participação para o engajamento como um membro do grupo. A convivência implica na construção desses critérios por meio da forma como os sujeitos se relacionam e os feitos que realizam, portanto, inserem novas imagens pautadas em uma ética própria que, em determinados momentos difere ou se assemelha às características gerais das práticas dos frequentadores do Parque.

A presença de uma ética própria dos jovens que se assemelha e difere das características gerais possibilita a identificação através de suas maneiras de fazer, marcas coerentes com a lógica do coletivo no Parque e ao mesmo tempo, com a lógica do coletivo do

grupo (pedaço). Em suas maneiras de fazer com os lugares, com os colegas de seu "pedaço" para as invenções cotidianas, unem-se elementos característicos da forma padrão predominante, concebida coletivamente como correta para o uso do Parque, com outros específicos do grupo dos jovens, do "pedaço" que inserem novas possibilidades e evidenciam a parcela de maldade presente nos indivíduos.

Os sujeitos dos "pedaços" permanecem, dessa forma, em um deslocamento contínuo que ora os aproxima da identificação de ser um usuário do não lugar, aquele que passa e permanece sob o efeito do anonimato proporcionado pelas normas, ora desliza para maneiras de fazer, ser, estar e ocupar o Parque identificando-se com os membros do pedaço que atribuem novo significado ao lugar com o consumo de entorpecentes, uso do lago para banho, entre outros.

Semelhante à relação que Elias (2000) analisou e caracterizou como os "estabelecidos" e os "*outsiders"*, os jovens, muitas vezes, estariam no Parque como *outsiders*. Entretanto, inúmeras características impedem o uso pleno desse conceito, empregando-o aqui, apenas de forma alusiva à relação presente no Parque, pois, os jovens, ora se identificam com elementos que os diferem, aproximando-se assim, do que Elias chamou de *outsiders*, ora assumem elementos característicos dos estabelecidos dissolvendo certas barreiras simbólicas de inferioridade. [19]

A aproximação analógica do contexto do Parque com os conceitos dos estabelecidos e *outsiders* possibilita compreender a complexidade entre as relações dos sujeitos, por que elas apresentam a ambivalência causada pela presença do "aspecto noturno e inquietante da vida" integrada na "estruturação coletiva" (MAFFESOLI, 2004, p. 135). Uma complexidade que opera o sentimento de estar junto nos sujeitos, pertencer ao seu pedaço por meio de uma

[19] Norbert Elias (2000) forjou os conceitos de "estabelecidos" e *"outsiders"* para explicar as características entre sujeitos que moram ou compartilham um mesmo espaço, bairro, rua, etc., porém ocupam e se consideram diferentes uns dos outros. Os "estabelecidos", para Elias (2000), seriam aqueles que estão a mais tempo no local e que ocupam posições que lhes conferem poder de interferir e organizar o local. Consideram-se superiores e acima dos "*outsiders"*. Já esse segundo conceito refere-se aos sujeitos que "chegaram depois" no local e não dispõe, ou lhe é permitida, a ocupação de posições que possibilitem a modificação e intervenção no local. Os "*outsiders"* são considerados inferiores pelos "estabelecidos" até o ponto em que criam para si uma autoimagem de inferioridade. Optamos por utilizar os conceitos de forma alusiva para a questão de que em determinados momentos os jovens (no pedaço), que ocupam a área do restaurante, a praça, a trilha ou outros espaços, são considerados inferiores, devido às suas práticas, maneiras de fazer, a parte de maldade expressa em suas transgressões. Percebemos isso no fato de os demais frequentadores ("estabelecidos"), mesmo aqueles que não praticam esportes, não cruzam as áreas nas quais estão os jovens, assim como fazem das revistas policiais um espetáculo que assistem sentados em suas cadeiras nos "camarotes", ou áreas livres das práticas: as sombras. Contudo, como apontado, os conceitos são utilizados para evidenciar pontos de diferenciação, uma vez que em determinados momentos os jovens dos pedaços assumem papeis dos "expectadores" ("estabelecidos"), "estabelecidos" misturando-se a eles.

ligação afetiva, emocional que atrai mais pelas experiências vivenciadas juntas, do que por justificativas edificadas sobre uma explicação ideologicamente estruturada.

A (re) ligação operada às sombras ocorre no limiar do não lugar, mas, nem por isso possui menos potencial na composição do cotidiano dos sujeitos no Parque, pois, como visto nas características do impressionismo, compreendidas por Seurat, as sombras também possuem cores e são consideradas para além da simples oposição entre claro e escuro, por percebermos sua contribuição para a qualidade da estética.

Nesse sentido, como expresso nas palavras de Maffesoli (2004, p.154) "vemos despertar um mundo bem *mais complexo*, embasando-se no aleatório que, de modo orgânico, integra uma porção de morte". Operamos, com isso, com o procedimento que Maffesoli (2010) chamou de aglutinação ao considerar a porção de maldade que entrecruza as relações dos sujeitos no Parque e constitui aquilo que chamamos de socialidade num aspecto aleatório do devir. A aglutinação "cola" elementos que antes eram discriminados pelas perspectivas generalistas, incluindo-se, as tonalidades conferidas pela parte de maldade.

São esses contrastes e tonalidades que procuramos apontar nas características apresentadas no Parque e na obra de Seurat. A polifonia da vida social que convive com, "a sombra que plana sobre as instituições e os espaços", (MAFFESOLI, 2004, p. 133), compondo "pedaços" com suas histórias, identidades, provas de vivências, símbolos, códigos e expressões de sua maldade, as quais influenciam e constroem, proporcionam intensidades e prazer no trágico. Ambivalência entre o bem e o mal presente nos sujeitos, uma vida dupla que os faz morrer uma dupla morte, pois, "é esse, certamente, o trágico da intensa condição humana, mas é também o que lhe confere toda sua qualidade" (MAFFESOLI, 2004, p. 133).

CAPÍTULO 4

UMA EDUCAÇÃO MENOR NAS TÁTICAS E ASTÚCIAS DOS SUJEITOS

Com as discussões desenvolvidas anteriormente, percebemos as diferentes tonalidades conferidas ao cotidiano do Parque, por meio das práticas e ações dos sujeitos. Estão inscritas nessa nova socialidade as maneiras de fazer 'com' os lugares e aparelhos dos espaços do Parque, em substituição ao homem que usufrui, transforma e explora a natureza, numa relação de dominação.

Nesse sentido, apresentam-se diante de nós relações de trocas, construções e colaborações entre os sujeitos, no intuito de viabilizar conexões com o local e os outros que possibilitam uma construção subjetiva na alteridade. Os elementos do contexto do Parque como as práticas, estéticas, performances e lugares compartilhados pelos sujeitos indicam a presença de relações de aprendizados. As conexões e trocas com o Outro, estranho ou familiar, previstas ou imprevistas oferecem os pontos da dimensão educativa construída nos espaços do Parque.

A palavra educação tem sua origem etimológica nos termos latinos *educare e educere,* sendo que, para Sampaio (2002, p. 1-2) o primeiro, "significa amamentar, criar, alimentar, [...] a ideia de oferta" que possibilita o crescimento. O segundo significa conduzir para fora, com a ideia de impor uma direção. Com isso, educar, ou educar-se, tanto pressupõe pôr-se a caminho, ou impor uma direção para a apropriação de conteúdos relativos a seu meio cultural e outros, bem como oferecer a possibilidade de vivenciar processos e aprender durante as construções, produções e reinvenções. Essa dupla proposição do termo não exclui o desenvolvimento de uma postura ativa do sujeito que constrói sua subjetividade por meio da relação, colaboração e conexões estabelecidas no local.

Implícito nesse processo está a possibilidade de autonomia do sujeito que varia em decorrência da imposição normativa ou coercitiva do contexto, institucional ou social, no qual são estabelecidas as trocas e conexões para aprendizagem. As interações tecidas provocam ruídos nas recomendações normativas e prescritivas no Parque com o desenvolver de pequenos acontecimentos que escapam do contexto da máquina de controle e compreende características daquilo que Silvio Gallo (2002) chamou de "educação menor".[20]

[20] Diferentemente do sujeito cartesiano com sua identidade unificada centrado na razão e consciência para agir sobre o mundo a autonomia do sujeito aqui é entendida no sentido de que por meio do estar-junto, com outros

Silvio Gallo (2002) forjou o conceito de "educação menor" a partir do estudo do conceito de "literatura menor", proposto por Gilles Deleuzze e Félix Guatarri no livro "Kafka - por uma literatura menor" [21], quando analisaram a obra de Franz Kafka. No que se refere ao conceito de literatura menor, os autores expõem que "não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior" (DELEUZE; GUATARRI, 1977, p. 25). Assim, são os procedimentos de utilização e expressão que (re) contextualizam a língua maior, atribuem-lhe novas características e jamais toma seu lugar ao manter seu caráter de resistência.

Nessa perspectiva, o conceito de literatura menor possui três características específicas, são elas: a desterritorialização, o político e o valor coletivo. A desterritorialização consiste no uso que uma minoria faz de uma língua maior que não é sua, mas, que devido ao contexto, reinventa-a, retira-a de sua tradição, de seu território empregando-a para usos menores em outro território, estranho a ela.

A segunda característica é o caráter político dessa relação, em que a atitude de reemprego de uma literatura maior cria novos elos de conexão que se abre a possibilidades. Silvio Gallo (2002) ajuda a definir esse emprego ao dizer que,

> a literatura maior não se esforça por estabelecer elos, cadeias, agenciamentos, mas sim para desconectar os elos, para territorializar no sistema das tradições a qualquer preço e a toda força. Para a literatura menor, o próprio ato de existir é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído (GALLO, 2002, p. 172).

As palavras do autor esclarecem a presença do caráter político de forma intrínseca na literatura menor, uma vez que seus modos de realização buscam subverter ou, ao encontro do que diz Michel de Certeau (1994): inserir novas maneiras de fazer frente à literatura maior. Com isso, temos a terceira características da literatura menor, na qual, segundo Deleuze e Guatarri (1977, p. 27, grifo do autor), "tudo adquire um valor coletivo [...] não há mais sujeito, **há apenas agenciamentos coletivos de enunciação**". Assim, de acordo com Silvio

sujeitos no Parque, com o engajamento em suas práticas e maneiras de fazer essas práticas, há a possibilidade de um sujeito que é construído no coletivo interferir no estabelecimento de novas formas de agir e se apresentar no Parque, instaurar novas características de ser/estar organizadas a partir da identificação com diferentes grupos que fornecem fragmentos/memórias/conhecimentos que são reorganizados pelos sujeitos mediante as variações da imposição normativa do Parque (não –lugar). O sujeito não impõe de forma autônoma um eu coerente, mas impõe um nós momentâneo e móvel.

[21] DELEUZZE, Gilles, GUATARRI, Félix. *Kafka - por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

Gallo (2002, p. 172) "os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade".

O conceito de educação menor proposto por Silvio Gallo (2002) opera um deslocamento do conceito de literatura menor apresentado pelos dois autores franceses. Em sua estruturação, mantêm as três características evidenciadas, entretanto, inserem-nas em um novo contexto: a educação. Com isso, a educação maior é representada pelos documentos oficiais que regem o ensino nas instituições e que "estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar e porque ensinar" (GALLO, 2002, p. 174).

Uma educação menor, nesse sentido, é a

> revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e **militância** (GALLO, 2002, p. 173, grifo nosso).

Nesse sentido entendemos a educação menor, para qual a característica de desterritorialização encontra-se em resistência às imposições de uma educação maior, às suas normas e, com isso, gerar novas possibilidades de aprendizado naquele contexto. Enquanto para a literatura menor, a desterritorialização era da língua, na educação, é das Diretrizes, Parâmetros, Constituição, entre outros documentos que regem a educação maior, pois, "a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível" (GALLO, 2002, p. 175).

A segunda característica, sua ramificação política, refere-se ao próprio caráter revolucionário de resistência que cria novas possibilidades no ambiente educacional e interfere no estabelecimento da educação maior. Com esse fator político, a educação menor é rizomática [22] pois favorece a construção de elos e conexões entre os educandos e professores, assim como entre os professores e seus colegas.

[22] A noção de rizoma na Filosofia foi proposta por Deleuze e Guatarri (1995) em contraponto à noção de evolução linear, representada pela imagem da árvore. Na Botânica, um rizoma cresce horizontalmente ramificando-se em possíveis verticalizações. Essa característica do rizoma foi incorporada ao pensamento epistemológico de Deleuze e Guatarri (1995) para exemplificar a não existência de afirmações mais fundamentais do que outras, assim como podendo originar brotos e ramificações em toda a extensão da planta.

> Não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma (GALLO, 2002, p. 175).

Fazer rizoma sob a perspectiva de um projeto que não possui início nem fim, no qual não se estabelece a solução perfeita e acabada passível de se atingir, mas sim, possibilitar a construção criativa por meio das trocas em sala de aula e no contexto educacional, que faz emergir possibilidades na vivência dessa "miséria da sala de aula" (GALLO, 2002, p. 175).

Por fim, o valor coletivo como a terceira característica identificada inicialmente, na literatura menor e agora presente na educação menor, refere-se à impossibilidade de isolamento das ações, assim como seus efeitos. As construções partem de um grupo, e ainda que com características singulares a um sujeito, contêm a multiplicidade coletiva. Nesse sentido, corroboramos o que diz Silvio Gallo (2002, p. 176), "não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também".

A proposição educativa do conceito de educação menor oferece os elementos necessários para percebermos e mostrarmos os pontos da atmosfera educativa nas práticas de utilização do Parque, pelos sujeitos, em seu cotidiano. Nesse sentido, nos apropriamos das características apresentadas por Silvio Gallo (2002) referentes à educação menor, para percebermos relações de aprendizagem presentes no Parque.

Evidenciamos o caráter rizomático dessa educação menor, da aprendizagem, na qual está presente o papel militante dos sujeitos que partilham e vivem juntos experiências de sofrimento, libertação e, como sugere Juremir Machado Silva (1991), a miséria desse cotidiano não oferece mais tempo para planos utópicos de ações. As construções são elaboradas por meio do contato, das conexões, sem a presença verticalizada da figura do professor profeta que, segundo Silvio Gallo (2002, p. 170-171) consiste no professor "consciente de suas relações sociais, de seu papel político" que critica o presente e procura apresentar a solução, a possibilidade de um mundo novo.

Vemos no Parque a figura do sujeito militante que, no entanto, não se centra em um sujeito, mas que é representado pelo coletivo em um movimento de estabelecimento dos elos

que ligam, constroem e produzem um modo de ser/estar no Parque e na sociedade. Os sujeitos aprendem com os familiares e os estranhos, com os iguais e os diferentes, movidos por motivações, vontades, amores, pois, como sugere Maffesoli (2007, p. 38), "a vida cotidiana não é tributária da simples razão, ou antes, esta não é a chave universal daquela. É necessário acrescentar-lhe o papel da paixão, a importância dos sentimentos compartilhados".

Os sentimentos, emoções e paixões que unem os sujeitos em torno das interações cotidianas constroem um sujeito que, ao mesmo tempo em que subjetiva, é subjetivado, incorpora práticas de utilização, objetos, acessórios, produzindo e apropriando-se das estéticas cotidianas do local. Os saberes se conectam e emergem das invenções cotidianas dos sujeitos, despertadas pelas situações vividas e que, por serem diferentes dos saberes instituídos, evidenciam a vida que se repete nos "frenesis corporais, as agitações musicais, as contorções teatrais, as histerias próprias a religiosidade" (MAFFESOLI, 2007, p. 40), que caracterizam os tempos Pós-Modernos.

Nas interações no Parque identificamos esse potencial educativo nas atividades compartilhadas pelos sujeitos no circuito do consumo, as quais incorporam a prática de alimentar os peixes com ração, as relações de compra e venda com a identificação dos vendedores que oferecem seus produtos com um preço menor, assim como, os próprios vendedores ambulantes que estabelecem conexões e trocas que, por sua vez, lhes oferecem saberes para iniciar a comercialização de novos produtos no Parque.

Nessa última contribuição, nascida de um exemplo de relação rizomática, percebemos o aumento do número de vendedores e a diversidade de produtos oferecidos, como por exemplo, a presença da cama elástica e de balões enchidos com gás hélio que, a cada momento, são ofertados de forma mais efetiva no espaço do Parque.

Na identificação dos vendedores que oferecem o menor preço para compra de produtos, as crianças ganham papel de destaque, uma vez que comunicam umas as outras, qual o preço dos produtos assinalando o que está mais em conta. Estabelecem maneiras de se comunicar, de compartilhar, comunicam mais que uma informação por que instituem um valor cultural. Esse as acompanha durante suas interações com a atitude de compartilhar suas descobertas para contribuir com o outro ou não, assim como o estabelecimento de uma necessidades: a de obter mais do outro, oferecendo menos de si.

Esse elemento torna nítido os pontos de uma individuação sem sujeito, a qual estabelece um elo, uma solidez que o liga em torno de um valor coletivo, um saber comum estabelecido sob a interação militante, autônoma e coletiva dos sujeitos e que nunca é isolado.

Nesse mesmo circuito, temos os aparelhos de exercícios construídos para os adultos e frequentadores reconhecidos pelo Parque como da melhor idade, conforme as indicações nas placas, assim como as dimensões dos aparelhos instalados. Como evidenciado anteriormente, esses lugares de exercício são utilizados pelas crianças que saem do *playground* para brincar nos aparelhos, sozinhas ou ao lado dos adultos e colegas. Entre as invenções de novas maneiras de utilizar os aparelhos percebemos, ao observar algumas crianças, a tentativa de reproduzir os movimentos realizados pelos adultos.

O cuidado com o corpo, por meio da prática corriqueira de exercícios, é incorporado e apreendido pelas crianças e jovens que, mesmo sem a presença de adultos ou colegas, realizam seus exercícios por alguns minutos e confirmam o valor coletivo construído junto. Claro está que esse valor se insere em um cotidiano múltiplo dos sujeitos e em cada construção proporcionada pelas conexões, novos valores surgem e convivem simultaneamente e partilham, muitas vezes, o engajamento efêmero dos sujeitos.

As placas inseridas no espaço do Parque também contribuem para estabelecer elementos de aprendizado. Na placa da entrada, na segunda parte do Parque, percebemos indicações da necessidade de fazer alongamentos corporais antes e depois dos exercícios, semelhante a outra que está em frente aos aparelhos de exercício que aponta para a necessidade do frequentador dar a preferência para as pessoas com mais de 60 anos, chamadas pelo Parque de “pessoas da melhor idade”, assim como a necessidade de visitar o médico regularmente, sobretudo, antes da prática de exercícios físicos.

Fotografia 39: Placa da entrada na segunda parte do Parque.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Fotografia 40: Placa em frente aos aparelhos de exercícios.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

As placas distribuídas no espaço do Parque, ao sugerirem as ações descritas, contribuem para a construção dos sujeitos, assim como as relações tecidas na alteridade. A

forma como os frequentadores desenvolvem seus exercícios e demais atividades de esporte estabelece uma atmosfera de coprodução das subjetividades sob um espaço de libertação para além dos limites propostos pelas indicações das placas no Parque.

Podemos aproximar, analogicamente, as normas prescritivas e proibitivas do Parque, ao conceito de educação maior proposto por Sílvio Gallo (2002), uma vez que busca instituir conteúdos para as relações dos sujeitos. No Parque percebemos a distribuição de diversas placas com o mesmo enunciado escrito na parte inferior: + segurança, + limpeza, + lazer, + natureza, + conforto, + saúde = + bem estar.

Nesse enunciado encontramos elementos que constituem um imaginário das relações a serem tecidas no contexto do Parque e seu propósito. Esse "formismo" emprega suas marcas nas maneiras de fazer dos sujeitos nesse local e estabelece quais os pressupostos necessários para a socialidade, ou seja, estabelecer a necessidade de vivermos em busca do perene "bem estar", amortizando ou desconsiderando a presença da parte de maldade, já indicada em nossa discussão no capítulo anterior. Da mesma maneira aponta o caminho para que possamos atingir esse "bem estar", por meio do aumento de segurança, limpeza, natureza, conforto e saúde.

As palavras inseridas indicam as posturas dos sujeitos e os elementos que necessitam de cuidado para a manutenção social. Dessa forma, é preciso cuidar com a segurança para a conservação, tanto de si como do outro. A limpeza, relacionada tanto à organização do espaço quanto à corporal, visto que esse valor pode se estender à limpeza das demarcações corporais como tatuagens, *piercings*, alargadores, entre outros, que podem estar em desacordo com a última palavra apresentada na placa: saúde.

Nesse conjunto de pressupostos para o bem estar está também o indicativo da necessidade do contato com a natureza e o conforto. É necessária a natureza e suas características para a purificação do corpo e a manutenção da saúde. O enunciado na placa novamente sugere práticas e a educação de nossas ações ao inserir determinados saberes como necessários à vida cotidiana.

No entanto, o potencial educativo das relações estabelecidas de forma militante entre os sujeitos que interagem e fazem rizomas, podem produzir valores diferentes dos evidenciados nos dizeres dessas placas e contribuir tanto quanto essas, para a construção dos sujeitos. É o caso das ações de redução das reservas de natureza do Parque que vão de

encontro ao proposto nas placas quando sugerem um aumento da natureza como condição para o bem estar.

Fotografia 41 e 42: Área de preservação retirada.

Fonte: Manoel da Motta Filho.

Na imagem acima, identificamos tocos de pequenas árvores, recém-cortadas, que mostram as atividades de diminuição da natureza, ao invés do, "+ natureza", proposto pelas placas. A coexistência desses dois elementos visuais no contexto do Parque representa a multiplicidade, muitas vezes contraditória, que concorre para a construção das maneiras de ser/estar dos sujeitos.

Vemos ai que as maneiras dos sujeitos fazerem com e nos lugares e espaços do Parque, estabelecem uma ética frequentemente diferente da explícita nas placas e modos de utilização predominantes no "não lugar". Esses modos de fazer contribuem para a construção de uma nova estética sob um processo chamado, analogicamente por nós, de educação menor como ações, práticas e características de utilização que provocam rachaduras nas prescrições sociais e saberes instituídos.

Nos jogos de futebol apresentados já nas discussões anteriores, identificamos a presença constante do conflito como uma das formas de expressão da parte de maldade que marca a ambivalência presente no ser. Os conflitos são constantes e se originam dos insultos dos jovens aos colegas ou provocados por lances do jogo cujo objetivo é vencer o adversário. Essas características tornam-se fundamentais para construção do indivíduo, uma vez que, de acordo com Simmel (1983, p. 123 -124), ele "não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva – segundo normas lógicas, objetivas, religiosas ou éticas – dos conteúdos de sua personalidade".

A contradição e o conflito se manifestam em cada momento da existência humana para produzir a personalidade dos sujeitos. Unidade que não se refere ao movimento de subtração da dimensão positiva ou negativa do ser e no contexto do Parque permanecendo assim, apenas a unidade de uma das partes, mas, resultante da soma dessas contradições que permanecem e convivem, compondo com pequenas pinceladas a forma social.

> Assim como o universo precisa de "amor e ódio", isto é, de forças de atração e de forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis. Mas essas discordâncias não são absolutamente meras deficiências sociológicas ou exemplos negativos. Sociedades definidas, verdadeiras, não resultam apenas das forças sociais positivas e apenas na medida em que aqueles fatores negativos não atrapalhem. Esta concepção comum é bem superficial: a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas as categorias de

> interação, que se manifestam desse modo como inteiramente positivas (SIMMEL, 1983, p. 124).

Nessa perspectiva, a experiência do conflito torna-se importante quando as malícias, contestações do outro compõem e servem de laboratório para a construção de maneiras de agir numa sociedade dual, conflitual, composta por uma unidade que aglutina expressões divergentes. Podemos ver a expressão conflitual entre o grupo de jovens, nas famílias, nas crianças no *playground* que simulam confrontos com bolas de areia ou estabelecem confronto entre os meninos e meninas e, até mesmo, entre as estéticas predominantes no Parque em relação às práticas e estéticas desenvolvidas no circuito das sombras.

As práticas dos jovens no circuito das sombras inserem relações conflituais nos grupos e entre os grupos do Parque, por que criam suas próprias estéticas e ritualizações que, seguidamente, não condizem com as prescrições das práticas da maioria dos sujeitos. Para Simmel (1983, p. 126), essas "hostilidades não só preservam os limites, no interior do grupo, do desaparecimento gradual, como são muitas vezes conscientemente cultivadas para garantir condições de sobrevivência".

A hostilidade e diferenças produzidas, "muitas vezes conscientemente cultivadas" como propõe Georg Simmel (1983), constituem um elo entre os sujeitos que garante a preservação do grupo por meio da resistência e se insere como substância que viabiliza a existência na alteridade.

As interações conflituais constroem uma aprendizagem das relações necessárias à vida social, pois,

> a oposição de um membro do grupo a um companheiro, por exemplo, não é um fator social puramente negativo, quando muitas vezes tal oposição pode tornar a vida ao menos possível com as pessoas realmente insuportáveis [...] a oposição nos dá satisfação íntima, distração, alívio, assim como, sob condições psicológicas diferentes, nos dá humildade e paciência (SIMMEL, 1983, p. 127).

A humildade e a paciência são dois elementos proporcionados pela interação conflitual presente no Parque, tanto no que diz respeito às interações conflitais físicas, quanto às culturais, éticas e estéticas das diferentes formas de expressão dos sujeitos. A oposição participa da construção do sujeito ao proporcionar o conhecimento de diferentes formas de

relação na alteridade, visto que o convívio em determinado contexto pressupõe o diálogo com a multiplicidade (econômica, social, cultural, étnica, valores), constituinte da realidade.

Junto à constituição dos grupos, proporcionada pela presença de relações conflituais nos locais do Parque, está a possibilidade de os sujeitos conhecerem a si mesmos, uma vez que,

> a experiência cotidiana mostra quão facilmente um conflito entre dois indivíduos transforma cada um deles, não apenas em sua relação um com o outro, mas consigo mesmo. Antes de mais nada existem para o indivíduo as consequências desfiguradoras e purificadoras, enfraquecedoras ou fortalecedoras do conflito (SIMMEL, 1983, p. 150).

Com isso, vemos que, além de nutrir criações nas maneiras de fazer dos sujeitos que constituem a forma espetacular com a qual seu grupo ou semelhantes se apresentam, a presença do conflito nos jogos, esportes e brincadeiras realizadas no Parque, alimenta o processo de construção e reconstrução das identidades dos frequentadores. Por meio das experiências de confronto entre um 'eu' e um 'outro' que as semelhanças e diferenças podem ser apreendidas pelos sujeitos.

Nessas interações encontramos os elementos que representam a dimensão cultural educativa do Parque. Além das características mostradas, percebemos as práticas apreendidas por meio dos projetos desenvolvidos pelas empresas de plano de saúde no que se refere à prática de esporte e cuidado com o corpo, a procura por minhocas e posteriormente, pela pesca realizada no rio, com a observação atenta das crianças, a presença de demarcadores culturais como o chimarrão, seus apetrechos e ritualizações para o preparo, o tererê, com sua virtualização e atualização sobre novas formas de consumi-lo[23] ou até mesmo, o uso do *narguilé* para o fumo de diferentes essências que, também tem suas características virtualizadas e atualizadas com o uso de novos líquidos no recipiente destinado à água.

Esses elementos carregam consigo as características múltiplas do período Pós-Moderno, no qual as conexões reconstroem os sujeitos a cada momento. Interessa fazer rizomas, viver a miséria cotidiana e tirar daí efeitos novos que só são possíveis pela presença e trocas do grupo, num coletivo que representa o caráter múltiplo da cultura no cotidiano dos sujeitos, bem como as novas formas de aprendizagem que diferem do modelo moderno.

[23] Pode ser percebida uma variedade das bebidas utilizadas para o consumo do tererê, entre elas: sucos em pó preparados com água, refrigerantes à base de limão, água gelada e água gelada com ervas.

Na Modernidade a cultura era entendida de forma hierarquizada, como algo a se atingir por meio da educação institucionalizada.

> Aceitou-se, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor - fosse em termos materiais, **artísticos**, filosóficos, científicos, literários etc. Nesse sentido, a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade. Assim, a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia monocultural. E, para dizer de uma forma bastante sintética, a educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura, tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos (VEIGA-NETO, 2003, p. 4).

A cultura tida sob uma perspectiva monocultural designava à educação o papel de conduzir os sujeitos para o domínio dos conteúdos de excelência já produzidos pelos grupos tidos como cultos. Essa valorização de determinadas normas e elementos culturais em detrimentos de outros, originou diferenciações entre "alta cultura" e "baixa cultura", sujeitos cultos ou incultos, ou mesmo, dizeres como: essa cultura é superior àquela (VEIGA-NETO, 2003, p. 4).

Vemos que em favor do estabelecimento de um princípio universal de conduta moral, disciplinar, bem como dos conhecimentos fundamentais a todo homem culto, a educação visava à correção dos "pequenos" desvios na sociedade, uma vez que, nas palavras de Veiga-Neto (2003, p. 7), "o que estava em jogo era a imposição, pela via educacional, de um padrão cultural único", sob um padrão único de educação. Nessa dimensão encontra-se o fracassado sentido higienista da Modernidade, do qual fala Michel Maffesoli (2004), a que, segundo Veiga-Neto (2003, p. 7), deveria se tornar "a mais homogênea e a menos ambivalente possível".

No trabalho desenvolvido por Seurat encontramos nas representações de seu quadro, elementos desse imaginário monocultural. A maneira de se vestir para ir à ilha e a presença do macaco e da cocota denunciam a tentativa burguesa que, sob um ideário monocultural, buscava estabelecer e instituir uma alta cultura, como apontado por Alfredo Veiga-Neto (2003).

O contexto da Ilha da Grande Jatte, representado por Seurat, com a postura dos frequentadores, as práticas de utilização do local e as características dos acessórios que utilizam, reflete uma forma de ser no contexto burguês, do século XIX, na França. A distribuição dos elementos no quadro evidencia, mais que a valorização de determinadas ações e comportamentos, constitui uma performance, uma maneira de fazer do cotidiano dos sujeitos.

A intensão do pintor em representar essa atmosfera monocultural é reforçada com a forma quase abstrata com que pinta a enfermeira, sentada à beira de uma árvore, no lado esquerdo do quadro. As crianças da pintura apresentam-se como novas evidências de um processo educacional que conduz e guia a uma forma culta de estar em sociedade, sobretudo, por, pelo menos duas delas, estarem representadas no quadro sob os cuidados das senhoritas ao seu lado.

Entretanto, é no processo de criação de Seurat que percebemos o que poderíamos chamar de intuições artísticas que permitem a compreensão da monocultura presente em sua época. A construção de sua técnica de pontilhismo se torna um exemplo dessa intuição que cria e experimenta novas formas de representar os elementos cotidianos e não pressupõe a aceitação de todas as normas estéticas consideradas como a forma culta de fazer uma obra de Arte.

A nova característica expressa na técnica desenvolvida por Seurat resultou na dificuldade que encontrou para participar de uma exposição junto aos impressionistas em 1886, quando os pintores não aceitaram que sua obra fosse exposta com as demais. Esse fato resultou na exposição de sua pintura em um espaço separado (WINNAN, 2005). O trabalho de Seurat representa, com isso, o diálogo e estabelecimento de conexões com as convenções tanto no contexto mais amplo, quanto entre os impressionistas, mas que, não o classifica em nenhum, devido às especificidades de sua composição.

Durante o processo criativo para a produção daquela que seria uma das suas principais obras, emergiram descobertas de novas formas de registro e observação do cotidiano, um processo de aprendizado que representou o estabelecimento de fissuras na noção de educação do período, bem como de conhecimentos valorizados. O próprio desenvolvimento do trabalho insere-se como produção de novos conhecimentos e formas de documentação que viriam a consolidar percepções em inúmeros outros contextos.

Esses elementos da iniciativa de retratar a opulência burguesa são perceptíveis ao que poderíamos chamar de uma denúncia da hierarquização da cultura, dos costumes, das práticas, entre outros. São indícios da mudança de compreensão da palavra "cultura e educação" que veio a ser chamada por Stuart Hall (1997) como "virada cultural", por que a cultura não era mais pensada de forma central, instância privilegiada ou superior, mas como presente em todos os acontecimentos do cotidiano sob uma relação de horizontalidade a outras dimensões da vida social como a econômica, política, entre outras.

A concepção de virada cultural que se efetivou no século XX, proporciona possibilidades que vão além das tentativas de encontrar elementos comuns entre as culturas que justificariam sua existência como monocultura. Essa concepção monocultural possui um universalismo que é desconstruído, para o qual, segundo Veiga-Neto (2003, p. 8) "seria preciso ir mais fundo para encontrar a lógica única e o repertório comum de princípios, códigos, valores, etc., comuns a todas as culturas e por isso partilhados por todas elas".

À educação, seja no âmbito institucional ou familiar, caberia dizer o que é este mundo e como ele deve funcionar, fato que notamos na rígida condução das crianças, visível na obra de Seurat. Essa característica confirma a postura do professor profeta, apontada por Sílvio Gallo (2002), aquele que conduz o jovem à "salvação" cognitiva e plenitude do ser, mas, que encontra na perspectiva multicultural, desafios que colocam em jogo sua continuidade. Nesse sentido, não vemos a cultura em outro lugar a não ser em um mundo cotidiano, pois, nesse plano ocorrem as trocas e interações que caracterizam a realidade movente de nossos tempos labirínticos.

A realidade não é predada e tampouco passível de conhecimento em sua plenitude, nem mesmo o seu estudo minucioso possibilitaria explicá-la com o objetivo de estabelecer as regras ontológicas da teatralidade contemporânea, ou mesmo lhe conferir poder de classificação e de imposição.

Alfredo Veiga-Neto (2003) sugere que,

> qualquer multiculturalismo já é, pelo menos epistemologicamente, humilde, na medida em que assume que, por mais que se fale, nunca se saberá o que é mesmo este mundo nem como ele funciona. E lembro que essa incompletude do dito não decorre de alguma suposta incompletude do entendimento humano ou do próprio dizer, mas sim da linguagem em que se aloja o dito. Não se chega *lá no mundo,* não porque como humano sejamos limitados, mas simplesmente porque aquilo que chamamos de *lá* – ou talvez seja

> melhor dizer: o *lá* naquilo que ele significa para nós – constitui-se justamente a cada momento em que nele e dele se fala. O *lá* é um mutante em constante mutação não em si mesmo, mas naquilo que se diz dele e, consequentemente, naquilo que se pensa sobre ele. Ora, com isso, qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é construído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam **nele** e **dele**, e como se pode **criar outras formas de estar nele** (VEIGA-NETO, 2003, p. 10, grifo nosso).

Portanto, vemos nas palavras do autor, a impossibilidade de compreender o que é o mundo e como ele funciona em sua plenitude, fato que coloca em cheque a proposição de "chegarmos lá", conduzidos pela obscuridade até o entendimento de sua totalidade. O "lá", o mundo, não decorre de princípios transcendentes preservados em uma realidade exterior às relações humanas, mas se constrói e se modifica constantemente, no cotidiano.

Uma educação sob o contexto multicultural pode nos mostrar o cotidiano como "possibilidade", para além de uma realidade constituída e passível de compreensão. Reencontramos aqui o sentido do professor militante, sugerido por Sílvio Gallo (2002), uma vez que são nas situações e oportunidades oferecidas pelo cotidiano que os sujeitos, dissolvidos nas interações coletivas, criam e reinventam "outras formas de estar nele" (VEIGA-NETO, 2003, p. 10).

É sob a condição multicultural de uma lógica Pós-Moderna que reencontramos esses elementos no contexto do Parque Alvorada - Jorge Backes, por que a interação em seus espaços mostra sujeitos que se constroem e descobrem um mundo que não estaria "lá", mas aqui e agora. Um conhecimento praticado e reorganizado a cada nova troca, interação, conflito, consumo, surgidos dos rituais compartilhados, das características percebidas para ornamentação de suas bicicletas, suas roupas, seus *skates*, nos esportes praticados e compartilhados, bem como nas possibilidades de reinvenção dos lugares tirando dai efeitos imprevistos que os atualizam. Todos esses elementos juntos constroem saberes, subjetividades, ou mesmo, constituem um repertório de maneiras de fazer possíveis no "*theatrum mundi"* (MAFFESOLI, 2010, p. 129).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa nos deparamos com inúmeras questões de ordem metodológica e epistemológica. As situações encontradas a cada momento postularam escolhas que influenciaram diretamente nas incursões a campo, construções e o processo de escrita da dissertação. Com esse movimento percebemos mudanças quanto à forma como vimos e pensamos a pesquisa, a maneira como agimos diante das questões que nos foram postas, assim como sobre os limites e possibilidades do processo realizado.

Em momento anterior, verificamos a característica fragmentada, movente e efêmera de nossos tempos labirínticos (BALANDIER, 1999), junto à impossibilidade de captar sob um olhar pautado na razão, fora da sensibilidade. Esses elementos contribuem para que não seja possível compreendermos um contexto em sua totalidade, diante da quantidade de informações e deslocamentos que proporcionam a sensação de obscuridade (BALANDIER, 1999). Frente a essas características, foi necessário realizarmos escolhas a fim de responder às questões iniciais.

Entre as escolhas encontramos a opção de não utilizarmos entrevistas com os frequentadores. A não utilização desse instrumento pode representar um limite em nossas contribuições ao passo que dialogamos com os elementos que nos eram apresentados, percebidos pelos sentidos e interpretados. Entretanto, muitas vezes no cotidiano, os sujeitos desenvolvem suas atividades e práticas sem possuir as justificativas de suas especificidades, bem como podem não ter plena consciência de suas características, uma vez que partilham e se apropriam de características do coletivo no qual interagem (GEERTZ, 2009).

Essa escolha possibilitou a percepção das interações e suas características sem a influência da visão do sujeito sobre o sentido de suas práticas e maneiras de fazer. Essa contribuição estende-se ao fato de evitar a influência do pesquisador sobre a forma como os sujeitos desenvolviam suas práticas, ao passo que, ao serem indagados e comunicados que estariam sendo observados, poderiam desenvolver atividades de forma estereotipadas, ou até mesmo, suprimir maneiras de fazer ao julgarem incoerentes com as normas do local, uma vez que estariam sendo analisados.

O diálogo com a produção do trabalho de Georges Seurat também se mostrou delicado, por ter sido desenvolvido e se referir ao contexto Moderno, assim como por sua materialidade consistir em uma composição pictórica. Dessa forma, as aproximações por meio

do movimento analógico podem não evidenciar apenas semelhanças ou proximidades nas maneiras de fazer. Diante disso, é importante ressaltar que a escolha de relacionar o Parque com esse material artístico ocorreu em virtude de sua semelhança quanto à intencionalidade do pintor em retratar as práticas burguesas de utilização da ilha, bem como as percebidas em sua técnica de pintura.

A aproximação com o trabalho de Seurat permitiu atentar para especificidades da complexidade cotidiana, tanto por meio de características semelhantes, embora em contextos e tempos diferentes, quanto, justamente elementos que evidenciam o seu retorno, o tempo cíclico, ou práticas que convergem (MAFFESOLI, 2010).

O desenvolvimento da pesquisa levou à compreensão das práticas de utilização dos sujeitos, bem como a ética da estética das interações no cotidiano. Esses elementos, aos poucos, mudaram nosso olhar para o Parque que, anteriormente era visto apenas como um lugar de passagem, o não lugar. Suas cores foram tornando-se mais nítidas e pudemos ver as características específicas em seus lugares, novos significados atribuídos ao lugar, novos contratos estabelecidos entre os sujeitos.

No que diz respeito à questão metodológica e escrita da pesquisa, o movimento proporcionado pelos dilemas encontrados e o processo de análise dos dados resultou no amadurecimento de questões sobre a pesquisa. À medida que nos relacionávamos com os dados colhidos em campo apurávamos nossas percepções, nosso olhar e com isso, as categorias tornavam-se mais evidentes. A cada etapa a camada obscura com aparência inacessível que envolvia as práticas dos sujeitos no Parque diminuía permitindo a percepção de categorias que se repetiam, compunham a rotina e retornavam cada dia, ainda que, de outra maneira.

As percepções iniciais mostraram algumas relações dos sujeitos com os espaços do Parque extraindo efeitos diferentes de acordo com suas invenções cotidianas. Com Augé (2012) vimos que o Parque caracteriza-se como um não lugar por conter espaços padrões utilizado pelos sujeitos sob uma égide reguladora. Nesse sentido, os frequentadores não estabelecem um enraizamento afetivo com o lugar, utilizam-no de acordo com suas normas prescritivas, proibitivas e/ou informativas que direcionam seu comportamento e as características de suas atividades.

Contudo, as normas não são determinantes das interações e ações das práticas dos sujeitos que, por sua vez, familiarizam-se com os espaços e criam lugares por meio de um

vínculo afetivo, bem como pela atribuição de sentido. No Parque (não lugar) observamos essa característica no jogo de bola dos jovens no gramado ao lado da quadra de basquete, no qual os meninos transformavam o espaço de grama em campo de futebol, um lugar de trocar experiências, interações, de fazer brincadeiras, de aprender formas de inter-relacionarem-se, de criar valores, laços de amizades e conviver com os conflitos.

Cada jovem que utiliza esse espaço de grama reinventando-o para além das normas tanto do não lugar, quanto das regras do jogo de futebol, uma vez que os integrantes reorganizam as traves do gol, estabelecem acordos sobre a distância que as posicionam e ampliam seu tamanho colocando-as em pé ao lado de uma árvore que se torna parte do gol. Essa prática fez com que os demais sujeitos do Parque reconhecessem aquele espaço como o local do jogo de bola.

Na cancha de bocha Luiz Varela, também percebemos a criação de um lugar por meio da relação afetiva e as interações estabelecidas. Nesse lugar, os senhores, apontados nas placas do Parque como da melhor idade, fazem acordos para as regras do jogo, bem como constroem uma imagem mental do espaço da cancha, juntamente com suas ações correspondentes. A cada jogada é necessário adequar o movimento para obter o efeito desejado no trajeto da bocha e o conhecimento das inclinações do terreno, das características da superfície do solo são fundamentais para atingir o objetivo do jogo. Essa imagem mental das jogadas, das intensidades e dos espaços constroem-se sob uma característica relacional, identitária e histórica, a cada lance (TUAN, 1983).

Essa forma de interação no Parque diferenciou-se do uso do espaço apenas como um não lugar que se caracteriza pelos lugares de passagem como as rodoviárias, aeroportos, metrôs, parques, entre outros. A utilização do espaço sem a criação de um lugar antropológico (MELEAU-PONTY, 1999), contribui e depende apenas da habilidade espacial, sem ligação afetiva ou atribuição de significado.

No Parque evidenciamos essa característica na prática da corrida, a qual os sujeitos desenvolvem enquanto ouvem música, características similares a dos outros corredores. A semelhança das ações faz com que os sujeitos se reconheçam como iguais aos demais corredores e possam desfrutar do anonimato proporcionado por serem apenas mais um entre os frequentadores que usufruem o não lugar. A prática de caminhar, jogar basquete e realizar atividades nos aparelhos de exercícios, também pode ser desenvolvida pelas maneiras de fazer

pré-estabelecidas e compartilhadas pelos usuários que agem sob uma espécie de contrato com as regras do não lugar.

O retorno ou a criação dos lugares é um movimento possível dos que utilizam o não lugar que, muitas vezes, buscam sua diferenciação ou suprimento de necessidades e desejos. Essas ações tencionam a organização do espaço que utilizam, bem como suas regras de utilização que resultam em resistência por meio de astúcias e táticas nas invenções cotidianas.

Os sujeitos reinventaram os espaços com novas formas de utilização e lhes atribuem novos significados e sentidos. Entre os aspectos percebidos no Parque que evidenciam essas invenções cotidianas dos sujeitos está a prática da pesca na beira do rio, da área de preservação da natureza do Parque, na qual os sujeitos preparam as encostas com a inserção de acessos e descidas até a água. Vemos essa característica também no *playground* utilizado pelos adultos como local de conquistas afetivas, lugar de encontros.

A prática de alimentar os peixes que se modifica na interação com os vendedores de ração que, por sua vez, contribuem para a instituição dessa prática, assim como as correntes nos balanços enroladas pelas crianças para que os maiores também possam utilizá-los nas brincadeiras constituem táticas, astúcias e estratégias despertadas pelas situações, nas quais o sujeito percebe e se aproveita da ocasião para estabelecer pontos de liberdade e expressão.

Encontramos aí o processo de "virtualização" apontado por Pierre Levy (1996) que se refere ao desenvolvimento de uma atividade, prática ou objetivo. Vimos que a virtualização não se opõe ao real, no sentido de que lhe faltaria apenas a realização, uma vez que seu objetivo pode não ser material. Com isso, a virtualização de um elemento consiste num complexo problemático que necessita ser solucionado, ou atualizado. A atualização refere-se ao processo final proporcionado pela virtualização, uma vez que, ao possuir um objetivo, relacionamo-lo às circunstancias, acontecimentos e situações que influenciarão na forma final, atualizando a intenção que antes existia apenas como potência, virtualidade.

Essa característica esteve presente de forma significativa nas práticas de utilização, no cotidiano dos sujeitos no Parque, como, por exemplo, no desenvolvimento das atividades de esporte, para as quais os sujeitos precisam solucionar seu complexo problemático de adaptar o espaço aos objetivos necessários para a sua realização. No campeonato de *skate* observado no Parque, aos organizadores impôs-se a necessidade de efetuar essa atividade, entretanto, não havia um local específico para a realização desse evento, o que possibilitou a reinvenção do espaço da quadra de basquete.

O potencial virtual do desenvolvimento do campeonato de *skate* precisava ser atualizado considerando as circunstâncias encontradas no local de sua realização. Dessa maneira, as características de seu formato final diferenciaram-se da forma com que geralmente é realizado em uma pista apropriada para essa ação. Encontramos esse elemento também nas práticas originadas a partir de uma chuva momentânea no Parque, na prática de esportes como o voleibol, *slackline, badminton* e até mesmo, nos aparelhos de exercícios. Por meio desse processo de virtualização os sujeitos descobrem novas formas, constroem um repertório de táticas e estratégias, aprendem maneiras de fazer e interagir, tanto com os espaços, quanto com os sujeitos que deles se utilizam.

Por meio desse processo, os sujeitos instituem maneiras de fazer diferente das instauradas para o uso de determinado aparelho ou espaço. Essas novas características das práticas de utilização dos sujeitos podem contribuir para o estabelecimento de uma rede de significados e valores de apresentação compartilhados por alguns frequentadores que formam e se identificam como parte de um grupo.

As mesmas características nas práticas que os diferenciam da forma padrão de utilização do Parque servem de elemento de ligação entre os sujeitos por meio da constituição de uma ética para as formas de agir, maneiras de vestir, na seleção das práticas e objetos compartilhados. Como parte disso, destacamos as especificidades contidas nas maneiras de fazer e elementos percebidos no final de semana, em relação aos demais dias.

Nos finais de semana impera uma atmosfera de exceção à rotina com atividades de esportes e práticas desenvolvidas predominantemente, nesses dias. Observar o consumo, a busca pelo prazer, as conversas na grama, a observação dos outros frequentadores, a presença e uso compartilhado do local sem objetivos estabelecidos, sem a tentativa de atingir um resultado futuro, característica que indicava um engajamento sensível pela maioria dos sujeitos no Parque.

Essas e outras maneiras de fazer denotam uma ética na forma de relação dos sujeitos, uma regra geral que regulamenta e serve de parâmetro para ligação entre os sujeitos que compartilham os espaços, as práticas, os alimentos e as bebidas de diferentes culturas, um fio que representa um valor comum entre sujeitos tendo sua força de atração centrada na emoção.

É a emoção que liga os sujeitos e faz com que desenvolvam novas práticas, compartilhem novos lugares e interajam com outros sujeitos. Visualizamos esses elementos no Parque por meio da incorporação de costumes culturais como a prática de tomar

chimarrão, tererê, ou fumar *narguilé*, a ética estabelecida pelos jovens quanto às maneiras de vestir e utilizar determinados objetos, os elementos aceitos e compartilhados para personificação de suas bicicletas, os rituais desenvolvidos no consumo de entorpecentes, bem como para a prática de exercícios, ou mesmo, para a organização dos lugares para vender os alimentos, ração, brinquedos e bebidas.

Todas essas características representam maneiras de fazer compartilhadas e incorporadas pelos demais sujeitos em suas práticas proporcionando um engajamento, muitas vezes momentâneo, com identificação com diferentes grupos no Parque. Com isso, apresentam-se pontos de ambivalência, uma existência conjunta de contrários de forma não excludente que percebemos entre as invenções cotidianas que compõem uma ética da estética específica dos grupos e a ética da relação e maneiras de fazer predominante no Parque, de acordo com suas normas prescritivas. Resulta em uma coexistência de elementos que tencionam as relações e proporcionam uma vitalidade própria no cotidiano dos sujeitos no Parque Alvorada – Jorge Backes.

Na ética estabelecida entre os sujeitos para as interações tecidas no Parque percebemos o retorno desse valor como indica Maffesoli (2010), um tempo cíclico que reinsere formas de relação já existentes, porém, com especificidades do período no qual se apresentam. É o caso das relações familiares percebidas no Parque, as quais se estabelecem nos momentos de descontração, nas brincadeiras, nos passeios observando os peixes no lago, assim como, na prática do piquenique no gramado. O Parque, como lugar dos passeios familiares domingueiros, evidencia uma ética estabelecida e aceita entre os sujeitos que compartilham dessa prática, ao mesmo tempo em que convivem com diferentes práticas, muitas vezes ambivalentes, dos demais conjuntos de frequentadores.

A identificação e compreensão dessas características representam o conjunto das contribuições proporcionadas pelo diálogo com o trabalho e a obra "Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte – 1884/1886", de Georges Seurat que, por sua vez, expressam-se em sua técnica. Em sua técnica os pontos contêm suas singularidades e são aplicados sem mistura, com a cor pura na tela. Suas características permanecem sem homogeneização na mistura com outras tonalidades, com isso, forma-se o conjunto, influenciando e associando-se com os outros pontos de tinta que resulta em uma imagem específica, característica da obra daquele quadro.

Foi em relação à característica do emprego da cor em sua técnica que, de forma análoga, pensamos as práticas e maneiras de fazer dos sujeitos no cotidiano do Parque. Procuramos manter as suas singularidades sem, com isso, operar uma síntese que as excluísse ou transformasse em algo exterior com o objetivo de explicá-las. Dessa forma, nossa intenção consistiu em não secundarizar as práticas percebidas mantendo-as na concorrência do presente, ao invés de discuti-las a partir de elementos exteriores no intuito de compreender os porquês de sua presença.

No cotidiano do Parque, são as interações entre os sujeitos que compõem as características desse contexto. Cada prática realizada, performance estabelecida e ação conduzida são compartilhadas contribuindo para a construção dos sujeitos no coletivo, assim como, a construção da própria característica desse coletivo. Não há contornos, não há determinação nem definição perenes que estabilizem as criações obtidas a partir das interações tecidas. Os pingos dessas maneiras de fazer, inventadas no cotidiano dos sujeitos no Parque, são inseridos de forma pura sem possibilidade de estabelecer contornos, pois isso caracterizaria uma abstração da realidade movente.

São justamente esses acordos e engajamentos afetivos entre os sujeitos e a ética da relação nas diferentes práticas e características dos grupos no Parque, que expressam o princípio educativo que subjetivam os sujeitos. As trocas proporcionam o estar-junto, a apropriação de novos valores e especificidades na forma de vestir, de ouvir música, nas práticas a desenvolver, nas intensidades das ações a estabelecer.

Nessa perspectiva encontramos indícios que levaram à educação menor sugerida por Gallo (2002) como o ponto de resistência às prescrições educativas. Operando uma (re) contextualização do conceito mostramos a característica de rizoma nas interações dos sujeitos, uma vez que estabelecem conexões que contribuem para o contato com novos elementos apreendidos e incorporados em suas práticas.

Por meio desse processo os sujeitos constroem-se no coletivo, tanto por meio da interação com os elementos contidos nas placas que instituem valores a seguir para o convívio no Parque, quanto no experimentar e no vivenciar de processos que resultam em invenções cotidianas com as construções e produções dos sujeitos que enfatizam o aspecto de rizoma pelo estabelecimento de um projeto sem início, nem fim.

Nessas características apresentamos o cotidiano dos sujeitos no Parque com sua vitalidade, sua singularidade, bem como as conexões entre as práticas que compõem a

característica desse não lugar. Um processo que atualiza sobre novas questões como: qual a relação entre as invenções cotidianas percebidas no Parque e os processos educativos estabelecidos na educação formal? Qual a influência e efeitos das aprendizagens estabelecidas no Parque sobre as relações concebidas pelos sujeitos no âmbito familiar e escolar? Como os elementos construídos, apreendidos e incorporados pelas interações no Parque, apresentam-se em outros âmbitos da vida social dos sujeitos?

São questões que se delineiam a partir da potencialidade das contribuições para a construção educativa dos sujeitos, percebidas a cada capítulo desta dissertação. Visíveis na autonomia criativa para reinvenção dos espaços, no estabelecimento de novas estéticas, nas intensidades das relações e nos elementos ambivalentes e contraditórios que convivem. Ainda, notadas na ligação e aglutinação das práticas e invenções que produzem a alteridade e representam o estar-junto na vida cotidiana dos sujeitos que frequentam o Parque Alvorada - Jorge Backes.

REFERÊNCIAS

a) Obras

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9º. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1962.

BALANDIER, George. **O Dédalo:** para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano**. 3º. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Kafka -** por uma literatura menor. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e *outsiders*.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIGUEIREDO, L. C. M; SANTI, P. L. R. **Psicologia:** uma (nova) introdução. São Paulo: Educ. 1997.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin, Companhia das Letras, 2011.

GOMBRICH, E. H. **História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GONDIM, Ricardo. **Eu creio, mas tenho dúvidas**. Viçosa, MG: Ultimato, 2007.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERBERT, Robert L. (org). **Georges Seurat 1859-1891**. Nova York: *Metropolitan Museum of Art*, 1991.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2º. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. 3º. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. O conhecimento comum. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **O mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. A conquista do presente. Natal: Argos, 2001.

_____. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia do estar-junto:** éticas e estéticas no Bairro de São Sebastião do Rocio. 2008. 206 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto alegre, RS, 2008.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** São Paulo: Ática, 2005.

PEREIRA, Aldo. **Georges Seurat**. Rio de Janeiro - RJ: Globo, 1997.

SILVA, Juremir Machado. **A miséria do cotidiano.** Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2011.

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

b) Artigos e capítulos de livros

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin:** conceito-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 191 – 200.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Epistemologia pós-moderna:** a visão de um historiador. Diálogos, DHI/UEM, v. 3, n. 3, p. 1-28, 1999. Disponível em: < http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=290&path%5B%5D=pdf_263 >. Acesso em: 26.08.2014.

FIGUEIREDO, Leila. Território: cidade. In: LYRA, Carla; CAMPOS, Cynthia de Lima; FERREIRA, Felipe José M. et al. **Arte e tecnologia.** Recife: Massangana, 2010, p. 39 – 54.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002.

FRANCISCO BELTRÃO. **Proposição nº 054.** Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, 2005. Ata 2555, de 31/05/2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth. ***Media and Cultural Regularion***. London, Thusand Oaks, New Delhi: The Open University: Sage Publications, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na Metrópole** - Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, nº. 49, jun. 2002.

OLIVEIRA, V. M. F; FABRICIO, Laura Elise de Oliveira; OLIVEIRA, Vania Fortes de. IMAGENS NA PESQUISA COM PROFESSORES: O ORAL E A FOTOGRAFIA. **Revista do Centro de Educação UFSM**, Santa Maria, v. 29, n.01, p. 65-79, 2004.

PAIS, José Machado. **As "cronotopias" e das práticas culturais do cotidiano**. Versão eletrônica do artigo da publicação periódica do Observatório das Atividades Culturais, OBS, nº 4, out. 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (org.). **Ciências Humanas:** pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia de Rua: estudos de Antropologia Urbana. In: Etnografias na Rua. **Revista Iluminuras**, v. 4, nº. 7, 2003. Disponível em: < http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160> Acesso em: 23/04/2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SAMPAIO, Carlos Magno Augusto; SANTOS, Maria do Socorro; MESQUITA, Peri. Do conceito de educação à educação no Neoliberalismo. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.3, n.7, p. 165-178, set./dez. 2002.

VEIGA-NETO. Alfredo. Cultura, culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, nº. 23, mai./jun. 2003.

c) Mapas e Fotografias

MONET, Claude. **Estação de Saint-Lazare.** 1877. 1 Original de Arte. Óleo sobre tela, 76 x 104 cm. *Musée d'Orsay*. París – França. Disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/4719>. Acesso em: 19 abr. 2015.

MOTTA FILHO, Manoel. **Parque Alvorada - Jorge Backes.** 2015. Altura: 1155 Largura: 659. 364 KB. Formato JPEG. 1 Mapa, Color. Disponível em: <C:\MOTTAFH\Parque-Alvorada>. Acesso em: 19 abr. 2015. Material iconográfico obtido por meio do programa Google Earth.

_____. **Parque Alvorada - Jorge Backes.** 2015. Altura: 1344 Largura: 631. 526 KB. Formato JPEG. 1 Mapa, Color. Disponível em: <C:\MOTTAFH\Parque-Alvorada-2>. Acesso em: 19 abr. 2015. Material iconográfico obtido por meio do programa Google Earth.

_____. **Mapa da Ilha da Grande Jatte.** 2015. Altura: 1357 Largura: 551. 874 KB. Formato JPEG. 1 Mapa, Color. Disponível em: <C:\MOTTAFH\Ilha-da-Grande-Jatte>. Acesso em: 19 abr. 2015. Material iconográfico obtido por meio do site Google Mapas.

PREFEITURA MUNICIPAL. **Localização de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão, 1 Mapa. color. Disponível em: <franciscobeltrao.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Localizacao_de_Francisco_Beltrao_no_Parana.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

SEURAT, Georges. **Tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte.** 1884/1886. 1 original de Arte, color. Óleo sobre tela, 207.5 X 308. 1 cem. Art Institute of Chicago – EUA. Disponível, em: <http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/27992>. Acesso em: 19 abr. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL. **Inundação do Parque Alvorada - Jorge Backes.** 2014. Altura: 2592 pixels. Largura: 1562 pixels. 1.71 Mb. Formato JPEG. 1 fotografia, color. Disponível em: <C:\MOTTAFH\Inundação-parque-alvorada>. Acesso em: 19 abr. 2015.

WOLF. **Ilha da Grande Jatte.** 2007. 1 fotografia. Disponível em: <http://www.runningmaps.eu/spip.php?article28>. Acesso em: 19 abr. 2015.